





Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

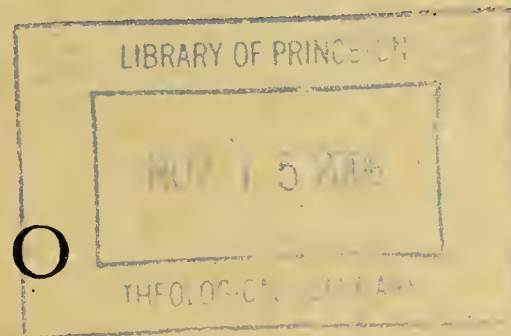
REVISTA INTERNACIONAL

LAP

DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)



SUMÁRIO

As Aparições dos Mortos	<i>Redação</i>
A Fé sem Obras é Morta	<i>Carlos Imbassahy</i>
Que é Religião ?	<i>T. Medina</i>
Advertências Espirituais através dos chamados sonhos premonitórios .	<i>Irmão Saulo</i>
O Paganismo e a Igreja	<i>Mário Cavalcanti de Mello</i>
A Reencarnação na Inglaterra	<i>Deolindo Amorim</i>
Hipnotismo e Espiritismo	<i>V. O. Casella</i>
O Espiritismo não pode descurar .	<i>Mac Maynard</i>
Ponderações	<i>v. Irenedo</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>



Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.^a edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 10,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro.

O Espirito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espirito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espirito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr. \$ 130,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.^a edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 10,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.^a edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. \$ 10,00 e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Na Escola do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Espiritismo e as Doutrinas Es-
piritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencar-
nação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Scañambula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantís:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Es-
píritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

As Aparições dos Mortos

O ESPÍRITISMO, com seus fatos convincentes, irrecusáveis pela sua natureza transcendental, com seus ensinamentos elevadíssimos e sua palavra cheia de autoridade, ante a qual se curvam reverentemente grandes e pequenos, sábios e governadores, abriu uma imensa clareira no caminho trevososo da humanidade.

Todos os problemas insolúveis para os homens, o Espiritismo os soluciona com uma precisão irrepreensível. Sua sabedoria tanto abrange o microcosmo como o macrocosmo, começa no grão de areia e avança para o infinito, contornando mundos sem fim e jamais terminará a sua longa caminhada.

Dando uma idéia do valor desta doutrina grandiosa, disseram os espíritos : «O Espiritismo disse a primeira palavra e jamais dirá a última.»

Sim, jamais dirá a última, porque ele é como um mar sem fundo. A sua sabedoria é ilimitada, e quanto mais o homem nela penetrar mais saberá que nada sabe em face do que lhe resta saber. E isto é motivo de grande gozo, porque quanto mais o homem avançar mais feliz e mais extasiado se sentirá ante o contemplar das maravilhas celestiais.

O Espiritismo é a Lei de Deus que se desdobra em amor, sabedoria e justiça. Sua missão é fazer os homens sábios, amorosos e justiceiros, erguen-

do nêles a fé e a esperança, que constituem a alegria de viver, porque um homem sem fé e sem esperança assemelha-se a uma nau sem bússola e sem governo à mercê das ondas encapela-das. Qualquer desengano, qualquer provação é o bastante para êle revoltar-se e perder a noção das coisas e da vida.

Essa fé e essa esperança, o Espiritismo as ergue na alma do homem, não com palavras ôcas que nada explicam, mas com fatos, que constituem justamente a rocha inabalável da fé e da esperança.

As aparições dos mortos, por exemplo, formam um conjunto de fatos interessantíssimos que necessitam ser estudados e levados a sério pelos homens de tôdas as categorias, porque êles dizem respeito a todos em geral.

Se os mortos aparecem, logo devemos concluir que o homem não desaparece após a morte, que êle continua a viver e que neste caso devemos procurar conhecê-lo o que de positivo existe a respeito.

Os casos de assombrações narrados a todos os instantes, com certo entusiasmo, são a confirmação da existência e imortalidade do espírito. Não devemos temer as aparições dos defuntos, pelo contrário, devemos dar-lhes uma importância tôda especial, procurando no Espiritismo a solução de tão magna questão.

As aparições dos defuntos constituem a proclamação da Imortalidade que é, a seu turno, a base da religião, da ciência e da filosofia. Por isso que sem o conhecimento da Imortalidade não podem ser resolvidas tôdas as questões que dividem os homens e ser exterminada a luta sem quartel que entre êles se desenrola de maneira a mais deplorável possível.

A implantação da Imortalidade, com os seus profundíssimos conhecimentos, no cérebro do homem, dá a êste um novo «modus-vivendi» que muito o felicitará, guiando com acêrto seus passos no caminho da vida.

A questão social, que tanto vem preocupando os homens, ficará solucionada com relativa facilidade, porque será analisada a começar de seus alicerces, de maneira que a reforma possa atingir os objetivos visados.

A ciência e a religião, bases da

sabedoria e da moral, respectivamente, não serão extintas com a ação do Espiritismo, como pretendem, por espírito de combate sistemático, muitos incientes, mas serão enriquecidas com novos e importantes conhecimentos.

Reafirmando a crença na Imortalidade, crença apregoada pelas primitivas doutrinas espiritualistas, que se perdem num passado mui remoto, de milhares e milhares de anos, e ultimamente por Jesus, o Enviado de Deus, as aparições dos endevidamente chamados mortos, contribuem poderosamente para a ascensão da humanidade a planos superiores, que constituem, segundo a afirmativa de Jesus, «as muitas moradas da casa do Pai.»

De novo afirmamos: só o Espiritismo guia, ilumina, reforma e ampara o homem, dando-lhe a felicidade que tanto êle almeja e que em vão procura nas coisas terrenas.



A Fé sem Obras é Morta

IV

Desastre do Império e fim do Rei

A guerra religiosa estende-se à Inglaterra. Já Elisabeth proibira a exportação de mercadorias para a Espanha e a Espanha a de matérias primas para a Inglaterra.

O Papa, por sua vez, lança uma bula de excomunhão contra a rainha, porque ela oprimia a Religião, auxiliava a Holanda e matara Maria Stuart, católica.

Começou na península a estrondosa manifestação religiosa em prol das armas espanholas, que deviam atacar a heresia nas Ilhas Britânicas. Era espectacular: procissões, músicas, orações, flagelações, um ensurdecidor ruído pelas ruas, e o Rei à frente das massas, a carregar andores, a cantar. — Nunca se vira, diz um autor sacro, emprêsa que fôsse tão grata a Deus.

A frota que iria às costas da Inglaterra já não era mais de Espanha, era do Senhor. A vitória não seria de Felipe, nem da Península, mas da Igreja e conseqüentemente do Criador.

Prepara-se a Grande Armada a «Invencível Armada», que parte sob vivas, flôres, tiros, estoiros, berros entusiásticos.

Essa Armada, feita às escondidas, como tudo, ou quase, o que se passava no Reino, era composta de 150 navios, grandes, maiores que quaisquer outros; custaram 150 milhões de escudos.

Deviam êles fazer contraste com as três mofinas caravelas que emprestaram a Colombo; entretanto, estas iam à descoberta de um novo mundo, enquanto a poderosa frota destinava-se a amordaçar consciências.

Além daqueles navios, bem tripulados e bem armados, havia outra esquadra de transporte, com um exército para o desembarque nas Ilhas Britânicas, pronta a zarpar de Flandes.

Os navios tinham nomes de santos e apóstolos, e 21 foram batizados com os diferentes nomes da Virgem. Embarcaram ainda para a gloriosa jornada cem frades sob a direção do Vigá-

rio Geral do Santo Officio. O Chefe da Invencível, da Frota Divina, era o Duque de Medina Sidônia.

Mas, por mais incrível que pareça e custe a acreditar, Deus foi derrotado. Talvez se tivesse vencido a si próprio, porque uma tempestade aniquilou a frota, e os inglêses fizeram o resto. Isto foi em 1588.

O embaixador francês mandava dizer a Sua Majestade Católica que sua força naval tinha feito sossobrar 15 navios heréticos e repellido os inglêses até Dover. E Felipe já declarava que Deus estava alerta, quando o alertaram a êle do desastre naval.

Pede, então, o auxílio do Peru, porque a *plata* já lhe estava faltando. E o ouro também. O Peru lhe envia o que pede, mas os piratas o tomam no caminho. Deus fechava ainda os olhos.

Os Países Baixos continuavam a resistir e o que mais entristecia Felipe era não ter podido prestar a Deus o serviço que Deus lhe exigia.

Não sabemos como lhe chegou ao conhecimento essa exigência divina. Como quer que seja, manda que se rendam graças em tôdas as igrejas, não se soube porque.

O Duque, Almirante da Grande Armada, chegou a Santander com o que escapou, mas tudo tão avariado que não havia esperanças de consêrto.

E o rei voltando à calma habitual: — Podia ser pior!

E alguns em surdina, receiosos do garrote: — Mas pior como?...

* * *

Realmente a indagação era justa. A Espanha acabara perdendo as Províncias Unidas, ou seja importante nação marítima e de grande comércio; vira destruída sua poderosa frota, com que pretendia manter o domínio dos mares; depois, sobe ao trono de França Henrique IV, para o enfraquecimento do qual, como protestante que era, Felipe espendera grandes somas e esgotara os seus recursos políticos, alguns bem ordinários; perde ainda, com a expulsão dos mouros, braços afeitos ao trabalho, inteligências cultas, em suma, uma população rica, hábil, ativa, industriosa.

A indústria estava paralisada; as riquezas que os espanhóis pilhavam na América eram por sua vez pilhadas pelos piratas; a agricultura empobrecida, desaparecia; a população se via aterrada pelas fogueiras, dizimada pelas guerras, desfibrada pelos conventos, inutilizada pelo fanatismo, de que o monarca dava o exemplo. Já não havia numerário, são suspensos os pagamentos, declara-se a bancarrota.

E Felipe a afirmar que podia ser pior!

* * *

Em 1597 enviados do Rei andaram por tôda a parte procurando relíquias a fim de as trazerem para a Espanha; eram auxiliados por padres e frades, bispos e cardiais, aduladores de todos os feitios e até pelo Papa. As caixas com sua preciosa carga, mais felizes que a esquadra, escaparam dos calvinistas. Chegaram, e logo se realizou uma imponente procissão. O rei, por então, mal podia caminhar, e sua maior dor era lhe faltarem as pernas quando mais precisava delas para acompanhar o Santíssimo.

Já estava esgotado com os contratempos, com as genuflexões, com as rezas. Eram orações de manhã à noite. Sentia-se enfêrmo, tinha um filho débil e via o Império desamparado, sem se lembrar que o seu sectarismo o havia dessorado.

Vários planos se lhe desvanecem. De nada lhe valeram as guerras, as matanças, o combate cruento, implacável, feroz ao que chamava de heresia. Nada conseguiu do que se esperava de sua coroa católica, de sua cabeça católica, do seu braço católico, de sua fé católica.

«Herdeiro da metade do mundo — diz César Cantu — caminhou de prosperidade em prosperidade durante 40 anos; teve conselheiros habilísimos, capitães de gênio e de valor a tôda prova; a sua infantaria foi a melhor da época, a sua marinha a mais poderosa do mundo. Venceu em tôda parte os insurgentes, conquistou Portugal, ganhou as insignes vitórias de Lepanto contra os turcos e a de S. Quintino contra os francêses. Suas imensas colônias mandavam-lhe tesouros inestimáveis e a literatura nacional illustrou-lhe o reinado com um período

áureo. *E contudo foi nêle que principiaram a decadência da Áustria e a deplorável ruína da Espanha».*

Acrescentemos ainda que foi o o país, talvez o único, que não sofreu invasão estrangeira nem passou pelas vicissitudes da guerra civil.

A população de vinte milhões ficou reduzida a dez milhões, com fervor católico de Sua Magestade, e nêses dez milhões restantes havia 312 mil padres seculares, 200 mil eclesiásticos e 400 mil frades. Desconte-se, pois, daqueles dez milhões, um milhão de tonsurados, ou seja um milhão de pessoas improdutivas para a vida do país. De sorte que os campos ficaram despovoados, a indústria abandonada. Os que não haviam sido mortos, os que não foram obrigados a exilar, os ficantes, ainda mais infelizes, se viram sobrecarregados de impostos e de trabalhos, e foram desertando voluntariamente.

Sem marinha, com um exército fraco, a Espanha se via alvo de piratas. A demência religiosa do rei escorchava o pensamento de uma parte, ou seja o patrimônio moral, e de outra parte deixava a nação sem braços no caminho da ruína, ou seja, a alienação do patrimônio material.

Era êste o balanço.

* * *

E afinal, Sua Magestade Católica, enfêrma, parte para o Escurial. Estamos em 1598. A viagem, que era de poucas horas, durou-lhe cinco dias. Sobrevém-lhe a febre, forma-se-lhe um tumor no joelho, que lhe produz grandes dores; o reumatismo toma-lhe os dedos, os artelhos se abrem: as coxas e o ventre intumecem; o corpo se ressentido de debilidade extrema. Operam-lhe o joelho enquanto lhe recitam o Evangelho de São Mateus.

Já não lhe podem fazer curativos nem tirar-lhe a roupa; as dores são extremas, e êle, o belo, o elegante, aquêle que vivia luxuosamente trajado, o que não tolerava o menor discuido na vestimenta, a mais leve mácula, sente-se, vê-se na maior sordidez.

Ouçamos Schneider :

«Êle que pela sua susceptibilidade e de seu sentimento em tôdas as

coisas corporais, punha em espanto seu ambiente, teve que experimentar a parte mais profundamente repugnante do sofrimento. Em uma cama apodrecia e presencia a decomposição do próprio corpo. Nada lhe é poupado nêses cincoenta e três dias durante os quais não pôde executar o menor, o mais ligeiro movimento. Já os ombros se cobrem de chagas; as mãos vão ficando incessantemente manchadas com as supurações gotosas. Quando o sono o agracia com uma curta hora, a febre se mistura em seu sonho e lhe provoca pavorosas visões; o coração pula como um animal ferido que se enfurece e torvelinha em sua jaula. Em aguda dissonância destrói-se o corpo que tantas vêzes fôra admirado pela harmonia de suas proporções».

Manda êle cercar o leito de imagens e cruces e relíquias. Quanto mais a dor o punge mais se lhe acerba o fanatismo. Sua salvação está nas fórmulas. Um sacerdote celebra missa constantemente. Ali está o confessor e a confissão dura três dias. Pede perdão a quem ofendeu, confessa-se culpado, diz que tem muitos pecados.

Não se sabe se com os bentinhos, os escapulários, o relicário, as imagens, se abrira um clarão em seu entendimento ou se via por introspecção, os hereses estorcendo-se nos postes, as fogueiras lambendo-lhe os corpos, o garrote ao pescoço das vítimas, as execuções dos chefes holandêses que vinham propôr a paz, o cadáver do Príncipe de Orange, os membros dilacerados de tantos, os gemidos dos moribundos, as lágrimas dos que os perdiam.

Deus estava era aí. A ante visão da morte, ao que parece, começava a abrir-lhe os olhos do espírito. Inútil seria para êle a repetição constante do «*Pater non mea voluntas sed tua*». Sim, não a era dêle, esta tinha cessado, mas a vontade do Pai, para escarmento dos seus crimes, que talvez não fôssem tanto oriundos de uma perversidade congênita, senão provocados pelo sectarismo de uma inqualificável estupidez.

Por ordem sua recitavam-lhe os Evangelhos, êses Evangelhos que Êle ferira com sua intolerância, com sua maldade, com sua insânia religiosa.

Chega a hora da extrema unção.

Manda que lhe leiam o ritual e o repitam. Já não pode engolir a hóstia sagrada. O esquiife está preparado, esperando-o: fôra ordem sua. As chamas dos cirios oscilam, os sacerdotes rezam, ouve-se um cântico e o rei morre.

Extinguira-se na maior miséria física e moral o maior rei da Terra, cujo nome fazia estremecer de terror os inimigos da Fé.

Tudo fizera pelo que chamava a Religião; invocara o nome do Criador nos seus atos de crueldade; foi despótico e implacável na repressão das crenças alheias, negando aos outros êsse direito inviolável, o de ter um ideal, uma opinião, uma convicção, um deus com outro nome, um deus como quisessem imaginar.

E procurando extinguir a heresia o que extinguiu foram as forças vivas do país; o que êle conseguiu foi a miséria para a pátria, a miséria moral a refletir-se no corpo, que se decompunha ainda em vida, em meio aos salmos, aos hinos, aos recitativos evangélicos.

E como um desmentido às illusórias cerimônias religiosas, às pompas, às solenidades terrenas, lá estavam as

visões, o pesadelo que o acometia em plena vigília, trevas em meio às luminosidades do vêlório, como a predizer-lhe o futuro que o esperava, tão oposto ao cenário que lhe pintava a fantasia do seu catecismo.

Êsses lances históricos devem servir aos carolas de qualquer doutrina, e mesmo aos nossos irmãos em crença, presos a questiúnculas, aferrados a preceitos de menor importância, intransigentes em princípios indemonstráveis, escravizados a preconceitos, a espalharem inimizades, a promoverem afastamentos, esquecidos da lei suprema.

Assim, nunca é demais apontar o texto de Tiago: a fé sem obras é morta. E nós acrescentaremos: De nada vale a fé sem o amor do próximo.

Dizem os correligionários de Felipe que êle morreu como um santo. E ainda se fala no santo rei. O Santo Rei é Felipe II.

Não sabemos se essa grande ironia pertence à lenda ou à história.

Carlos Imbassahy

➤ QUE É RELIGIÃO? ✧

Para os políticos, de um modo geral, é um opiato que se administra às massas; para os sacerdotes um meio de vida que lhes facilita a aquisição de tudo, inclusive dinheiro dos cofres públicos; para os intelectuais, um amontoado de incoerências, absurdos e tolices; para os analfabetos, a illusão de que ela lhes dá o Céu; enfim, a palavra religião, assim compreendida, assim deturpada, ora pelos «sabidos» que dela vivem, ora pelos homens bons, mas que raciocinam e lhe examinam os disparates, a palavra religião, dizíamos, causa certa idiosincrasia, certa alergia, manifestada ou não, em quem a ouve pronunciada.

Os mistérios e os dogmas, inexplicáveis todos, incompreensíveis mesmo, criados no correr dos séculos, deturparam de tal forma os princípios religiosos, divinos, que, hoje em dia, nas Academias e Faculdades dificilmente se encontram estudiosos que creiam sequer na existência da alma.

Daí dizermos sempre que o Espiritismo não é uma religião, mas a Religião, exatamente aquela que o Cristo de Deus nos trouxe, sem enxertos, sem deturpações ou modificações quaisquer que tirem a simplicidade de que Jesus jamais saiu. Religião que satisfaz os simples, responde às interrogações dos homens cultos, prova experimen-

mente os seus ensinamentos, anuncia a salvação de todos, sem a ninguém condenar; Religião, enfim, que revive as palavras e os ensinamentos de Jesus, tornando-os claros, compreensíveis e assimiláveis ao entendimento humano, graças à Luz que lhe foi dada pelo Espírito da Verdade, prometido pessoalmente pelo Senhor da Terra: Jesus.

Etimologicamente, religião só pode ser aquela que tenha por finalidade religar tôdas, absolutamente tôdas as criaturas ao Criador, a Deus, sem excluir essa ou aquela criatura desse religamento, dessa salvação, sem ameaças de condenar alguém ao sofrimento eterno nas caldeiras de um imaginário Belzebu, por não pertencer ela ao seu

agrupamento falsamente denominado de religião.

Religião, por isso mesmo, só o é o Espiritismo, visto que só êle afirma e reafirma que a salvação da criatura não depende de sua escola religiosa, mas dela própria, da criatura, dos seus atos, das suas ações, do seu maior ou menor esforço na prática do amor aos seus semelhantes, apressando ou retardando, assim, a sua ascensão para Deus.

Religião é, pois, mais, muito mais que isto que por aí se vê, máxime entre políticos e governantes, entre sacerdotes e rezadores.

T. MEDINA

De «O Reformador» de Maio, 1960.

Advertências Espirituais através dos chamados sonhos premonitórios

Interpretação espírita dos sonhos — Quando podemos ser advertidos de fatos por acontecer — Um caso recente

OS sonhos premonitórios constituem um dos mais curiosos capítulos da fenomenologia espírita. Como explica Kardec, o sonho é uma lembrança dos momentos de emancipação da alma, durante o sono. Geralmente, trata-se de lembrança imprecisa, mesclada a reflexos das horas de vigília. Quando, porém, o espírito é capaz de se emancipar realmente da matéria e das suas preocupações rotineiras, temos sonhos lucidos, e entre êles os premonitórios, que nos advertem de coisas por acontecer. Ou ainda, como no caso recente do detento que descobriu a filha do jornalista, morta num rio — vendo da sua cela aquilo que os pesquisadores não descobriram — os sonhos são lembranças de trabalhos do espírito no mundo espiritual, enquanto o corpo material descansa no sono.

Não é atoa que dizem ser o sono um primo-irmão da morte. O ditado po-

pular corresponde, nêsse caso, à realidade. Kardec o explica no cap. VIII da segunda parte de «O Livro dos Espíritos», de maneira clara: «O sono liberta parcialmente a alma do corpo. Quando o homem dorme, momentaneamente se encontra no estado em que estará, de maneira permanente, após a morte. Os espíritos que logo se desprendem da matéria, ao morrerem, tiveram sonhos inteligentes».

Noutro trecho do mesmo capítulo, Kardec esclarece: «O sonho é a lembrança do que o vosso espírito viu durante o sono. Mas observai que nem sempre sonhais. Porque nem sempre vos lembrais daquilo que vistes, ou de tudo o que vistes. Isso porque não tendes a vossa alma em pleno desenvolvimento. Freqüentemente, não vos resta mais do que a lembrança da perturbação que acompanha a vossa partida e a vossa volta, a que se junta a lembrança do

que fizestes ou a do que vos preocupa no estado de vigília».

Ernesto Bozzano, o grande autor espírita italiano, que convenceu Charles Richet da realidade da sobrevivência, estudou do ponto de vista científico o problema dos sonhos premonitórios, em trabalhos notáveis como «Dei Fenomeni Premonitori», «Della Manifestazioni Supernormali fra i Popoli Selvaggi», «Premonizioni, Precognizioni, Profezie», e na sua obra monumental, publicada em tradução portuguesa entre nós, «Animismo ou Espiritismo». Gustavo Geley, Eugenio Osty, Paul Gibier e tantos outros estudiosos, nomes ilustres na ciência contemporânea, também trataram do assunto, sem contarmos os escritores doutrinários, que o examinaram do ângulo estritamente espírita. Trata-se, pois, de problema bastante estudado na bibliografia doutrinária.

Muitos são os casos de premonição da morte pelo sonho. Um deles, bem recente, é o do médium Urbano de Assis Xavier, desencarnado em Marília a 31 de outubro p. p., e sobre cujo passamento escrevemos no domingo anterior. Cerca de dois anos antes de haver sofrido o derrame cerebral que acabou vitimando-o, Urbano, então em plena saúde, sonhou que se encontrava, no plano espiritual com uma entidade amiga, e esta o advertia: «Até 1960 estarás deste lado». Contando o fato, Urbano dizia que, ao ouvir a advertência, sentiu-se emocionado. Então, a entidade lhe perguntou: «Tens medo?» Tendo êle respondido negativamente, objetou, entretanto: «Tenho receio apenas do instante da passagem, do momento de me desprender do corpo». A entida-

de sorriu e disse: «Não te arreceies disso, pois nem sequer perceberás êsse momento».

O sonho, que Urbano contava constantemente aos amigos, afirmando que havia sido muito nítido, mas ficando entre a crença e a descrença, quanto a sua consumação, realizou-se plenamente. O momento da morte foi para êle tão rápido, que nem deve ter sido percebido. Mas o sorriso da entidade que o advertia pode relacionar-se com as provas que êle teria de sofrer, antes dêsse momento. Porque de fato era curioso que êle temesse justamente a fase mais rápida, quando tudo o que devia temer estava nas precedentes.

Quando o médium desencarnou, no último dia de outubro, os amigos que dêle tinham ouvido o sonho compreenderam a natureza premonitória do mesmo. Podem perguntar os leitores qual a utilidade da premonição, se o próprio interessado a punha em dúvida. Lembremo-nos, porém, de que os sonhos são lembranças do que se passa com o espírito nos momentos de desprendimento do corpo. A advertência da entidade deve ter sido muito mais ampla, e com finalidade espiritual. O médium, em estado de vigília, recordava-se apenas de um episódio, que interessava para preveni-lo, e talvez também como novo exemplo da possibilidade premonitória dos sonhos, em casos de morte. O sonho, portanto, foi apenas um fragmento do que realmente se passou entre o médium e a entidade, que o preparava espiritualmente para as provas finais da vida terrena.

IRMÃO SAULO

NÓTULAS ESPIRITUALISTAS

DR. ANTÓNIO J. FREIRE

O Céu, por inspiração divina, só se reflete numa consciência quando orientada na Lei áurea do duplo amor — divino e humano —, no sentido do Bem-geral, proclamada e exemplificada por Jesus. Segui-la, praticá-la, é encurtar o caminho da nossa Evolução.

Orar é conversar com Deus, como de filho para pai, com respeito, confiança e adoração. Mas só cultivando com todo o carinho e abnegação o amor do próximo, poderemos sentir e compreender os eflúvios divinos em respostas às nossas preces.

O PAGANISMO E A IGREJA

IV

Em um dos artigos anteriores, afirmamos que a Igreja de Roma não havia aniquilado o paganismo e sim que o havia assimilado e comprometemo-nos a provar :

A nossa afirmativa é de pouca valia, razão forte que nos conduz sempre a ilustrar o que afirmamos com as páginas da História. Desta forma, os nossos gratuitos perseguidores não poderão taxar-nos de criadores de contos fantásticos ou de invencionistas.

Que venha, pois, a História :

«Como a Judéia tinha dado ao Cristianismo a ética e a Grécia lhe deu a Teologia, Roma lhe estava agora dando a organização: tudo isto, com uma dúzia de fés rivais absorvidas, entrava na síntese cristã. A Igreja não se limitou a tomar algumas formas e costumes religiosos da Roma pre-cristã — a estola e outras vestes sacerdotais, o uso do incenso e da água benta nas purificações, os círios e a luz perpétuamente acesa nos altares, a adoração dos Santos, a arquitetura da basílica, a lei romana como base da lei canônica, o título de pontifex maximus para o Supremo Pontífice, e no quarto século o latim como língua oficial da Igreja. A grande coisa que Roma deu à Igreja foi uma vasta estrutura de governo, que quando a autoridade secular desabou veio tornar-se a estrutura do governo eclesiástico. Em breve os bispos, em vez dos prefeitos romanos, seriam a fonte da ordem e a sede do poder das cidades, os metropolitanos ou arcebispos, iriam sustentar senão suplantam, os governadores provinciais e o sínodo dos bispos sucederia à assembleia provincial. A Igreja romana seguiu nas pegadas do Estado romano; conquistou as províncias, embelezou a capital e estabeleceu a disciplina e a unidade de fronteira. Roma faleceu ao dar nascimento à Igreja; a Igreja amadureceu com a herança e a aceitação das responsabilidades de Roma».

Mas, ainda não é tudo. Will Durant diz que o Cristianismo não des-

truiu o Paganismo; adotou-o. O moribundo espírito grego ressurgiu na teologia e na liturgia da Igreja; a língua grega, depois de reinar durante séculos sobre a Filosofia, tornou-se o veículo da literatura e do ritual cristão; os mistérios gregos passaram-se para os mistérios da missa. Outras culturas pagãs também contribuíram para êsse sincretismo. Do Egito vieram as idéias da Divina Trindade, do Juízo Final e da Imortalidade pessoal com recompensas e castigos; também de lá vieram a adoração da Mãe e do Filho e a mística teosofia que produziu o néo-platonismo e o gnosticismo, obscurecendo o credo cristão. Da Frígia veio a adoração da Grande Mãe. Da Síria, o drama da ressurreição de Adônis. Da Trácia talvez tenha vindo o culto de Dionísio, o deus que morre para salvar os homens. Da Pérsia veio a idéia do Milênio, as «idades do mundo», a «conflagração final», o dualismo «Deus e Satã, Luz e Trevas»; já no Quarto Evangelho Cristo é a «Luz que brilha nas trevas e que as trevas nunca apagaram». O ritual de Mitra assemelha-se tanto ao sacrifício da Missa, que os padres cristãos acusavam o Diabo de inventar essas semelhanças com o fim de desnortear os espíritos fracos. O Cristianismo, diz Will Durant, foi a última grande obra do mundo pagão.

Eis como um grande historiador, no volume II de sua obra, «História da Civilização», 3.^a parte, pág. 203, situa a originalidade da Igreja de Roma.

O assunto que dá origem a êste artigo, é por demais vasto, para que fique reduzido a tão pequenas proporções. Caminhemos um pouco mais pelo terreno da pesquisa histórica e a cada instante iremos encontrar provas sobejas da influência que o Paganismo exerceu e continua exercendo sobre a infalível Igreja dos Papas.

Os maiores Pais da Igreja, com efeito, apesar de atribuir as origens sobre naturais do dogma ao Cristianismo histórico, estão, não obstante, acordes em reconhecer seus elementos eternos na Filosofia, rendendo, assim, em muitos casos sem dar-se conta, uma bela homenagem à revelação da razão que é,

antes de tudo, a suprema e essencial revelação.

Clemente de Alexandria afirma que a Filosofia desempenhou entre os gentios a mesma preparação ao Evangelho que a Lei havia desempenhado com o povo eleito, e Orígenes, aproximando-se vagamente do gnosticismo, estabeleceu a ação permanente do Mediador e Revelador do verbo evangélico desde a origem das coisas. Agostinho não vacila em dizer que «se os antigos platônicos ressuscitassem, abraçariam sem dificuldade o Cristianismo, mudando algumas poucas palavras e máximas (paucis mutatis verbis atque sententiis) como a maior parte dos néo-platônicos tem feito em nossos tempos». (S. Aug. — «De Vera Religione», IV, 7) — Distingue êle muito bem, como de outra forma já havia feito Clemente de Alexandria (Strom. V, 14, pág. 710) os elementos da doutrina da Trindade em Platão, onde efetivamente se sentem fortes reminiscências das trindades egípcias e das «trimurtis» indianas, assimiladas pelo grande pensador em suas longas viagens e prolongados estudos. Da mesma maneira, S. Atanásio encontrou a noção do Verbo desenvolvida nas religiões egípcias e da Ásia Menor (Móehler—«Atan. o Grande», t. I, p. 207), e Lactâncio afirma explicitamente que tôda ou quase tôda a verdade cristã se encontra espalhada nas antigas filosofias, e para demonstrá-lo diz que é suficiente recolhê-la. («Divin. Instit.», VII, 7). E assim, outros, que seria fatigante mencionar, encontram o Cristianismo espalhado nas antigas filosofias e nãs antigas crenças.

Mas, se o que já foi mencionado é muito, mais ainda teremos que demonstrar, como sempre, apoiado na História.

Em sua obra monumental sôbre a «Roma da Idade Média», à pág. 242, escreve Gregorovius :

«A geração dos descendentes dos pagãos batizada em nome do Cristo pretendeu mil igrejas e santos mil para substituir outros tantos templos de seus antepassados; por esta razão, o culto de uma religião puramente espiritual chegou a ser nas províncias e nas cidades um culto de patronos locais».

Em outro lugar, referindo-se ao

decreto outorgado ao Papa Bonifácio III, pelo imperador Focas, resolvendo com êle a contenda pelo primado da cristandade, latente desde largo tempo entre Roma e Bizâncio, em favor da primeira, concedendo também a conversão do panteon de Agripa em templo à Maria e a todos os mártires, escreve :

«Seguindo o processo das transmutações operadas pela Igreja romana de templos pagãos em templos cristãos, fácil é reconhecer o cuidado pôsto por ela nas analogias para que a mudança resultasse mais eficaz. Por isso, o templo de Rômulo e Remo havia sido dedicado aos gêmeos Cosme e Damião; o de Diana no Aventino, à Santa Sabina; o de Marte, aos dois guerreiros S. Sebastião e S. Gregório».

De modo que o panteon de Agripa consagrado à Cibele, mãe de todos os deuses, recebeu uma distinção adequada do Papa Bonifácio ao ser dedicado à Mãe de Deus, mediante a substituição do título de «todos os deuses» pelo de «todos os mártires».

Vejam, agora, algumas considerações de Harald Höffding, em sua «História da Filosofia Moderna», t. I, págs. 14 e 15 :

«Quando em consequência do compromisso de Constantino, o mundo pagão se cristianizou em massa, e os Papas substituíram os últimos imperadores, o espírito pagão se entronizou na própria cadeira de S. Pedro, da qual foi desalojando, em surdo trabalho subterrâneo, mas efficacíssimo, um atrás dos outros, os elementos evangélicos.

... ..
 O papado evolve então, até seu apogeu, trava-se em luta contra o Império para a dominação do mundo, joga o Ocidente contra o Oriente nas Cruzadas, e permanece por um momento, mais que o Cezar, o Deus, o Júpiter Tonante da humanidade submissa e estupefata. Foi esta a maior apoteose do Paganismo. Onde, pois, se havia refugiado o espírito cristão? Nas heresias e no misticismo, fenômeno constante no Cristianismo desde seus primeiros dias, manifestando-se no gnosticismo e nas doutrinas alexandrinas que pugna-

vam em grande debate entre a tendência judaizante ortodoxa de Tiago, Pedro e João, e a helenizante-heterodoxa de Paulo, o grande pai de tôdas as heresias».

Resumamos, o quanto possível, o pensamento do autor da «História da Filosofia Moderna», para que não nos alonguemos demasiadamente.

O desenvolvimento das idéias sociais e religiosas tem uma lógica inflexível, por isso, a luta entre as tendências pagãs e cristãs constantes em tôda a história do pensamento indo-europeu, assumiu um caráter em extremo singular. O papado «pagão» e as heresias cristãs reanimam a sangrenta tradição dos imperadores romanos e dos cristãos primitivos: inventa-se, então, a Inquisição e a Confissão auricular; as fogueiras que brilham sinistramente em tôda a Europa, continuam a obra exterminadora das feras dos circos romanos, e João Huss, Savonarola e tôda a interminável legião dos mártires modernos estendem, por sôbre um abismo de dez séculos, sua mão crucificada aos mártires de Deocleciano. A História se repetiu aqui com a assombrosa exatidão de suas leis. O espírito cristão parecia afogado definitivamente no sangue de seus mártires. E o César do Vaticano podia dedicar-se ao culto do mais puro helenismo, à base da sensualidade, do cepticismo, da vida refinada e orgiaca, do gôzo estético satisfeito por prodígios artísticos iguais, senão superiores, aos da antiguidade clássica. Foi então que Lutero lançou suas noventa e cinco proposições que caíram como chispas no paiol das idéias cristãs, refugiadas no mais fundo e no mais recôndito das consciências, e que ao explodir levaram o incêndio aos quatro ângulos da Terra, purificada, uma vez mais, no fogo da revelação eterna de Deus.

Mas, para que o paralelo entre os tempos antigos e os novos fôsse completo, devia ressuscitar, além do paganismo religioso-político, o paganismo filosófico que, segundo dissemos, odiava com grande furor o espírito evangélico. E o paganismo filosófico não faltou: Luciano, Celso, Porfírio e Juliano encontraram sucessores adequados em Pomponazzi, Maquiavel, Charron e Leonardo, quando, em consequência da queda

de Constantinopla, os gregos refugiados na Itália fizeram ressoar a voz da antiga Hélade na clássica terra itálica, cuja vibração estremeceu tôdas as fibras do povo mais estético e pagão do mundo, descendo às entranhas da terra para evocar os deuses da antiga alma greco-latina que pareciam dormir o sono da morte em larga noite milenar.

Não foi acaso — escreve um poderoso pensador moderno — o que fêz com que a Itália se constituísse em foco do Renascimento e portanto em berço do pensamento moderno. Na Itália se haviam conservado melhor que em nenhuma outra parte as relações com a antiguidade e assim puderam apropriar-se da literatura clássica, com uma independência especial, pois era obra de sua própria antiguidade, a carne de sua carne e os ossos de seus ossos. Da mesma maneira, a literatura grega que no XV.^o século foi objeto de entusiasmados estudos, foi-lhe de mais fácil assimilação do que aos povos do Norte. Êste retorno geral à Literatura, à História e à Filosofia teve uma grande importância histórica. Viu-se claramente que fora do Cristianismo e da Igreja existia uma vida espiritual humana segundo suas leis próprias e possuindo sua história; foi possível a observação comparada dos fatos humanos e o mundo antigo se ampliou prodigiosamente. Muitos pensadores da Renascença empregavam o método comparado para compreender as coisas humanas. A outros serviam de modelo e de guia as obras da antiguidade clássica uma vez que por êste procedimento podia adquirir-se uma atividade mais independente. Multidão de pensamentos em germe nascidos no mundo antigo e paralisados pela Idade Média podiam desenvolver-se então. Depois de um largo e profundo sono, o Renascimento retomava a obra tal como havia ficado ao terminar a antiguidade.

«Depois, o século XVIII, completou a obra do Renascimento com Voltaire, Turgot, Condorcet, Diderot, Helvetius, d'Holbach, arvorando o lema do primeiro, chamado à justa razão o Luciano moderno, estribilho tão célebre como uma nova «delenda Carthago»: «esmagai ao infame». No século XIX e nestes últimos tempos, o anticristianismo pagão tomou um caráter distinto dos anteriores para pôr-se em conso-

nância com as tendências científicas e positivistas de nossa época, mas nem por isso foi e é menos violento e menos radical em sua propaganda. A esquerda hegeliana e a esquerda darwiniana, proporcionaram nomes eminentes, Schopenhauer, Fierbach, Strauss, Hæckel, e o malgrado Hartmann de um lado, e do outro Comte e tóda sua escola trouxeram até nossos dias a tendência pagã que vai cravada no costado de nossa civilização cristã, deixando o terreno preparado e fertilizado para o paganismo futuro.»

Com tudo o que escrevemos e que não constitui criação nossa, muito ficou

dito e provado a respeito da influência que o Paganismo exerceu e exerce, ainda, hoje, sôbre a Igreja de Roma. Poderíamos, assim, encerrar o nosso compromisso. Mas, outras fontes serão por nós exploradas, para provar de soejo a aludida influência e a falta de autoridade moral de uma Igreja em pretender criticar desfavoravelmente os credos alheios.

Tudo isto poderia ser silenciado, não intentasse o Catolicismo, através de seus representantes categorizados, menosprezar as convicções alheias.

Mário Cavalcanti de Mello

A Reencarnação na Inglaterra

Deolindo Amorim

Ao concluirmos o artigo anterior, dissemos o seguinte: *Se, por um lado, certos experimentadores categorizados não trataram da reencarnação, o que, aliás, nada prova contra esta tese, também se verifica, por outro lado, que houve pronunciamentos concordantes, e dos mais autorizados.* Vejamos, agora, o caso de BOZZANO, que é de nosso tempo. Como se sabe, Bozzano foi, e podemos dizê-lo sem exagêro, o homem que reuniu, até hoje, o maior número de casos concretos em favor do Espiritismo. As monografias de Bozzano constituem, indiscutivelmente, um dos mais ricos documentários da parte científica do Espiritismo. O grande pesquisador italiano viera do Positivismo e recebera, por isso mesmo, uma formação intelectual muito objetiva, muito exata, o que, em parte, lhe foi muito útil nas pesquisas que realizou no campo mediúnico; naturalmente, por influência de sua formação, adotou a mesma orientação, o mesmo espírito científico no trato com os fenômenos de animismo, tanto quanto na chamada fenomenologia de «além-túmulo».

Tendo-se tornado espírita, por força dos fatos, levado pelo raciocínio claro e seguro, Bozzano abandonou os ídolos do Positivismo e do Evolucionismo, deixando Comte e Spencer para trás. Seja como fôr, o espírito positivo deixou-

lhe marcas bem fundas. (1) Bozzano dedicou-se rigorosamente aos fenômenos, visto como lhe interessava, acima de tu-

(1) — Convém dizer que o nosso ilustrado confrade Dr. Francisco Klörs Werneck, do Rio de Janeiro, manteve correspondência com Ernesto Bozzano durante muito tempo. Eram velhos amigos, por meio de cartas. O Dr. Werneck foi um dos primeiros divulgadores da obra de Bozzano neste país. Não sabemos, aliás, de outro espírita, no Rio de Janeiro, que tenha tido correspondência tão assídua com o mestre italiano, a não ser o saudoso confrade Mariano Rango Daragona, seu compatriota e cremos que também contemporâneo.

— Quando falamos em *Evolucionismo*, é claro que nos referimos à escola do filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903) e não ao princípio evolucionista, que é um dos pontos gerais do Espiritismo. Convém recordar que o Evolucionismo de Spencer, que se afastou, em parte, do Positivismo, deixou de lado o problema da alma, por entender que é assunto inerente ao *incognoscível* ou desconhecido, e por isso, não é cogitação da ciência. De qualquer forma, embora divergindo de Comte, seu mestre, Spencer caiu na tese comteana: o problema da alma, como a existência de Deus e outros problemas considerados metafísicos, não interessam à Ciência.

do, a parte experimental do Espiritismo, tal como se dera com William Crookes, Gibier e outros homens de ciência. Era, também, uma questão de vocação para as experiências. Não sendo, por feitio, um espírito afeito à especulação filosófica, porque se interessava mais pelas demonstrações científicas, Bozzano levou muito tempo sem tocar no problema da reencarnação. Não se pense, porém, que o infatigável investigador italiano era um homem indiferente à Filosofia. Não poderia sê-lo jamais, porquanto nenhum homem verdadeiramente culto seria capaz de prescindir do raciocínio filosófico, por mais acentuada que fôsse a propensão para a ciência experimental.

Enquanto LÉON DENIS, por exemplo, desenvolveu intensamente a parte filosófica do Espiritismo, conquanto não tivesse abandonado a experimentação, Bozzano preferiu um terreno mais restrito, isto é, o estudo dos casos mais concludentes. São dois gigantes da cultura espírita, mas a verdade é que tomaram direções diferentes, até certo ponto, embora com o mesmo propósito e com a mesma envergadura espiritual: procurar a verdade através do Espiritismo. É fácil compreender, portanto, o fato de não haver Bozzano se declarado um apologista da reencarnação, pois não era êste, na realidade, o aspecto que mais lhe interessava no Espiritismo. Mais tarde, no entanto, quando teve de rebater objeções do Prof. Morseli, autor de um livro intitulado «*Psicologia e Espiritismo*», chegou a fazer, até, uma defesa muito criteriosa da reencarnação. Se, realmente, não se preocupou muito com o assunto, também não se opôs à tese reencarnacionista.

Tem-se afirmado, nos arraiais contrários ao Espiritismo, que a reencarnação continua a ser um motivo de separação e rivalidade entre elementos latinos e anglo-saxões, norte-americanos, nórdicos etc. Convém notar, entretanto, que a discordância não destrói a *UNIDADE* da doutrina, e êste ponto é essencial. Há muitos espiritualistas que não aceitam a reencarnação, mas a aceitação ou rejeição, por parte de um grupo ou de uma comunidade, não altera a estrutura da doutrina, tal qual está constituída na Codificação de Allan Kardec. Um princípio não deixa de ser verdadeiro, se realmente o é, como nenhu-

ma doutrina deixa de ser consistente, desde que o seja de verdade, apenas por causa da oposição ou da indiferença de um grupo ou de uma corrente de opinião, ainda que das mais numerosas. É problema puramente opinativo, fora do corpo da doutrina. Dizer, conseqüentemente, que a reencarnação é uma tese insustentável, porque há grupos ou indivíduos que lhe são contrários, é não dizer coisa alguma, pois a unidade de uma doutrina, seja ela qual fôr, não depende da *unanimidade* das opiniões, mas da segurança e coerência de seus princípios. Milhões de pessoas poderão, até hoje, não acreditar nas comunicações dos espíritos, mas não é por isso que o Espiritismo deixa de ser uma doutrina verdadeira. É o que acontece com a reencarnação. Ainda existe desacôrdo, não há dúvida, mas a tese continua firme, desafiando tôdas as objeções. Durante muito tempo, negou-se a existência de micróbios, mas nem por isso os micróbios deixaram de existir. Uma doutrina vale, portanto, pelo que ela é e não pelo que se pensa sôbre ela. Opiniões são sempre opiniões, não importa que sejam de homens ou de espíritos desencarnados. Sob êste ponto de vista, alguns adversários do Espiritismo costumam apresentar, como argumento contra a reencarnação, o fato de não haver *unanimidade* nos pensamentos dos espíritos comunicantes. É bem curiosa a dialética de certos opositores da tese reencarnacionista: ora, os espíritos que se manifestaram na França, na época de Allan Kardec, afirmaram a reencarnação, o que levou o Codificador da doutrina a fazer dêste princípio a base filosófica do Espiritismo; então, alegam os adversários, como é que os espíritos que se comunicaram na Inglaterra não apoiaram a reencarnação, e alguns dêles chegaram a negá-la?... Daí, como se esta restrição fôsse um argumento decisivo, partem êles para uma conclusão categórica: logo, a reencarnação é uma tese falsa, porque os espíritos não estão em concordância. Será isto, realmente, uma razão forte, contra a reencarnação?

Em primeiro lugar, é preciso usar um pouco de lógica. A falsidade ou exatidão de uma tese — convém repetir o que já foi dito — não está na unanimidade da aceitação. Um princípio falso, como qualquer idéia mentirosa, pode ob-

ter o apóio unânime de uma coletividade, principalmente quando a massa não é bem esclarecida ou sofre a influência de idéias errôneas. A chamada unanimidade massiça não prova que uma tese é verdadeira. Quantos absurdos, quantos julgamentos injustos têm sido aplaudidos pelo *consenso* geral, como se fôsem verdades indiscutíveis, e no entanto, mais tarde, fica provado que tudo estava errado!... A História que o diga. Então, daí se segue, lógicamente, que, assim como a tese reencarnacionista, para ser verdadeira, não precisa da consagração unânime, porque ela é verdadeira por si mesma, e acima de quaisquer opiniões, também não fica enfraquecida ou desautorizada pelo fato de algumas comunicações de espíritos não lhe serem favoráveis.

Temos, em segundo lugar, outro ponto interessante. É a posição, que tomou Bozzano, justamente nêsse passo da discussão. Teve, êle, o cuidado de examinar diversas coleções de revistas, principalmente *Light*, que era muito citada, e notou que certas comunicações de espíritos, na Inglaterra, não eram pròpriamente *CONTRA* a reencarnação, mas apenas evitavam tocar no assunto, por causa de velhos e enraizados preconceitos. Que havia preconceito e «aversão de raça», é o próprio Bozzano quem o diz: *... se os «espíritos» anglo-saxônios respondem quase sempre negativamente, isso se deveria atribuir ao fato de que, no mundo dos vivos e entre os povos em questão já existia uma indiscutível aversão de raça com relação à teoria das vidas sucessivas e, como as tendências da alma não mudam com a morte do corpo, êles continuam a experimentá-la como espíritos e, se são interrogados a respeito, respondem como sentem.* É bom lembrar que Léon Denis também se refere a êste problema e diz que, em determinado momento, no início da propaganda espírita, houve advertências de instrutores espirituais, achando que era prudente não insistir na divulgação das idéias reencarnacionistas entre os ingleses, porque ainda não havia ambiente para tanto... (Leia-se, a propósito, *O Problema do Sêr, do Destino e da Dor*, de Léon Denis).

Não é de admirar, portanto, que algumas comunicações de espíritos, ainda presos ao ambiente, por fôrça da afi-

nidade, tenham combatido a reencarnação, ao mesmo tempo em que outras comunicações, da mesma época, se revelam omissas neste ponto. (2) Isto não quer dizer que a reencarnação seja contraditória ou inconsistente. Apenas, certos espíritos, tendo-se manifestado na Inglaterra ou em quaisquer outros países, não quiseram esposá-la. Seria isto um argumento para invalidar a tese? Não. Bozzano também verificou, pela leitura das comunicações, que alguns médiuns, pessoalmente contrários à reencarnação, influenciaram bastante o pensamento dos ditados mediúnicos. Êste fenômeno, aliás, não é estranho para quem estuda o Espiritismo. Conforme sejam as circunstâncias, uma comunicação tanto pode ser influenciada pelas idéias do próprio médium, como pode, até, absorver e refletir pontos de vista predominantes em determinados ambientes. Logo por aí, já se vê que certas *mensagens* contrárias à reencarnação estão muito impregnadas dos pensamentos dos médiuns, como também das tendências dos grupos em que elas foram recebidas. Por quê os nossos adversários não citam as numerosas comunicações que defendem a reencarnação?

Se, por exemplo, Ernesto Bozzano encontrou diversas comunicações favoráveis à reencarnação, através de médiuns ingleses, fica demonstrado que não existe a apregoada *unanimidade* dos espíritos comunicantes, na Inglaterra. Uma parte, sim; a totalidade, não. Nos ditados transmitidos por Stainton Moses, antigo pastor protestante e médium de indiscutível respeitabilidade, as entidades espirituais afirmaram claramente que a alma reencarna, apesar de muita gente não aceitar êste princípio. Outras comunicações, também obtidas na Inglaterra, confirmam a tese reencarnacionista.

Finalmente, depois de haver «pe-neirado» muito as suas pesquisas, chegou o rigoroso investigador italiano à seguinte conclusão: *... o que venho ex-*

(2) — Já tivemos ocasião de fazer explanação dêste assunto, durante o curso do *Instituto de Cultura Espírita do Brasil*, onde nos fôra atribuído o encargo de uma série de exposições doutrinárias sôbre os fundamentos da doutrina espírita.

pondo basta para demonstrar que as inteligências de ordem elevada, quando se comunicam por médiuns anglo-saxônios, NÃO CONTRADIZEM, antes confirmam a teoria reencarnacionista enunciada por médiuns celta-latinos, com a diferença de que, em regra, se mostram muito mais reservados a tal respeito, presumivelmente por efeito da aversão de raça que os povos anglo-saxônios experimentam pela mencionada teoria. (Veja-se o opúsculo de Bozzano — «A propósito da obra *Psicologia e Espiritismo*» — rebatendo críticas do Prof. Henrique Morse-lli). Atualmente, porém, a situação já se modificou um pouco; aliás, desde o Congresso Espírita Internacional de 1934 já se vem notando menos resistência à idéia reencarnacionista entre os ingleses. Já existem muitos adeptos da reencarnação na Inglaterra, apesar da tradicional objeção naquele país. (3) Depois de tudo isto, podemos dizer que Bozzano, homem de ciência no sentido mais exato, não era contra a reencarnação, mas antes procurou situar esta crença no devido lugar, entre os *prós* e os *contras*, nas comunicações por êle examinadas e confrontadas. É certo que Bozzano encarou o Espiritismo pelo lado experimental, seguindo a linha científica da Metapsíquica, mas também é certo que

(3) — Em carta, que nos escreveu, em abril do ano passado, a Prof.^a Elodia Benavides, diretora da revista «Voz Informativa», do México, conta que, tendo estado na Inglaterra, após o penúltimo Congresso Espírita Internacional, conversou com diversos elementos de projeção no movimento espiritualista e não encontrou tanta restrição à idéia reencarnacionista, salvo no grupo denominado «O Grande Mundo», que é declaradamente anti-reencarnacionista. Diz a nossa correspondente: *Toquei neste assunto com todos os outros dirigentes de organizações e todos êles me responderam invariavelmente que não tinham nenhum motivo para combater a reencarnação. Além disto — diz a Prof.^a Elodia Benavides — há muitos médiuns indus, trabalhando nas instituições de maior prestígio, em Londres, como o Colégio de Ciência Psíquica, a União Nacional, Mary Lebone e outras; dificilmente se encontrariam mais fervorosos adeptos da reencarnação do que os indus.*

não ficou prêso às limitações de alguns metapsíquistas infensos à sobrevivência do Espírito. Não estando, realmente, no plano doutrinário de um Gabriel Delanne ou de um Léon Denis, porque êstes eram espíritas de outra formação, mais afeitos à orientação direta de Allan Kardec, Bozzano figura, entretanto, no rol dos homens de ciência que mais serviços prestaram ao Espiritismo. Se, de facto, não foi um propagandista da reencarnação, porque sempre se ateve, infatigavelmente, à observação e ao estudo imparcial dos fenômenos, também não lhe fêz oposição. Se houve silêncio de Bozzano, como de outros experimentadores, quanto à reencarnação, êsse silêncio não significa discordância nem poderia servir de argumento contra a tese das «vidas sucessivas».

Ainda que Bozzano ou qualquer outro estudioso, de sua categoria intelectual tivesse combatido a reencarnação, a tese ficaria incólume, como ficou até hoje, porque ninguém lhe destruiu os fundamentos. A reencarnação continua a ser esposada, atualmente, por homens de autêntica formação científica, a despeito de tôdas as críticas, reservas e hostilidades. É uma tese combatida, mas nem por isso deixa de ter adeptos dos mais ilustres no campo da ciência. Reencarnacionista, por exemplo, é o atual Presidente da Federação Espírita Internacional, o engenheiro Karl Müller, homem de grande cultura científica, com longo tirocínio de pesquisas. (4) Podemos apontar, bem perto de nós, na Argentina, outro exemplo de homem de ciência, também adepto da reencarna-

(4) — Temos correspondência em que o Dr. Müller nos fala sobre um trabalho, que está elaborando, há muito tempo, para provar a reencarnação. Pena é que os seus afazeres habituais não lhe permitam completar logo o estudo que pretende publicar. Ainda ultimamente, em correspondência divulgada pelo Instituto de Cultura Espírita do Brasil, do qual é membro correspondente na Suíça, o Dr. Müller nos deu notícias de suas conferências na Alemanha, na Suécia, na Finlândia e noutros países, onde explicou e defendeu ardorosamente a reencarnação, tendo provocado grande interesse de jornais estranhos ao movimento espírita.

ção. É o engenheiro José S. Fernandez, antigo professor de Física na Universidade de La Plata, autor de diversas monografias de natureza científica, ex-Presidente da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA) e atual diretor do Colégio Argentino de Estudos Psíquicos. A não ser a obra de Carlos Imbassahy, que é uma das nossas melhores fontes de consulta, não conhecemos outra obra espírita, em todo o hemisfério americano, que tenha dado maior contribuição científica ao estudo da reencarnação do que a de J. S. Fernandez. Entre outros trabalhos do mesmo nível, podemos citar a tese que apresentou ao II Congresso Internacional para o estudo da reencarnação, em colaboração com o ilustrado confrade argentino Dr. Luiz Di Cristóforo Postiglioni. (5) Ainda há pouco, na entrevista concedida ao jornal *Mundo Espírita*, de Curitiba, o Dr. José S. Fernandez fez sentir que fôra levado ao Espiritismo pelo espírito científico, visto como, sendo professor de Física, habituado com o raciocínio matemático, encontrou na sistemática espírita o mesmo critério racional, a mesma exatidão da ciência positiva. É um reencarnacionista convicto, pois a reencarnação, para êle, nada tem de fantasioso ou imaginário, porque é uma tese completamente fundamentada.

Já se vê que a reencarnação tem partidários, e dos mais conscienciosos, também no campo das ciências exatas. Outra cultura científica igualmente apreciável é o engenheiro Hernani Guima-

(5) — *Fundamentos científicos-filosóficos da supervivencia con reencarnacion*. (Edição «Constancia», Buenos Aires.

rães Andrade, nosso confrade, residente em S. Paulo, também reencarnacionista, como tantos e tantos outros. Mais um exemplo. O Prof. Ducasse, da *Brown University*, antigo professor de Filosofia e Psicologia da Universidade de Washington (6), escreveu um artigo em que faz apologia da reencarnação, citando o caso de Elias e João Batista e apresentando, ainda, o exemplo de um jovem japonês como prova concreta. É um professor universitário norte-americano, homem de formação científica. Depois de lembrar que alguns filósofos modernos aceitaram a reencarnação como Hume, por exemplo, o próprio Prof. Ducasse conclui que a reencarnação é a forma que lhe parece mais plausível da sobrevivência. É deveras interessante o caso de Hume, um dos chefes da escola empirista, no século passado, o homem — fazia *finca-pé* na experiência sensível e não admitia o conhecimento espiritual, terminar aceitando a tese reencarnacionista. Como êle, vieram outros...

Depois de tudo isto, podemos concluir que o silêncio de alguns homens de ciência e a discordância entre determinadas comunicações de espíritos, na França e na Inglaterra, nenhuma influência têm, quanto ao valor da reencarnação, cujos fundamentos continuam resistindo a tôdas as críticas, através dos tempos.

(6) — Citado pelo engenheiro José S. Fernandez, em *Supervivencia y Reencarnacion en Parapsicologia*.

— O II Congresso para o estudo da reencarnação realizou-se em Buenos Aires, em novembro de 1956.

Porventura, poderia a pedra negar a existência do lacrau que se esconde e abriga debaixo dela, só porque não o sente sequer?

Poderia a pedra negar a existência do pedreiro que a rola, lhe canta, revola e trabalha, só porque ela não tem consciência das funções para que o pedreiro a destina?

Não: assim como a pedra não pode negar a existência do lacrau nem do pedreiro, só porque não tem consciência das funções que desempenha: no chão como passadiço, na habitação, no monumento, na catedral; também nós — empedernidos — não podemos negar a existência dos Espíritos que nos são superiores nem da Divindade, só porque não temos consciência das funções que desempenhamos na harmonia universal nem dos fins para que a Divindade nos destina na eternidade.

Hipnotismo e Espiritismo

III

Aqui estamos com o nosso último trabalho, da série de três, contrapondo sobre o que se relacionou ao Espiritismo no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», do dr. Osmar Andrade Faria.

Vejam os hoje, onde o autor da obra, atribuindo qualidades espiritualistas a Freud, taxou tal conceito de absurdo, como se vê nos seus parênteses entre os seus dizeres da pág. 56, cujo tópico mais uma vez passamos a transcrevê-lo: «Partiu da concepção (absurda) de que havia no homem um componente físico—o corpo—e um imaterial—o espírito ou alma ou psiqué—. E assim devidamente guarnecido criou a psicanálise».

Mais adiante ainda comenta: «E mais: quando se quer saber dos seguidores da doutrina do professor de Viena em que departamentos do cérebro podemos alojar o—consciente—o subconsciente—e os outros—conscientes—somos informados de que tais — conscientes — não têm nenhuma localização material no cérebro. São concepções puramente — espaciais — (!)». E para rebater estas atribuições freudianas, argumentou na pág. 57: «Rebatendo a concepção—espacial — de localização do — consciente—de Freud, situa muito bem a verdade Anguelergues quando, baseado na doutrina neurofisiológica das atividades nervosas superiores nos ensina que—a consciência é a parte integrante da atividade nervosa superior e encerra uma realidade material repousando nos processos nervosos que a fisiologia permite conhecer —.»

E no remate deste capítulo diz: «Conceber êsse conteúdo como—psique — e o continente como—soma — é fazer especulação metafísica sem qualquer base científica.»

Embora não sejamos defensores da doutrina de Freud, isto não impede declararmos que se o mestre vienense merece crítica por não ter localizado em algum ponto da materialidade cerebral a causa originária da consciência, teremos que os seus críticos, neste caso, in-

correm na mesma falta porque ninguém até hoje conseguira cientificamente demonstrar, com dados positivos, de que modo e em que ponto do cérebro nasce êsse maravilhoso predicado, que nos dá o pensamento. Porque afirmativas restritas em palavras não significam provas, e muito menos ciência, equivalendo-se a dizer que assim nada se fez além do que até hoje fizeram célebres pesquisadores que labutam nêsse campo, sem que ainda tenham se aventurado em definir a consciência como entidade material.

Portanto, ao invés de apresentar provas contrárias, o autor ao combater a suposta espiritualidade de Freud, firmou-se apenas em argumentos verbais, não cuidando da questão pelas bases analíticas, de acôrdo com os processos da ciência pela prova provada. Advogar conceitos que se diz da matéria, mas sem se firmar nas leis da própria matéria, pela intimidade do átomo, base de toda a estrutura material, é atitude que não satisfaz àqueles que apreciam as razões pelos princípios do rigor da ciência.

Logo, não somos nós que estamos fazendo especulações sem base científica. De nossa parte temos provas de laboratório pelas materializações ectoplásmicas que, por si só, já sustentam a nossa tese espiritualista, com o testemunho de célebres sábios de idoniedades comprovadas pelos seus feitos em favor da ciência experimental. Contudo, apesar de possuímos apôio científico, nos próprios fatos dos nossos fenômenos mediúnicos, desejamos degladiar com o nosso atacante, com as suas mesmas armas e dentro do seu próprio campo, o da materialidade, onde lhe daremos combate.

Mas antes de entrarmos no âmago da questão, vejamos algumas considerações do que se diz sobre essa consciência materializada, como atributo da exclusiva função das células nervosas do córtex cerebral.

Em um dos comentários que se lê na referida obra, o autor exalta que o cão descorticado de Goltz não daria

trabalho à psicanálise de Freud se esta se interessasse pelos animais.

Se tal argumento serve de prova de que os nossos atos conscientes são o produto material que se origina no córtex, pelo fato de que sem êste órgão cerebral o animal ficou desmentalizado, então, com tal conceito poderemos ir mais além. Neste caso, também não é o musicista, como um Paganini, que faz a sua arte, mas sim, a peça máxima do seu instrumento. Pela tese materialista, em ambos não há o dualismo, artista e instrumento, pois um e outro se completam nas atuações. No entanto, considerando-os uno, tire-se as cordas do instrumento e a arte já não mais haverá. Então, como o exemplo do animal sem o córtex, a arte com todo seu encanto e beleza é predicado daquela peça ausente, ou seja, das cordas de tripas, e não do talento do artista.

Mas não é só isso.

Também a afetividade que prende duas criaturas pelos laços do amor, seria uma escolha recíproca por parte das células cerebrais. Como as leis da materialidade fundamentam-se nos fenômenos físico-químicos, pelo materialismo os desejos sentimentais deverão se dar através de uma química consciencial na intimidade das células do córtex. Com tal base, a paixão ou a indiferença no amor seriam algo dependente do excesso ou carência de algum elemento dessa misteriosa química dos materialistas, cujo valor sentimental ninguém até hoje revelou se está no azoto, carbono, fósforo ou outro reduto básico da materialidade. De nossa parte, se alguém desejar nos revelar em qual dêesses elementos se acha êssa maravilhosa propriedade sentimental, ficaríamos imensamente agradecidos.

Não estamos ironizando, mas apenas procurando demonstrar que se tais conceitos não se adaptam pela filosofia é porque não se ajustam pela ciência. A verdade de uma também deverá ser pela outra.

Mas entremos noutra parte, cuidando o assunto pela essência, iniciando-nos com uma curta introdução equacional, em cujo raciocínio firmaremos nossos argumentos.

A natureza fundamental de um todo traz em si a herança de suas partes.

Assim revela a seguinte resultante: $A + A = A$, compreendendo-se: matéria + matéria = matéria. E como a natureza desta não tem discernimento, ninguém de bom senso conceberá que a soma das suas partes ininteligentes seria pelo efeito contrário, ou seja, resultando um outro agente inteligente, derrogando as leis de causa e efeito.

Passemos agora da equação teórica para a descrição da prática, pela forma indutiva, começando-se pelos átomos isolados até chegarmos nos seus agrupamentos celulares, seguindo-se nessa trajetória de um extremo a outro, pelo caminho da lógica.

Todos os fenômenos que se dizem restritos nas leis da matéria, seja em qualquer forma que esta se apresente nos seus compostos, obedecem as mesmas leis que regem o comportamento no sêio do átomo, reduto êste que é a base de tôdas as estruturas da materialidade dos reinos mineral, vegetal e animal. Assim compreendemos que os compostos, cujos fenômenos não encontrem apoio na natureza dos seus componentes atômicos, a sua causa revela-se para além dos limites da matéria. O átomo, sistema onde encerra as leis da materialidade, é de natureza físico-química com base na matéria e energia. É a união dêstes elementos, em compostos, que formam as moléculas de tôdas as substâncias que se possa conhecer.

Nessas uniões moleculares a individualidade do átomo não desaparece numa fusão íntima, entre uns e outros, conservando ali cada qual dêles as suas mesmas características de antes quando separados. Nestas condições é fácil compreendermos que a natureza molecular e a dos seus átomos quando isolados, fundamentalmente, é sempre uma só, pelas mesmas leis físico-químicas com base na matéria e energia.

Como exemplo, unamos dois átomos combinados de Hidrogênio e um de oxigênio e obteremos uma molécula d'água. E esta nada mais é que três átomos agrupados por afinidades. Portanto, a natureza dêste todo não difere da dos seus componentes quando separados, pois em uma ou em outra forma sempre se trata de matéria obediente às mesmas leis. A diferença que pode ter surgido no agrupamento é apenas nos

aspectos da nova propriedade de estruturação.

Para analogia: um edifício de tijolos, êstes agrupados oferecem um novo aspecto. Mas nem por isso a construção deixa de ser de pedra, cuja natureza é a mesma da dos seus componentes. Faça-se a demolição, e os tijolos voltam intactos na individualidade anterior. O mesmo se diz da molécula d'água que se a decomposmos, os seus átomos de Hidrogênio e Oxigênio voltam intactos para as suas formas individuais de antes.

Por sua vez, as moléculas também podem prosseguir unindo-se umas com as outras, formando outras maiores e mais complexas. Mas a natureza, pela qual regem as leis das suas combinações, chamem-se estas amino-ácidos, proteínas ou o que quiserem, está baseada sempre no mesmo princípio dos seus componentes atômicos.

As células do nosso corpo animal são estruturadas por certas formas de moléculas. A função celular, mesmo tratando-se de unidades complexas, como sejam as células cerebrais, também se baseia nas mesmas leis que as partículas primárias transmitem aos seus compostos nos quais elas continuam mantendo a sua integridade atômica individual. A célula é uma entidade organizada que aproveita, nos seus fenômenos físico-químicos, a energia da própria matéria pela combustão, para sustentar sua vida vegetativa. Esta propriedade do edifício celular, apesar de sua complexidade, não ultrapassa os limites das leis até onde lhe permite ir a natureza dos seus elementos básicos, os átomos. Isto nos leva a compreender, pelo bom senso, que se no todo do sêr humano há fenômenos, como os mentais, que não se revelam regidos pelas mesmas leis fundamentais da materialidade, a sua causa terá que ser procurada fora dos limites da matéria. Logo, se pelo efeito concebe-se a causa, é insensato procurar ou teimar que fenômenos como os da inteligência tenham a sua fonte originária no sêio da materialidade, quando esta propriedade concreta não revela nas suas leis a capacidade para gerar espontâneamente a faculdade de raciocinar.

Isto seria exato se a consciência fôsse um produto de base química, como acontece com as secreções glandu-

lares que se analisam nos laboratórios.

Os biólogos assemelham a função celular a uma máquina movida a combustível que se queima. Um exemplo é o automóvel. Seu motor, pela combustão, funciona por si só. Mas para que dê ao veículo movimentos ordenados é preciso outro agente de fora, ou seja, o motorista. Sem êste, o seu funcionamento limita-se pela energia da materialidade mas sem movimentos que se mostrem ordenados.

Também a célula é uma máquina da natureza com função pela energia que ela tira da materialidade, pela queima de combustível nutriente. Mas a capacidade inteligente a matéria não tem para lhes dar. Então, como o automóvel precisa do motorista para lhe ordenar os movimentos, também nossas células por si só não originam fenômenos inteligentes. Daí o dualismo espírito e matéria.

Quem desejar provar o contrário dêstes nossos argumentos que nos apontam onde a célula adquire propriedades para criar fenômenos conscienciais que não se explicam pela função físico-química e nem pela energia da matéria.

É lógico que se na célula individual não surge tal predicado, a união delas para formar pelos órgãos o todo da máquina animal também não vai gerar um outro agente que nelas não se encontre. Isto seria contrariar a lógica da equação: $A + A = A$. Assim, o que se diz da trajetória dos átomos para as moléculas, e desta para as células, o mesmo se diz destas para os órgãos e dêstes para o todo do corpo humano, cujo total não poderá ir além do que lhe podem dar suas partes.

Portanto, não será com palavras ou argumentos de superfície que a tese materialista prevalecerá. Desejamos as razões pelas análises de profundidades, demonstrando de que forma e no qual momento, na sua trajetória do átomo até a célula e desta até o todo do corpo humano, a matéria realiza essa passagem milagrosa, deixando a sua propriedade ininteligente para transformar-se no inteligente. Afirmativas sem apôio de base pela razão analítica não passam de conjecturas dogmatizadas.

Sempre que a defesa do materialismo insistir em que os nossos fenômenos mentais se originam na matéria,

nós a levaremos para as bases desta estrutura para que ali nos acuse onde está a causa no sêio atômico, que se revela capaz de transmitir aos seus compostos essa maravilhosa faculdade, a consciência. Se os átomos isolados não revelam fenômenos de ordem inteligente, como poderiam, pelo fato de se agruparem, gerar tal predicado que não existe na sua intimidade ?

Quanto aos postulados pavlovianos, o célebre cientista russo, como tantos outros, em muito contribuiu para a ciência com as suas elucidações, mas até os limites das suas observações sôbre o comportamento experimental de animais como os cães. Mas, na verdade, quanto à causa da origem da consciência do Homem é assunto que está além das fronteiras do que revelam os reflexos condicionados, pois sem as análises das partes componentes não se pode adiantar em afirmativas, sôbre o que se passa nas profundidades do todo. Mais nobre seria imitar os grandes mestres que preferem se render ao que ainda ignoram, antes de macularem a verdade com suposições que nada resolvem em favor da razão.

Assim, vejamos o que disse o professor universitário, dr. Santolíquido, em uma conferência em Roma, em 1938 : «A esfera da Biologia não ultrapassa o estudo das funções vegetativas do corpo humano. A psicologia é o estudo das sensações, das lembranças, dos sentimentos, das vontades, das idéias, dos diferentes processos mentais. Nenhum psicólogo, porém, autorizado e profundo, ousará dizer que, com enorme auxílio dos laboratórios e dos clínicos, pode penetrar além da superfície da fenomenologia do pensamento.»

Ainda, no trimensário Difusão Odontológica, número de outubro a dezembro, em brilhante artigo, Hipnose e Odontologia, do ilustre prof. Luiz Silva, ali, em certo tópico, podemos ler as seguintes palavras, reproduzidas, de J. B. Rhine, grande mestre da atualidade : «Muito se conhece sôbre o Homem, mas sua natureza fundamental, a que o impulsiona a conduzir-se, é todavia um profundo mistério. A ciência não pode explicar o que na realidade é a mente humana, NEM COMO FUNCIONA EM

RELAÇÃO AO CÉREBRO. NINGUÉM PRETENDE SABER COMO SE PRODUZ A CONSCIÊNCIA.»—mais adiante remata — : «O PROBLEMA CONTINUA SEM SOLUÇÃO E MERAS SUPOSIÇÕES NÃO BASTAM PARA GUIAR A HUMANIDADE.» (os grifos são nossos).

Palavras como essas, poucas mas profundas, e considerando-se da parte de quem elas vêm, valem ser meditadas por aquêles que desejam se pronunciar a respeito, antes de aventurarem suas cartas na mesa.

E de nossa parte aproveitamos advertir os autores de outras obras sôbre hipnose, os quais também veem se exorbitando das restrições em que se acham, ao falarem sôbre Espiritismo, mesclando-o com as primitivas práticas do Mediunismo, baseando-se ainda em outros fenômenos que sejam os do Hipnotismo. Expõem-se a ser convidados sôbre melhores esclarecimentos, com séria responsabilidade moral no trato aos adeptos de uma doutrina que tem merecido atenção de homens esclarecidos no campo da ciência e das letras.

E aqui encerramos os nossos trabalhos desta série, deixando esclarecido que sôbre o que se escreveu no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica, sómente nos ativemos no que se relacionou ao Espiritismo. As outras questões sôbre hipnose médica e odontológica em nada se afetam com as idéias do autor, pela materialidade, merecendo atenção dos que se dedicam na sublime arte de curar.

E despedindo-nos, certos de que não nos excedemos em entusiasmo, mantendo-nos com o devido respeito ético no nosso trato aos que nos fazem oposição, aguardamos serenamente qualquer rumo que nos possa levar à presente tarefa.

Assim, mais uma vez, estaremos em posição de defesa aos nossos postulados doutrinários, dentro da moral, justiça e verdade.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

O Espiritismo não pode descurar

Mac Maynard

*D*A reunião dos bispos brasileiros, entre outros objetivos, além de ataque frontal, impiedoso, ao Espiritismo, está o problema da Educação.

Pelos porta-vozes do clericalismo muito se falou sobre a «má educação proporcionada pelo Estado», e, nessas lengalengas «educacionais» se fez apologia do ensino privado, particular, confessional, mostrando o «mal» do ensino laico.

Quando Gustavo Corção, pelo «O Estado de São Paulo» assestou sua bateria clerical contra o ensino laico, estava visível o dedo jesuita, nesses artigos pretensamente «educacionais»; criticou o «currículo» do ensino brasileiro, esqueceu-se, no entanto, o conteúdo jesuita de nossa malfadada reforma do ensino: a excessiva memorização das matérias lecionadas (não é possível a um aluno estudar as matérias dentro de um programa tão vasto e desconexo como o atual); esqueceu-se de apontar o dedo da igreja, infelizmente presente, nas «reformas» do ensino: o que aí temos em matéria de ensino rescende a ranço, a bolor jesuítico.

A campanha contra a liberdade de ensino foi iniciada, há muito, pela igreja, sempre interessada no contróle da educação.

É necessário que os espiritas não desprezem essa campanha, ela foi lançada, ela foi iniciada pelo clericalismo, precisam os espiritas contra-atacar rijamente, atacar com todo vigor.

A pretensão da igreja em monopolizar o ensino não é de hoje, basta folhar a história da educação para se ver o quanto a igreja se interessou e se interessa pelo assunto, e, a pretensão é tão grande que Donoso Cortez se expressou insofismavelmente: «só à igreja pertence o direito de ensinar; quanto às sociedades civis tal direito não lhes cabe, senão sim o dever de ACEITAR o ensino da igreja.»

Aceitar o ensino da igreja... que pretensão em pleno século XX. Pretensão que precisa ser atacada de frente, pois a igreja «infalível» pensa que estamos ainda em plena era das sombras, e, devido as ligações políticas, o clero pro-

cura influir no Parlamento para conseguir o seu desideratum.

A campanha levada a efeito contra uma das glórias do professorado brasileiro, o Prof. Anisio Teixeira, ainda está fresca na memória dos homens livres: campanha inglória, injusta, iníqua, impudente.

Os espiritas não podem se calar diante do ataque clerical contra a liberdade de ensino.

O Espiritismo prega o livre exame, prega o livre arbítrio, prega o ensino laico—só pode haver liberdade na procura da Verdade, no livre exame, no livre arbítrio, quando o ensino for não confessional, não paroquial, não clerical, mas livre, laico. Eis a pedra de toque de nossa liberdade, eis a pedra de toque, o cerceamento da liberdade sonhada pelo clero.

O Espiritismo é Ciência, Filosofia, de conseqüência religiosa, não pode jamais frutificar num regimen de opressão clerical, precisa de ar, de liberdade espiritual, de liberdade moral, de liberdade intelectual para produzir os seus frutos benéficos à Humanidade.

Como poderia o Espiritismo contribuir com o seu contingente científico em prol da Humanidade em um regimen onde a educação sofresse o contróle da igreja? como poderia o Espiritismo levar o seu quinhão de benefícios aos pensadores, aos filósofos, aos cientistas, num regimen controlado pela igreja?

Nunca... Jamais!

O trabalho é árduo, mas, «a difusão, a infiltração da ciência, do hábito de reflexão individual no seio do povo é laboriosa e lenta como as estratificações geológicas. Muito há que esperar, portanto, ainda, o tempo em que o fanatismo religioso seja apenas uma recordação histórica, e a humanidade contempla de longe, rindo, essas puerilidades da superstição.»

Os espiritas não podem ficar alheios, não podem descurar desse problema de suma importância para o Brasil; esse problema precisa ser debatido nos Congressos, nos Centros, nas Mocidades, nos lares espiritas: é problema vital para a Doutrina do Professor Allan Kardec...

PONDERAÇÕES

v. lirenedo



NENTORES espirituais, reportando-se à atmosfera mental da Terra, dos acontecimentos desencadeados pela vontade do homem, algumas vezes deram-se a minúcias, informando que do plano espiritual vêem-se sôbre o orbe, em países europeus, pontos deletérios, saturados de lágrimas, dores, ódio, sangue. Lugares onde se deram batalhas, crimes políticos e religiosos, teatro das monstruosidades da Inquisição. Estígmata que só desaparecerão à medida que as criaturas a êles ligadas se quitem, no espaço ou em encarnações sucessivas na Terra, das clamorosas violências engendradas, praticadas. Mas, mesmo antigas armas e instrumentos, feitos de qualquer material, utilizados já há muito no crime, nas torturas, seguem impregnados de fluídos trevosos.

No continente americano também não podem deixar de existir tais manchas etéreo-geográficas delituosas: a submissão cruenta dos astecas, dos incas, e depois dos peles-vermelhas. A longa e dolorosa escravização do negro na América do Norte e em nosso Brasil. Todo um panorâma de crimes, de tripúdio da moral e do sentimento, da justiça, do direito; panorâma de compra e venda de sêres humanos, de sistemas econômicos cavilosos, de regimes políticos facciosos exilando, aprisionando e imolando os refratários. Aliás, êsse não é um crônico inventário regional. Com certas variantes e restrições aqui e ali, é acervo universal. Sim, todos os cinco continentes têm contas a prestar ao tribunal divino, que a maldade e delinquência, o despotismo e egoísmo agressivos do homem se fizeram presentes e ativos em tôda parte e em todo tempo. Débitos dilatados, poliformes, oriundos de procedimentos inomináveis vão sendo e hão de ser penosamente resgatados individual e coletivamente. Porque não há fugir à lei sábia do Pai. É a colheita lógica da reiterada sementeira desnaturada. É a lei de causa e efeito, cujo fun-

cionar incontornável é intuitivo nas mentes profanas, é meridiano, provadíssimo aos espíritas.

Mas, apesar do funcionamento alertador dessa lei, já decorrendo quase vinte séculos de *cristianismo*, legiões cerradas de criaturas seguem fingindo, sim, *fingindo* não compreender preceitos simples como êstes — A CADA UM SEGUNDO AS SUAS OBRAS— e —NÃO FAÇAS A OUTREM O QUE NÃO QUERES QUE TE FAÇAM.

Irmãos, eu tinha que deitar estas ponderações no papel, algum tempo após visitar uma fazenda dêste Estado de São Paulo, herdade cujos proprietários, apesar de freqüentadores da igreja, não assemilaram os ensinamentos do Cristo. Percorrendo em companhia dos atenciosos anfitriões a extensa propriedade rural, estive em júbilo sob os eucaliptos, sob as jabuticabeiras exuberantes, os laranjais e pessegueiros, junto ao feijoad, à horta generosa, ao roseiral colorido e perfumado. Mas houve o momento crucial na excursão: foi quando os hospedeiros, num estranho e mesmo lamentável intuito exibidor do antigo *poderio*, fizeram empenho em me levar a terreno quadrado, distante da moradia principal, onde se prendeu e flagelou os escravos. Diante do arbitrário pelourinho particular, dos moirões, golilhas, argolas-algemas, confrangeu-se-me o coração, fêz-se-me dolorida a consciência de homem branco. Sim, quem isto está contando—que não é nenhum hiper-sensível—, teve por endosmose um sentimento de culpa racial, e teve a sensação de achar-se não ao ar livre e puro, no prolongamento ensolarado de uma lavoura cuidada, mas numa furna asfixiante, num abandonado e todavia sufocante matadouro de gado...

Que detalhes opressivos e agressivos de um palco amargoso que tinha de sempre ficar distanciado da casa principal, porque os ouvidos senhoris não podiam ferir-se com os gritos e lamentos dos castigados!...

Ah! pobres tradicionalidades humanas! Pobres almas que das próprias

mazelas fazem vaidade! Os donos ali jamais mandaram queimar ou fundir, ou lançar ao rio qualquer dos apetrechos de infâmia. Como se relíquias gloriosas fossem, com secreto orgulho são exibidos ainda hoje os utensílios satânicos em cujas moléculas a *psicomетria* indubitavelmente registraria cenas selvagens feitas da dor, do desespero e sangue de irmãos nossos vítimas indefesas do cativo.

Vejam, irmãos: não é dado ao homem julgar das coisas transcendentales, mas diante do antigo palco sacrificial, na minha fraqueza humana não pude deixar de aventar a mim mesmo a hipótese de que, as contínuas doenças e provas acerbas tombadas no núcleo familiar daqueles proprietários proviessem da amarga *aura* legada à velha herdade pela escravidão.

Na retirada da fazenda, em prece ligeira a pedir ao Alto bênçãos perenes para a dócil e corajosa Princesa Isabel,

êste escrevinhador insôso, imocionado pedia a Deus também fizesse Êle clari-dade nos corações dos hospedeiros visitados, que Êle, Pai fizesse aquelas mentes assim terrenas se compenetrarem da realidade das leis divinas, que se estribam no amor aos semelhantes, seja qual for a pigmentação dêles. À medida que o automóvel ganhava quilómetros, o meu pensamento voltava à propriedade dos idosos jequitibás humanos, primitivo bloco consanguíneo de muitas pessoas, ora reduzido a dois casais setuagenários e seus três netos. Jequitibás humanos do tempo da monarquia, hoje combatidos de corpo, curtidos de vicissitudes contínuas, de desenganos, mas sempre vaidosos no cerne, sempre com o orgulho de estirpe, e por isso mesmo todavia distanciados do caminho de meditação e remorso traçado pelo verdadeiro e único Senhor dos mundos e dos homens e das coisas — pelo nosso Pai Celestial!

Crônica Estrangeira

Como um Espírito evitou uma cobrança executiva

«The Greater World» publicou o seguinte fato extraordinário que se verificou no sul da Escócia, isso há muitos anos.

O Snr. Reid, de Bowland, proprietário duma gleba de terras, no vale de Gala, estava sendo perseguido por suposto débito de considerável soma, os acumulados dígitos atrasados, dívida que lhe era imputada por uma família nobre, herdeiros dos primitivos proprietários das terras.

O Snr. Reid estava convencido de que seu falecido pai havia (por um dispositivo peculiar à lei escocês) adquirido essas terras por compra ao seu dono e, portanto, a ação executiva era injusta. Porém, após acurada busca e investigação entre os documentos do pai, e inquérito entre as pessoas que tiveram negócios com o falecido, verificou que não havia a necessária prova para a sua defesa.

As coisas prosseguiram de tal mo-

do que êle já estava disposto a fazer o pagamento exigido, mas deliberou ir a Edinburgh no dia seguinte para tentar um acôrdo amigável. Deitou-se com esta resolução e, preocupado com todos os incidentes de sua pendência, teve um sonho vívido, como se segue:

Um sonho vívido

Seu pai, falecido muitos anos atrás, apareceu-lhe junto ao leito, em forma perfeitamente reconhecível, perguntando porque êle se achava tão preocupado. Em sonhos não se estranham semelhantes aparições. O Snr. Reid relatou ao pai a causa de seus aborrecimentos, acrescentando que o mais penoso era pagar tão avultada quantia, pois estava certo de que a mesma não era devida, mas não via outro meio porque se encontrava ante a impossibilidade de apresentar a prova em contrário.

«Tens razão, meu filho», respondeu a sombra do pai. Adquiri os direitos dêsses dígitos, por cujo pagamento estás sendo perseguido. Os documentos relativos à transação estão em poder de

Mr. R..., um advogado, agora retirado de negócios profissionais, residente em Inveresk, próximo de Edinburgh; foi esse solicitador que contratei, por um motivo particular, porém, nunca mais tratou de negócios por minha conta.

O Espírito dá uma informação preciosa

«É bem possível», prosseguiu a visão, «que Mr... tenha esquecido uma circunstância que é de data remota; mas podes refrescar a sua memória com esta particularidade que, quando eu fui pagar as custas, houve dificuldade em trocar uma moeda de ouro portuguesa e resolvemos beber a diferença numa taverna próxima.»

O Snr. Reid despertou na manhã seguinte com tôdas as palavras da aparição, fortemente impressa em sua mente e resolveu cavalgar a Inveresk, em lugar de ir a Edinburgh. Quando lá chegou, encontrou o advogado descrito em sonho. Sem fazer referência à aparição perguntou se êle não se lembrava de haver efetuado uma transação para seu pai. O advogado, pessoa bastante idosa, de princípio não se recordou do negócio que lhe era referido, porém, quando lhe foi mencionada a moeda de ouro portuguesa, o todo voltou à sua memória, emergindo de longinquo passado. Imediatamente êle foi ao seu arquivo e encontrou os papéis.

Deste modo o Snr. Reid, por meio da comunicação de seu pai, em sonho, achou-se habilitado a levar a Edinburgh os documentos necessários para ganhar a causa que estava na iminência de perder.

A Sombra de Napoleão

De «Siglo Espiritista»

É geralmente sabido na Europa que o Espírito de Napoleão apareceu à sua mãe, Mme. Letícia, poucos momentos depois de sua morte em Santa Helena. O caso é verídico e êste incidente foi há poucos anos lembrado pela Sra. Frazer.

Mme. Letícia, conhecida na França por Mme. Mare, foi a última que se despediu de Napoleão quando êle em-

barcou para S. Helena. O «adeus» de Napoleão, foi pela mãe respondido em italiano: «Addio, filho mio.»

Cerca de seis anos depois de sua partida, última, Mme. Mare estava sentada uma manhã na sala do Palácio Bonaparte na Itália (5 de maio de 1821), quando a criada anunciou uma visita que desejava ver Mme. Mare, só e imediatamente, visto ser portador de importantes notícias do imperador no exílio. Ela ordenou que o visitante fôsse levado a sua presença. Êle se achava envôlto em uma grande capa e trazia o chapéu com as abas descidas sobre os olhos; mas ao entrar na sala, como a criada se retirasse, arranjou o chapéu que tapava parte do seu rosto e tirou a capa, apareceu um homem que era o próprio imperador, seu filho amado.

Mme. Mare deu um grito de temor e prazer, e, erguendo-se, tratou de abraçá-lo calorosamente. A mãe pensou que alguém havia proporcionado sua fuga de Santa Helena e êle tivesse vindo saudá-la, antes de seguir para a França. Mas, ao contacto de suas mãos, sentiu a frialdade e o vazio e ficou impossibilitada de se mover e de falar, e êle exclamou solenemente e com gravidade: «4 de maio de 1821»—e desapareceu lentamente, saiu pela porta, deixando bruscamente cair a pesada cortina. Mme. Mare, recobrando a serenidade, seguiu-o até a sala, mas, nada mais viu; foi ao salão, onde êle costumava sentar-se e perguntou:

— «Onde está o cavalheiro que acaba de sair?»

— Excelentíssima, respondeu a criada, ninguém por aqui passou, desde que eu levei o cavalheiro à sua presença, pois eu aqui permaneci todo êsse tempo.

Seis semanas depois, tempo naquela época necessário para ter notícias de Santa Helena, chegou a notícia da morte do Imperador, à Mme. Mare, às 11 horas do dia imediato ao aparecimento.

Nessa ocasião foram três os criados que viram o Imperador: o porteiro, que o recebeu na porta da frente; o lacaio, que procurou receber seu chapéu e a capa; e a criada que o levou à Mme. Mare; mas nenhum dêles, o viu sair, apesar de todos terem permanecido em seus postos.

Espiritismo no Brasil

Serões Bíblicos

Sob o título acima, esta «Revista» iniciará, em sua edição de agosto próximo, a publicação de nova série de artigos de Luiz Caramaschi, nosso antigo e distinto colaborador, relatando um diálogo inédito.

Trata-se de trabalho interessante que agradará, sem dúvida, aos nossos prezados leitores, pela sua originalidade.

Abrigo Jesus

De Belo Horizonte, Minas, recebemos o Relatório do exercício de 1959, do presidente Osório de Moraes, do Abrigo Jesus, daquela capital, situado na rua Costa Sena, 1051 e com telefone 2-9035 e caixa postal, 734.

Esse abrigo foi declarado de utilidade pública pelo Governo Federal, por decreto 42119, de 20-8-1957.

O presente Relatório foi aprovado pela Assembléia Geral Ordinária dos sócios do Abrigo Jesus, realizada em 13 de março de 1960.

Trata-se de um trabalho bem elaborado, dividido em ligeiros capítulos, relatando as atividades administrativas e assistenciais da entidade, dos quais capítulos transcrevemos o seguinte:

«Agradecemos, com tôdas as fôrças de nosso pensamento, a tôdas as pessoas que tem cooperado conosco nesta santa cruzada de amor à criança. No ano de 1959, recebemos valiosos donativos, que seria fastidioso enumerar um por um. Mas sabemos que Deus, na sua infinita bondade, recompensará a todos devidamente.»

Em Itaguaru

O nosso prezado confrade Gervásio de Ataídes, de Itaguaru, no Estado de Goiás, escreveu-nos dando-nos notícia do movimento espírita naquela localidade.

Inicialmente comunicou-nos que o Centro Espírita «Discípulos de Jesus», de Itaguaru, foi registrado no Cartório competente, constando a atual Diretoria do Centro, eleita em 12 de abril último, dos seguintes confrades: 1.º pres., Jonas Sandoval Barbosa; 2.º, Jerônimo de Ataídes; 1.º secr., Gervásio de Ataídes; 2.º, Maria Sandoval de Andrade; 1.º tes., Morbeck José de Andrade; 2.º, Cesário Gomes de Souza; proc., José Galvino Bonifácio; bibl., Firmina Ataídes; zeladora, Maria Ataídes Sandoval; professora de Catecismo, Claudivina Sandoval Barbosa; e Conselho Fiscal, Juscelino O. Barbosa, Maria Rosa Ferreira e Natália A. Sandoval.

O Centro, em reunião de 31 de março, rendeu homenagem a Allan Kardec e a irmã Mariana Justina Barbosa, em memória dos seus espíritos, usando da palavra o confrade Torqua-

to Silveira Junior, fundador do Sanatório Espírita «Casa do Caminho», de Inhumas, em Goiás, o qual discorreu sobre a data e sobre a Doutrina agradando sobremaneira a numerosa assistência.

Participou-nos, ainda, o confrade Gervásio de Ataídes, várias outras reuniões doutrinárias realizadas em Itaguaru, pelas quais verificamos ser grande e sincera a atividade dos nossos irmãos daquelas paragens goianas pela difusão do Espiritismo, o Consolador prometido por Jesus.

Sanatório Espírita «Vicente de Paulo»

«A medicina material nasceu com o primeiro gemido, e seus recursos terminam no túmulo, enquanto que a Medicina Espiritual nasceu com a primeira angústia e vai, além das catacumbas, atravessando os sepulcros, para continuar na sua missão sublime, procurando lenir os tormentos do espírito...»

Esta bela sentença, nós a encontramos num prospecto do Sanatório Espírita «Vicente de Paulo», da grande cidade de Ribeirão Preto, onde tem a sua sede à rua Pará, 1280, com caixa postal 601 e telefone 5282.

Essa conceituada casa de saúde para tratamento de doenças mentais e nervosas, é merecedora de todo o apôio pelos relevantes serviços que vem prestando a necessitados.

Em Duque de Caxias

Esplendor Espiritual no 4.^o
Aniversário da A. Esp.
«Cairbar Schutel»

No dia 25 de maio último, a Associação Espírita Cairbar Schutel, de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, viveu mais uma noite de esplendor espiritual ao comemorar o seu 4.^o aniversário de fundação. Sob a expectativa de numeroso e seletto público, falou aos espíritas fluminenses o general médico do Exército, dr. Waldemar Pereira Cotta.

Não foi fácil retirá-lo dos inúmeros afazeres profissionais e espirituais do Rio de Janeiro, malgrado a proximidade de Caxias com aquela capital. Um ano foi preciso para achar-se uma data, mas valeu o esforço porque todos se sentiram recompensados pelo que de ensinamento e consolação a jornada proporcionou.

«A Morte é um mito», eis o tema sobre o qual o general Pereira Cotta falou durante 70 minutos, envolvendo com brilhantismo e eloquência a variada gama de problemas que assobram a existência humana. Focalizando a vida de relações em tôdas as suas manifestações conhecidas e conduzindo a análise para o plano espiritual, o orador discorreu convincentemente sobre a eternidade do espírito e a eternidade da vida. O homem só se liberta dos «medos» — disse —, quando se espiritualiza. O medo das doenças, da perda da fortuna, da perda dos entes queridos, da perda do emprego, leva à morte do corpo, porque gera a ansiedade e esta produz a extinção das funções biológicas. Não

se tem lembrança de dissertação tão vibrante e ao mesmo tempo tão acessível de quantas foram ali realizadas.

* * *

Fiel ao propósito que se traçou, a Associação Espírita Cairbar Schutel pôde, mais uma vez, brindar o público duquecaxiense com outra tertúlia memorável. Compareceram d.^a Ilva Tavares, Manoel Max das Dores, Manoel Corrêa Duarte, Mário José Floriano, d.^a Zair Jacintho e sr. Antanas Alexsandravicius, representando entidades cõirmãs, e os srs. Severino Gomes, agente dos Correios e Telégrafos, José Franklin de Faria, Chefe da agência do I. B. G. E., vereador Thomé Siqueira Barreto, 1.^o Ten. Wilson de Almeida Sabará, Delegado da 5.^a Seção de Recrutamento, dr. Salvador Pereira da Rocha e muitos outros que o espaço não nos permite enumerar.

* * *

Cumprindo a primeira etapa do plano de finanças traçado pró sede própria da Associação, foi encenada pelo grupo do «Teatro Moderno Caxiense», no dia 21 de maio findo, a peça de Pedro Bloch «Morre um gato na China». Wanda Freimuth, Roberto Moreira e Afonso Fernandes — os protagonistas —, repetiram e ultrapassaram seus sucessos anteriores e conquistaram as simpatias gerais.

* * *

A campanha prosseguirá no dia 6 de Junho com a realização de grande «show» com artistas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde ao lado do admirado Nelson Gonçalves, estarão Jackson do Pandeiro, Tri-

gêmeos Vocalistas, Rogéria e muitos outros. A realização do «show» foi uma gentileza do dr. Moacyr Arêas, Diretor da Rádio Nacional do Rio, que se mostrou sensível à dedicação da A. E. «Cairbar Schutel» no amparo às crianças pobres que estudam na sua Escola Abrahan Lincoln.

28.^o Aniversário de Fundação do Centro Espírita Thiago Apóstolo

O dia 29 de maio findo, assinalou a passagem do 28.^o aniversário do Centro Espírita «Thiago Apóstolo», tendo falado na ocasião, d. Ilva Tavares, oradora já conhecida e muito apreciada em Duque de Caxias. As festividades ocuparam tôda a tarde daquele dia, sendo irradiadas pelo carrovolante de propaganda da «Legião da Boa Vontade». Diversas instituições se fizeram representar, sendo oferecidos doces e bolos aos presentes finda a solenidade.

Do Correspondente

De Fernandópolis

Recebemos e publicamos a seguinte mensagem:

«SAUDAÇÃO

O Centro Espírita «Pátria do Evangelho», de Fernandópolis cumprimenta as altas autoridades desta Comarca e quantos manifestaram de público, pelo «Fernandópolis-Jornal», de 8-5 60 o seu *REPUDIO SINCERO À PENA DE MORTE*.

Essa atitude desassombrada e cristã dos homens que representam e honram nossa cidade vem provar que, de fato, o Brasil é o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho.

«A Diretoria».

Escola Gracinda Batista

Dia 30 de março deste ano foi comemorado na cidade de Rolândia mais um ano da Escola «Gracinda Batista», em tão boa hora fundada pelo abnegado companheiro Vicente Esteves Ferreira.

A Escola «Gracinda Batista», é de fato um belo e exemplar estabelecimento de ensino, que está dando atualmente o ensino primário a quase duas centenas de crianças de ambos os sexos.

As professoras que lá lecionam são criaturas dignas de admiração pela maneira gentil e pelo gesto altruístico, com que se entregam ao serviço de bem orientar e esclarecer, ensinando as primeiras letras.

Ao assistirmos a festa de comemoração de mais um aniversário desta escola, ao ouvirmos as palavras do amigo Onofre Fernandes, que foi o orador escolhido para falar naquela oportunidade, sentimos imensa saudade do nosso amigo, batalhador da velha guarda, que é Onofre Batista e também de Dna. Gracinda Batista, aquela alma bondosa, meiga e carinhosa que soube tão bem desempenhar na terra a sua nobre missão e que ainda continua hoje no espaço a derramar seus fluidos amigos e salutares a todos que de boa vontade se entregam ao serviço do Evangelho.

Ao tomarmos parte em tão brilhante e significativa festividade, nos sentimos bem distante, nas azas de uma prece sincera, procurando na velha e distante Itapira, o velho casal para contemplá-los em tempos idos, no ser-

viço ativo, de auxílio aos menos favorecidos.

E como é bom recordar, mesmo porque, recordar é viver.

Ao velho Onofre, pelo muito que semeou nas plagas do Paraná, só temos que agradecer e a bondosa e inesquecível Dna. Gracinda, tôda a nossa gratidão num gesto de veneração, e respeito.

Está de parabens a cidade de Rolândia, por contar entre outras, a belíssima escola «Gracinda Batista».

Parabens ao Vicente Esteves Ferreira.

Aproveitando o feliz ensejo enviamos também através destas colunas o nosso abraço ao incansável Onofre Batista.

O «O Imortal» congratula-se com todos que lá estiveram presentes às festividades comemorativas de mais um aniversário da referida Escola.

De «O Imortal», de Cambé - Paraná, de 25-5-60.

Federação Espírita do Paraná

Apraz-nos publicar aqui a relação dos departamentos assistenciais mantidos pela Federação Espírita do Paraná e que são os seguintes, extraídos de um avulso que foi enviado à nossa redação:

Albergue Noturno, Sanatório Bom Retiro, Lar Infantil Icléa, Associação Protetora do Recem-nascido Pobre, Caixa de Proteção ao Tuberculoso Pobre e Família, Dispensário Homeopático, Crèche Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, Gabinete Dentário, Jardim da Infância, Artesanato, Associação de Senhoras Espíritas, Livra-

ria, todos em Curitiba; Lar Infantil Mariinha na cidade de Palmeira; Lar Infantil Hercília Vasconcelos — na cidade de Paranaguá.

Em construção: Instituto Lins de Vasconcelos — em Curitiba, Maternidade — em Curitiba, Lar para Meninos — em Campo Largo.

A ser inaugurada: Crèche Da. Josefina Rocha — em Curitiba.

Esta simples relação fala bem alto do valor da obra da Federação Espírita do Paraná, digna do mais decidido apôio.

Em Itapetininga

Carta que recebemos de nosso confrade José Benedito Cruz, de Itapetininga, trouxe-nos gratas notícias de vários empreendimentos dos espíritas dessa bela cidade da Estrada de Ferro Sorocabana.

A carta inicialmente nos fala da eleição, verificada em 29 de maio, da Diretoria da Juventude Espírita de Itapetininga, a qual ficou assim constituída: Presidente, senhorita Adelia Maria Salati Marcondes; vice-presidente, senhorita Shirley Silveira; 1.º secretário, Antonio Meyer; 2.º secr., srta. Mariza Rodrigues; 1.º tes., srta. Beatriz Rodrigues; 2.º tes., Delcio Menezes; diretor artístico, srta. Zeila Silveira. Conselho Consultivo: dr. Antenor Frederico Meyer, José Benedito Cruz, Afonso Gonçalves e Eugênio Kicht Taves.

Essa Juventude realiza suas reuniões na Sinagoga Espírita Estrada de Damasco, à rua Pedro Marques 866, que conta com amplo salão de conferências e outro de Biblioteca, onde são

ministradas aulas de Esperanto.

Continuando sua narrativa, a carta do nosso preza do amigo, nos fala ainda da existência da Sociedade de Senhoras Espíritas, que an-garia e confecciona enxo-

vaizinhos para recém-nasci-dos, e da Fundação Assis-tência Lar e Educandário Achilles Brochieri, que se prepara para a edificação de um Educandário, para o qual já há a doação de uma qua-dra de terra, tendo sido ge-

neroso doador o sr. Lizan-dro do Amaral Prado.

Essas notícias indicam que os espíritas de Itapetininga encaram com seriedade e entusiasmo o trabalho assis-tencial que o Espiritismo es-palha por tôda a parte.

Nosso Representante em Uberaba

Temos o prazer de comunicar aos amigos e assinantes de «Revista Inter-nacional do Espiritismo» e de «O Cla-rim», que o jornalista Arlindo José E-vangelista, residente em Uberada, à rua Major Eustáquio, 63, acaba de assumir a representação das nossas publicações naquele grande centro do Triângulo Mi-neiro.

Estamos certos da boa acolhida dos confrades para o trabalho do nosso dis-tinto companheiro.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da reunião ordinária realiza-da em 4 de Junho de 1960

À hora regimental, profere o Pre-sidente a prece inicial e declara abert-os os trabalhos, mandando ler a Ata da reunião anterior, que é aprovada.

No expediente é lido ofício da U-nião Espírita Mineira, remetendo cópia da Ata de reunião, lá realizada, tratan-do de assuntos doutrinários e federati-vos. Comenta o Presidente o trabalho dessa Sociedade e louva a dedicação da União Espírita Mineira ao serviço de congacamento dos espíritas brásilei-ros.

Estado da Guanabara — O Conse-lheiro Aurino Barbosa Souto informa que a Liga Espírita do Distrito Federal, em Assembléia Geral de 8 de Maio úl-timo, teve o seu título alterado para Li-ga Espírita do Estado da Guanabara.

Bahia — O Conselheiro Major Ruy Vidal de Araujo comunica a celebração do décimo aniversário de fundação da União Social Espírita da Bahia, com pro-

grama de festividades comemorativas.

Rio Grande do Sul — Comunica o Conselheiro Francisco Thiesen que a Fe-deração Gaúcha programou a realização de seis Semanas Espíritas em várias ci-dades do Estado, e que, de Agosto a Se-tembro, serão realizadas reuniões para cogitar da Evangelização das gerações novas, de assuntos referentes ao Servi-ço Social e outros também de interêsse da Doutrina. Comunica, ainda, que está funcionando um Curso de Esperanto, em sua séde, e uma escola de encader-nação.

Após fazer um relato completo e minucioso dos fatos ocorridos no mês de Maio último, o Presidente agradece à Federação Gaúcha, na pessoa do seu Conselheiro, o oferecimento de uma tra-dução, para o alemão, da obra «Agenda Cristã», feita pelo confrade Erico Bo-denstab. Diz ainda o Presidente que lhe chegaram notícias de que, na Rússia, tem sido muito elogiado o nosso livro «Esperanto Sem Mestre», de autoria do saudoso amigo Francisco Valdomiro Lo-renz.

Às dezesseis horas, feita a prece final pelo representante da Federação Espírita de Pernambuco, foi encerrada a reunião.

Reconhecimento Oficial

A notícia de que o Ministro da Justiça aprovou parecer do consultor ju-rídico daquêle Ministério, sr. Azor Bu-tler Maciel, reconhecendo de utilidade pública a Federação Espírita Brasileira, vem provocando protestos violentos, de intenso colorido sectário em vários ór-gãos religiosos de imprensa. O jornal «Mundo Espírita», de Curitiba, registra e comenta um dêsses protestos, em que o próprio govêrno federal é acusado de falta de patriotismo, por reconhecer o fato incontestado de que a Federação Es-

pírita Brasileira é de longa data, um organismo de utilidade pública.

O reconhecimento oficial veio tarde, mas não faltou. Os trabalhos que a Federação tem desenvolvido, tanto no campo da difusão cultural, quanto no da assistência social, reclamavam há muito essa atitude governamental. Possuindo uma grandiosa tradição de serviço ao bem comum, a Federação representa, além disso, o movimento espírita brasileiro, que se estende por todo o país, com numerosos núcleos de assistência social e de orientação cultural, muitos dêles já reconhecidos, tanto pelos governos municipais, quanto pelos estaduais e até mesmo pelo federal, como órgãos de utilidade pública.

Notícias de São Paulo

Serões Espíritas

Na sede do Club dos Jornalistas Espíritas, rua de São Bento, 21, sobrado, aos sábados, das 19,30 hs. às 21 horas, realizam-se os habituais «serões espíritas», para estudo doutrinário, com livre debate. Entrada franca.

Hora Espiritual

Todos os domingos, das 14,30 às 15 horas, pela Rádio América, o programa «Hora Espiritual», da Liga Espírita do Estado, dirigido pelo confrade Euripedes de Castro.

Escola Pública

Na última reunião da Comissão Estadual de Defesa da Escola Pública foi constituída a Comissão de Contacto do Movimento Espírita, que ficou integrada pelos confrades Apolo Oliva Filho, Euripedes de Castro e Herculano Pires. Essa comissão manterá o contacto do meio espírita com a Comissão Estadual, na batalha pela defesa da escola pública em nosso país, contra as fôrças que ameaçam essa conquista da civilização.

Diretoria da UMESP

A nova diretoria da União da Mocidade Espírita de São Paulo, empossada em reunião realizada na Federação

Espírita do Estado, tem como presidente o confrade Orlando de Oliveira e como vice-presidente o confrade Nilson Gandolfi. Segundo estamos informados, a nova diretoria se propõe a intensificar durante a sua gestão, as atividades da UMESP no setor dos estudos doutrinários.

Cursos da UMESP

No auditório do Club dos Jornalistas Espíritas, rua de São Bento, 21, sobrado, tôdas as quintas-feiras, realizam-se dois cursos da União da Mocidade Espírita: Curso de Espiritismo, pelo Prof. Ary Lex; e Curso de Filosofia Espírita, pelo Prof. Bertho Condé. As pessoas interessadas obterão informações no próprio local, nas quintas-feiras, horário dos cursos.

Bibliotéca Chico Xavier

A Bibliotéca Municipal de Pedro Leopoldo, Estado de Minas, deverá chamar-se na bôca do povo: Bibliotéca Chico Xavier, porque o seu nome oficial, segundo projeto de lei do vereador Wilson Martins, aprovado pela Câmara Municipal da cidade, é o seguinte: Bibliotéca Municipal Francisco Cândido Xavier. Registrando o fato, «Mundo Espírita» comenta: «Justa homenagem ao mais famoso médium psicógrafo de nossos dias». Poderíamos acrescentar: e ao caipirinha mineiro que projetou o nome de sua cidadezinha em todo o mundo, através de uma atividade cultural espantosa, publicando nada menos de sessenta obras de literatura, religião, filosofia e ciência, de uma extraordinária coerência doutrinária.

Mas não há dúvida que para Chico Xavier a notícia não será grata. O médium famoso é sempre a mesma criatura simples e humilde que nasceu numa cidadezinha mineira, cresceu em luta com a pobreza, e viveu integrado no meio obscuro do seu nascimento. Chico Xavier não gostará da novidade. Mas nós, espíritas, ficaremos naturalmente satisfeitos, não pela homenagem em si, mas pelo que ela significa de reconhecimento do trabalho e do valor dêsse exemplo moral e espiritual do Espiritismo brasileiro, que é o médium de Pedro Leopoldo.

Obras mediúnicas recebidas pelo
médiu Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo

Evolução em dois mundos

Caminho, Verdade e Vida

Parnaso de Além-Túmulo

Instruções Psicofônicas

Cartas de uma morta

A Caminho da Luz

Pensamento e Vida

Novas Mensagens

Contos e Apólogos

Pontos e Contos

Perolas do Além

Falando à Terra

Os Mensageiros

Gotas de Luz

O Consolador

Luz Acima

Fonte Viva

Ave Cristo

Emanuel

Voltei

Roteiro

Renúncia

Pai Nosso

Boa Nova

Nosso Lar

Libertação

Jesus no Lar

Agenda Cristã

Vinha de Luz

Ação e Reação

50 Anos Depois

Lázaro Redivivo

Há dois mil anos

Paulo e Estevam

No Mundo Maior

Missionários da Luz

Cartilha da Natureza

Vozes do Grande Além

Entre a Terra e o Céu

Obreiros da Vida Eterna

Crônicas de Além-Túmulo

Nos Domínios da Mediunidade

A VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalipse», — Cairbar Schutel.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. \$ 100,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.^a edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. \$ 25,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.^a, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

À venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr\$ 25,00 e mais cr\$ 6,00 para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo

Redator: Italo Ferreira

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$120,00
Semestre	—	„ „	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	„ „	90,00

NÚMERO AVULSO CR.\$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

A que é igual o Outro Mundo ?

Por HUDSON TUTTLE

O cepticismo relativamente às descrições da natureza do mundo próximo, obtidas pelas comunicações mediúnicas, é naturalíssima.

Eu mesmo era um incrédulo no comêço das minhas investigações, há 50 anos, e durante muito tempo depois. Eu estava na situação do sábio francês que, depois de se certificar dos fenômenos psíquicos durante anos, disse: «Eles são impossíveis, porém verdadeiros».

Se a vida persiste depois da morte, e sei que assim acontece, que espécie de vida podemos imaginar senão uma vida natural e semelhante a que aquí vivemos—*mutatis mutandis* e que motivos razoáveis podem ser aduzidos contra a equidade de semelhante vida ?

Que espécie de Mundo ?

Para fazermos uma idéia sôbre a vida futura, figuremo-nos as condições post-mortem que satisfariam os desejos da humanidade.

Estamos habituados durante a nossa vida, às condições da vida terrestre; estas formam uma base natural e verdadeira para nossas meditações. Então, que seja aquêle semelhante ao nosso mundo, sem suas tribulações, lutas e injustiças, com um curso de permutas, não de ouro, porém de serviços; condições climatéricas ideais; com linguagem

universal, incapaz de dar lugar a interpretações errôneas; o método de locomoção dependendo, não da capacidade física, mas da concentração mental, não exigindo esforço, sem fadiga ou outro inconveniente; em suma, o corpo espiritual isento de qualquer incapacidade e invulnerável a doenças, de fato, uma reprodução do corpo físico elevada ao máximo e livre de todos os defeitos. É isto que todos desejam e, estranho como parece ser, são estas as condições precisas que todos obterão no mundo futuro, assim no-lo asseguram os que para lá se foram e seu testemunho seria aceito sôbre qualquer outro assunto, quando vivos, porque então duvidar ? Pelo fato de estarem êles habitando num mundo que, racionalmente, não muda o caráter para pior.

Não admira que os duzentos e tantos desencarnados, com os quais conversei, não desejem voltar à vida terrestre.

As velhas concepções

Por outro lado, a velha concepção da outra vida, aceita por muitos (quando se dão ao trabalho de pensar sôbre o assunto), consiste num cantar perpétuo com acompanhamento de harpas de ouro. Pensemos, por um momento, quão intolerável deveria ser o fazermos incessantemente a mesma coisa durante

tôda a eternidade. Semelhante vida se transformaria, em menos de um mês, num verdadeiro inferno, mesmo para um arcebispo.

A necessidade de ação, imposta pelas solicitações inatas, é tão forte e constrangente no sêr humano, (como nos outros sêres da criação), que, sem qualquer instigação, improvisa meios de exercício, fatos que se pode observar mesmo nos recém-nascidos.

A construção do nosso caráter

Desde o nascimento até a chamada morte estamos desenvolvendo o nosso caráter por meio de exercícios mentais e físicos de tôda a sorte; adquirindo sempre experiência e conhecimentos que formam o caráter, e lembremos que o caráter é o único patrimônio que conosco levamos para o outro mundo.

Do modo por que são formados os nossos caracteres nêste mundo, assim são formados os caracteres de crianças e adultos em futuros desenvolvimentos no mundo espiritual. Daí a necessidade de recreação para evolução da alma humana, como o são para o desenvolvimento do corpo físico, a razão é a mesma. É sòmente pela necessidade de pensar e fazer coisas que a mente se desenvolve e se expande de todo. Privai o homem dêsses esforços e o resultado será alguma coisa análoga à imbecilidade.

Às almas simples que fazem objeção, ou não percebem a necessidade de exercícios na vida futura, eu direi, tentai imaginar que seria o nosso mundo sem qualquer recreação? Seguramente, degenerariamos em criminosos, porque a ociosidade gera a anormalidade, e é oportuno o velho adágio—«O diabo encontra ocupação para mãos ociosas».

O processo evolutivo nos acompa-

nha durante a vida inteira, porque deverá então interromper-se? Certamente ninguém afirmará que o homem alcançou a perfeição por ocasião da morte; mais ainda, a Natureza não faz mudanças bruscas e certamente não comete êrros, daí, continuar a fazer o homem, depois da morte, mas com certas limitações, e com certas modificações, o que aquí fazia, com uma diferença fundamental: êle tem de reparar êrros cometidos durante a vida terrestre, se quiser ser feliz. Quando o conseguir, uma tarefa muitas vêzes difícil, êle lança fora a escória inseparável da encarnação terrestre e a substitue pelo fino quilate duma existência altruista e dêsse modo se habilita a uma promoção mais elevada. Contudo, é o mesmo indivíduo, sòmente como o carvoeiro que pôs uma roupa limpa sôbre um corpo também limpo.

A origem do êrro

O êrro sôbre a natureza da vida futura é devido ao fato de ter sido o corpo físico considerado falsamente o *Ego* real, quando êle sòmente é o veículo empregado pela alma para se manifestar no mundo físico.

Quando pela morte nos descartamos do corpo, a alma continua a viver como antes, porém num mundo imaterial e sujeito às leis que governam aquêle mundo, mundo êsse invisível aos encarnados, exceto aos que possuem faculdades psíquicas, como a clarividência...

Quando Galileu descobriu os satélites de Jupiter, os astrônomos daquele tempo, recusaram-se a olhar para os mesmos, pelo telescópio aperfeiçoado do mesmo Galileu, porque êles estavam convencidos da inexistência dos mesmos. Esta atitude ainda escravisa a maior parte do gênero humano.



Se você está governado, efetivamente, pelo ideal superior, esqueça o amigo que desertou, a mulher que fugiu, o companheiro ingrato e o irmão incompreensível. Todos êles estão aprendendo e passando, como acontece a você mesmo... O que importa é a intensificação da luz, o progresso da verdade e a vitória do bem.

Centro Espírita “Amantes da Pobreza”

— Caixa Postal, 11 — MATÃO — Estado de S. Paulo —

«O CLARIM», quinzenário de Propaganda Espírita — «Revista Internacional do Espiritismo», mensário de Estudos Anímicos e Espíritas

Livraria «O CLARIM» — Obras Espíritas em Geral

Aos Amigos e Confrades

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», desta cidade, fundado em 1905, por Cairbar Schutel, vem mantendo as obras sociais, de seu fundador, acima indicadas — jornal, revista e livraria — dedicados à difusão da Doutrina Espírita no plano nacional e internacional procurando, por todos os meios, levar a tôda parte a luz e a consolação do Espiritismo com a boa nova da existência e sobrevivência do espírito ou seja a imortalidade da alma e dos ensinamentos de Jesus em espírito e verdade.

Essa missão, para os espíritas, vale os maiores sacrifícios, exigindo trabalho contínuo com renúncia de interesses particulares e concentração de esforços a bem da coletividade.

Os diretores do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» e de suas publicações trabalham sem remuneração, dando o máximo de atividade a benefício da causa comum, pois «O Clarim» e a «Revista Internacional do Espiritismo» são patrimônio de todos os espíritas e, embora remunerando apenas os seus operários, com o salário, como é justo e indispensável, enfrentam graves responsabilidades financeiras com as despesas de tôda ordem na sustentação da sua imprensa.

E os dois órgãos de publicidade, o jornal e a revista com 55 e 35 anos de publicação, respectivamente, já deram exuberantes provas de idoneidade do Centro, na execução do programa de Cairbar Schutel, através de seus continuadores, após 30 de janeiro de 1938, data de seu passamento.

Muito já se fez e se está fazendo, mas muito mais é preciso fazer. Para isso, porém, é necessário melhorar as edições e aumentar a circulação das mesmas e, para tanto, temos que contar com o auxílio de quantos queiram ajudar com seus donativos, grandes ou pequenos, para o Fundo de Assistência e Propaganda, que estabelecemos, encerrando a Campanha Pró-Máquina de «O Clarim», e cuja colêta será aplicada na remodelação de instalações, reaparelhamento gráfico e provisionamento de material, como máquinas, papel, tinta e demais elementos imprescindíveis.

Assim, apelamos aos amigos e companheiros, esperando a compreensão e o apôio neste empreendimento pela ampliação de nosso trabalho, visando a maior expansão da propaganda do Espiritismo, o que sempre foi o ideal de Cairbar Schutel no seu longo apostolado.

Êste apêlo, nós o fazemos neste 15 de agosto, que assinala justa-

mente 55 anos de existência de «O Clarim», fundado, que foi, em 15 de agosto de 1905.

Reconhecidos pelo apôio que nos tem sido proporcionado, até o presente, antecipamos nossos agradecimentos pela solidariedade futura, formulando votos de saúde, paz e felicidade a todos os amigos e confrades.

Matão, 15 de agosto de 1960

OS DIRETORES

Angelo Watson Campêlo

Antonia Perche da Silveira Campêlo

Italo Ferreira

Zélia S. Perche

Carlos Vital Olson

Significativa Mensagem

A mensagem de Cairbar Schutel, que adiante se transcreve, foi recebida em Pedro Leopoldo, por Francisco Cândido Xavier, em 16 de junho de 1954, e dirigida ao nosso digno confrade Rafael Medina, residente em Araraquara.

Guardada, há tanto tempo, nós a publicamos agora, neste dia festivo para as obras espíritas de Cairbar Schutel, como homenagem a Rafael Medina pela sua dedicação à Doutrina e a consideração sempre demonstrada por êle ao esforço dos continuadores do Schutel na sustentação das mesmas obras.

E, como preâmbulo, devemos apenas acrescentar que essa mensagem, além de evocativa e comovedora, é das mais significativas como página de reconhecimento e de apêlo à continuação do trabalho na seara do Espiritismo, rendendo os corações a Jesus.

«Meu caro Rafael
Jesus conôsko

Esta é uma página de reconhecimento e carinho, com as minhas preces ao Senhor por seu trabalho na missão que abraçou.

Seus gestos de compreensão e bondade vivem comigo.

Não poderia ser de outro modo. A libertação do corpo físico não significa

esquecimento e a nossa abençoada tarefa de Matão ainda constitue para mim um templo de serviço incessante.

Com a obra, vivo entre os amigos e companheiros que a ela se ajustam e, por isso, acompanho de perto, o seu esforço em Araraquara, tanto quanto a sua amizade nos assiste.

Muito grato meu irmão. Espiritismo iluminado no Evangelho de Nosso Senhor Jesus, não é somente doutrina de salvação, mas infinito campo de trabalho, do qual nem a morte nos consegue afastar. Isso porque nossa fé representa dinamismo da esperança infatigável na edificação do bem.

Continue aproveitando o seu valioso tempo de combate em favor de nós mesmos, oferecendo a Jesus o melhor na pessoa dos nossos semelhantes. Aquí, meu amigo, não somos inqueridos quanto aos anos de que nos apropriamos na experiência carnal, mas a Divina Providência, por seus prepostos, procura informar-se do que realizamos.

Não permita dêsse modo, que a sua época de ação transcorra em regime de sub-nível. Enxugar lágrimas, prover as necessidades de nossos irmãos, consolar aflitos, em suma, traduzir Jesus em atos, ainda e sempre são princípios de nosso ideal Cristão que nos cabe atender, afim de que não sejamos desatendidos.

Quanto lhe seja possível, encorage

nossos companheiros de Matão na cruzada redentora em que nos empenhamos. Graças ao Senhor, reconheço-lhes a abnegação e o amor na causa do Mestre e estimulado por minha vez, no exemplo de trabalho que me ofertam, prossigo em meu insignificante ministério de servidor, convencido de que os Mensageiros Divinos jamais nos desamparam, dentro da singeleza de minhas atribuições, rogo a você, tanto quanto a eles, para que o desassombro e a diligência sejam honrados no dever que fomos chamados a cumprir.

Achamo-nos contratados na Vinha

da Verdade e da Luz e o Senhor permanecerá conosco, auxiliando-nos e fortalecendo-nos, hoje e sempre.

Que Ele nos acolha em Sua infinita bondade alimentando-nos a coragem e induzindo-nos a humildade pura, afim de bem servi-LO, são os votos do amigo e irmão reconhecido.

Schutel»

(Mensagem recebida em Pedro Leopoldo, pelo Chico Xavier, em 16 de junho de 1954).

|| O Paganismo e a Igreja ||

Mário
Cavalcanti
de Mello

V

Como rompemos o silêncio, em torno da influência que o Paganismo exerceu e ainda exerce sobre o Catolicismo romano, continuemos a nossa tarefa proposta, isto é, a de provar com a História, esta verdade incontestável.

Sir James George Frazer, membro da Sociedade Real da Inglaterra e da Academia Britânica, em sua obra magistral e mundialmente conhecida, «O Ramo Dourado», em o Capítulo «Os Jardins de Adonis», às págs. 417 e 418, assim nos fala :

«Quando refletimos nas inúmeras vezes que a Igreja engenhosamente conseguiu exertar o renôvo da nova fé em um velho tronco do Paganismo, suspeitamos que a celebração pascoal da morte e ressurreição do Cristo foi inspirada sobre um pilar da morte e ressurreição de Adonis que, como é provável, a celebrasse na mesma estação do ano. O tipo criado pelos artistas gregos da «deusa dolorosa» com seu amante agonizante nos braços, recorda e pode ter sido o modelo da «Piedade» na arte cristã, ou seja a Virgem com o cadáver de seu divino filho no regaço. Esta célebre escultura, obra do genial Miguel Ângelo, representa um grupo em que a dor vivida pela mãe contrasta maravilhosamente com a languidês mortal do filho, e é uma das mais belas composi-

ções em mármore. A arte grega antiga, legou poucas obras tão belas e nenhuma tão patética».

Relacionado com o que acima foi dito, não deixa de ser significativa uma velha afirmação de S. Jerônimo, aliás, muito conhecida. Diz-nos êle que Belém, tradicional lugar do nascimento do Senhor, estava sombreada por um bosque do mais antigo Senhor da Síria, Adonis e que, onde o menino Jesus chorou, já havia sido pranteado o amante de Vênus. Embora, não o haja dito expressamente, dá Jerônimo a entender que o bosque de Adonis foi plantado pelos pagãos depois do nascimento do Cristo, com a idéia de profanar o lugar sagrado. Frazer sustenta que nisto o frade deve ter-se equivocado.

Se Adonis foi, além de outras denominações, o deus do cereal, dificilmente pode encontrar-se para sua morada um nome mais apropriado do que Bethlem, «A Casa do Pão» e é possível que fôsse ali, em sua casa do Pão, muito antes do nascimento daquêle que disse: «Eu sou o pão da vida». Mesmo na hipótese de que Adonis houvesse seguido e não antecedido ao Cristo em Belém, a eleição de sua figura melancólica para desviar a fidelidade cristã ao seu Senhor, parece-nos eminentemente apropriada quando recordamos a seme-

lhança dos ritos que comemoram a morte e a ressurreição dos dois.

* * *

O festival de Adonis era datado com regularidade, coincidindo com a aparição de Vênus como estrêla matutina ou vespertina. A estrêla que o povo de Antióquia saudava no festival era vista a Este, e se era em realidade Vênus, só podia ser a estrêla matutina.

Em Alfaka, Síria, havia um templo famoso de Astartés e o sinal para a celebração dos ritos era dado pelo esplendor de um meteoro que, em dia determinado, parecia cair, semelhante a uma estrêla, de cima do monte Libano no rio Adonis. Pensavam que o meteoro era a própria Astartés e a sua carreira pelo ar deveria interpretar-se como a descida da deusa amorosa aos braços de seu amante. Assim sendo, podemos pensar que ela foi a estrêla matutina que guiou os magos do Oriente a Belém, o santo lugar que ouviu, na linguagem de Jerônimo, o pranto do menino Jesus e os lamentos de Adonis.

* * *

Entre os deuses de origem Oriental e que na decadência do mundo antigo rivalizavam uns com outros pela decadência do Ocidente, encontra-se o deus persa Mitra. A imensa popularidade de seu culto é atestada pelos monumentos que nos ilustram sobre êle e que foram encontrados em profusão por todo o Império romano.

Com referência às doutrinas e ritos, o culto de Mitra tem muitos pontos de semelhança não só com a religião da «Mãe de Deus» como também com o Catolicismo. A semelhança causou estranheza aos doutôres cristãos que a explicaram como obra do Demônio, desejo de desviar as almas dos homens da verdadeira fé, com uma insidiosa e falsa imitação. Da mesma forma os conquistadores espanhóis do México e do Peru entenderam que muitos dos ritos pagãos nativos não eram mais que falsificações diabólicas dos sacramentos católicos. O que, porém, o estudioso de religiões comparadas afere, é que, fora de qualquer dúvida, a religião de Mitra evidenciou-se sobejamente como uma formidável rival da católica.

Esta semelhança gerou forte riva-

lidade e conseqüentemente um conflito, cujo término ficou indeciso por algum tempo. Conserva-se uma relíquia instrutiva de prolongada luta em nossas festas de Natividade, que cremos, diz Frazer, se haja a Igreja apropriado de sua rival gentílica; no calendário-juliano computou-se o solstício de inverno em 25 de dezembro, considerando-o como a natividade do Sol, pela razão de começarem os dias a alongar-se, aumentando seu poder desde êsse momento crítico. O ritual da Natividade como se realizou na Síria e no Egito era muito instável; os celebrantes reunidos em capelas interiores saíam à meia noite gritando: «A Virgem deu à luz» — «A luz está aumentando».

Os egípcios representavam o recém-nascido Sol por uma imagem humana que tiravam para o exterior a fim de apresentá-la aos seus adoradores. Sem dúvida, no solstício hiemal, a virgem que concebia e dava à luz a um filho em 25 de dezembro era a grande deusa oriental que os semitas chamavam a «Virgem Celestial» ou simplesmente a «Deusa Celestial». Nos países semíticos era uma forma de Astartés. Também Mitra foi identificado por seus adoradores com o Sol, o «Invencível Sol», como lhe chamavam; por isso, sua natividade caía também em 25 de dezembro.

Os Evangelhos nada dizem de seguro com relação à data do nascimento de Jesus. Ou há quem saiba alguma coisa de positivo sobre a data do nascimento e da atividade do Mestre? Mateus o faz nascer sob Herodes, isto é, o mais tardar em — 4 (menos quatro); Lucas coloca o nascimento na época de um recenseamento que teve lugar dez anos depois, em 6 (seis). O mesmo Lucas atribui ao Mestre a idade de trinta anos no dia 15 de Tibério ou seja 29 de nossa era, época na qual êle coloca o batismo de Jesus por S. João; mas, ao que parece, na opinião de diversos exegetas, Lucas tirou esta data de uma passagem de Josefo (que fala da morte de S. João a propósito de um acontecimento do ano 26), admitindo um intervalo de sete anos entre a predicação do Batista e o incidente em questão. Lucas faz durar um ano e meio o ministério de Jesus, para o qual João reclama três anos e meio. Êle fala, apenas, de um episódio da infância de Je-

sus (a discussão com os doutôres), fato ignorado pelos outros evangelistas. João faz dizer pelos judeus a Jesus que êle não tem ainda cinquenta anos, o que fêz com que a Igreja primitiva concluísse que êle tinha quase quarenta e nove. Mas, se o Mestre nasceu em—4 (menos quatro), teria morrido em 45, não sob Tibério, mas sob Cláudio, e, com efeito, o falso relato de Pilatos, fabricado pelos cristãos, é dirigido a Cláudio. Se de outro modo, Jesus nasceu no ano do recenseamento, em seis e viveu quarenta e nove anos, significa que morreu em cinquenta e cinco, isto é, sob Nero, e tal é a opinião de vários cristãos de Jerusalém. Enfim, Eusébio, menciona um outro falso relato de Pilatos, desfavorável a Jesus, que o fazia morrer em vinte e um, o que, disse Eusébio, é impossível, porque Pilatos, segundo Josefo, não era Procurador nesta época. Desta forma, os Evangelhos nada dizem de positivo a respeito do nascimento de Jesus, razão por que a Igreja dos primeiros tempos não o celebrava. Entretanto, passado algum tempo, os cristãos do Egito concordaram com seis de janeiro como data da Natividade e o costume de comemorar o nascimento de Jesus nêsse dia foi gradativamente se estendendo até o século IV.^o, quando ficou universalmente estabelecido no Oriente.

A Igreja ocidental, porém, que até os fiões do III.^o século ou comêço do IV.^o não havia reconhecido o dia seis de janeiro como dia da Natividade, adotou o 25 de dezembro como a verdadeira data e esta decisão foi aceita depois pela Igreja oriental. Em Antióquia a mudança só foi introduzida lá para o ano 375, aproximadamente.

Que considerações guiaram as autoridades eclesiásticas para instituírem a festa de Natal? Os motivos para a inovação estão declarados com grande franqueza por um escritor sírio-cristão:

«A razão, nos diz êle, por que os padres transferiram a celebração de 6 de janeiro para 25 de dezembro foi esta: era costume dos pagãos celebrar no mesmo dia 25 de dezembro o nascimento do Sol, fazendo iluminações como símbolo da festividade. Nestas festas e solenidades os cristãos também tomavam parte. Por isto, quando os doutôres da Igreja se deram conta

de que os cristãos tinham inclinações para esta festa, consultaram-se e resolveram que a verdadeira Natividade deveria solenizar-se nêsse mesmo dia, e a festa da Epifânia, no dia 6 de janeiro. Por esta razão e continuando o costume, seguem acendendo lanternas até o dia 6».

A origem pagã da Natividade está claramente insinuada, se não tacitamente admitida por S. Agostinho, quando exorta os cristãos fraternalmente a não celebrarem o dia solene em consideração ao Sol. De modo semelhante Leão o Grande condenou a crença pestilenta de ser a Natividade solenizada pelo nascimento do novo sol, como foi chamado, e não pela natividade do Cristo.

* * *

Desejamos que os leitores fiquem certos de que, quando empregamos a palavra «cristianismo», já não é mais aureolada daquela veneração que possuímos pelos verdadeiros ensinamentos de N. S. Jesus Cristo. Muita coisa foi deturpada pelos homens, muitos acréscimos inúteis desvirtuaram o sentido puramente espiritual da doutrina do Mestre. O Cristianismo de ontem está em nossos dias tão materializado pelo clero, tão enxertado das coisas do Paganismo que se nos afigura irreconhecível. Não o confundamos, pois, com a verdadeira doutrina cristã.

Quisemos demonstrar que os padres, assim como amesquinham o Bramanismo, amesquinham também o Cristianismo verdadeiro, mudando-lhe até a denominação.

Outrossim, não nos insurgimos com o fato de haverem os padres mudado a antiga data da Natividade para 25 de dezembro. Em qualquer dia do ano que fôsse convencionado para a festa do nascimento de Jesus, nós o aceitaríamos, uma vez que os Evangelhos são profundamente divergentes neste ponto. O homem deveria homenagear Jesus todos os dias e nada mais faria do que cumprir um dever para com um missionário de seu porte moral e que sacrificou sua vida pelo mais sublime ideal que surgiu neste vale de lágrimas.

E aquí ficamos, por enquanto, deixando outras considerações ou o complemento da tese que defendemos, para o próximo artigo.

Ainda, Hipnotismo e Espiritismo

V. O. Casella

Os leitores acompanhantes dos nossos três últimos trabalhos devem estar lembrados que neles contestamos o que se disse no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», do dr. Osmond Andrade Faria, em relação ao Espiritismo.

Do autor em questão recebemos respeitoso protesto, defendendo-se de dois pontos do nosso rebate inicial. Atendendo seu pedido, e seguindo nossa norma de lutar em campo limpo, vamos transcrever de sua missiva, com muita honra para estas páginas, os dois tópicos da sua defesa.

Após considerações, cuja gentileza agradecemos, inicia: «Pelo que percebi, V. S. baseia todo o seu trabalho em dois argumentos principais extraídos do meu livro:—

- a) o trecho contido a página 443 e no qual eu escrevo:—*Ali se trabalha sem método, desordenadamente; ali se trabalha com indivíduos que na sua maioria pertencem ao tipo débil, DESEQUILIBRADO, instável, com predominância histérica ou neurótica.*
- b) o fato de eu não apresentar qualquer explicação fisiológica, dentro dos conhecimentos reflexológicos, para certos fenômenos observados na orla espírita, principalmente o estranho conhecimento que certos indivíduos têm de ciências que jamais estudaram».

Embora o todo do nosso trabalho não se firme apenas nesses dois pontos, como o julgou de início, cuidemos dessa sua defesa, começando-se pelo tópico da letra—a—, sobre o qual o autor argumenta: «Em nenhum trecho do meu livro eu me referi aos espíritos como desequilibrados... MENTAIS.

A expressão — desequilibrado —, que aparece ao lado das duas outras, — débil— e — instável, são expressões reflexológicas, cujo sentido V. S. não alcançou. Dê um pulo, por favor, às págs. 153, 154 e 155 do meu livro, art. 37.—Tipos Nervosos—. E veja lá, — procure

entender, por favor — o que é um tipo nervoso débil (não confunda com tísico), o que é um tipo nervoso instável (não confunda com volúvel ou pusilâme), o que é um tipo nervoso desequilibrado (nada tem a ver com insano mental)».

Antes de cuidarmos pela profundidade, o argumento desta sua justa defesa, desejamos esclarecer que o termo, — desequilibrado —, quando desacompanhado de qualquer especificação, por si só deixa subentendido que se refere a — desequilíbrio mental.

Vejam no Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, o seu significado: «Desequilibrado: — que, ou que não está em equilíbrio; ou o que perdeu o equilíbrio mental.»

Portanto, pelo fato do seu dizer de que não se referiu aos espíritos, como desequilibrados... mentais, não seria necessário a presença desta especificação, — mentais — para que assim se entendesse. O termo, — desequilibrado —, não é uma propriedade exclusiva sobre reflexologia, assim como também não os são os outros dois ao seu lado, — débil— e — instável —, possuindo todos eles outros sentidos no quadro clínico da Psiquiatria.

Logo, empregados naquele capítulo, onde já de início se entremeia Espiritismo com doenças mentais, sob o título—Hipnose e Misticismo—, e no discorrer do tema a cada passo aditouse termos da linguagem psiquiátrica, criou-se ali um tropêço, valendo por uma insinuação, sem dúvida involuntária, com prejuízo aos adeptos de Kardec. Assim, logicamente, o leitor demasiado atento no sentido geral do tema poderá, na passagem daquele tópico, ser colhido de surpresa, despercebendo-se do verdadeiro significado do termo, cuja confusão, quando acontece, inclina para o lado do que muito se escreveu naquele capítulo, sobre Espiritismo e alienação, e não pela forma indicada na sua defesa.

Nesse exposto, os leitores não devem interpretar como se estivessem insinuando ou pretendendo anular o protesto do autor que, apesar de gentilmente nos ter apontado onde verificar

sua razão, somente a sua palavra, nobre e honesta, já seria o suficiente para receber nossa acolhida, com simpatia e justiça.

Mas, apesar do seu protesto sensibilizar-nos, pela sua franca preocupação em fazer-nos ver que jamais em seu livro chamou os espíritas de desequilibrados mentais, é lamentável que todo esse seu sincero esforço não se sustente. Infelizmente, a sua razão apenas atingiu um termo, quando ali há tantos outros para manter a tese do nosso primeiro trabalho, na altura ali por nós colocada.

É de se ver que quando fizemos a referida denúncia estávamos firmados no total das suas palavras ali a nós endereçadas, onde fomos relacionados com a insanidade mental. Por motivos de ética não havemos desejo de enfileirar, no nosso argumento, tudo quanto ali se aludiu aos espíritas. Foi assim, que ao recolhermos a amostra, nossa atenção atraiu-se por aquêlê termo, — desequilibrado —, devido sua sintonia de expressão com uma das modalidades clínicas, o «desequilíbrio mental», da constituição psicopática.

Mas, se o equívoco se fez patente, o fundamento do sentido não se alterou porque o feitiço clínico, «desequilíbrio mental», é uma predicação mórbida também encontrada justamente no quadro clínico da constituição da Histeria, expressão esta também dirigida aos espíritas, naquele mesmo tópico da amostra, onde também se lê: «... com predominância histérica ou neurótica.»

Como vemos, sem evocarmos os demais termos psiquiátricos, dirigidos aos espíritas, alguns dos quais muito a contra gosto aqui agora transcrevemos: «pré-psicóticos—neuroses — psiconeuroses — desequilíbrio neuromental, todos correspondentes a alienações, somente aquêlê,—histérica—, por si só sustenta inalterada a nossa denúncia, da qual nada temos a retirar da sua essência, que será desenvolvida na hipótese da necessidade de se prosseguir.

No entanto, apesar do impasse surgido, as palavras da sua defesa nos faz reconhecer ter sido aquela sua acusação mais involuntária que intencional, pela espontaneidade que se nota nesta sua frase: «Em nenhum trecho do meu li-

vro eu me referi aos espíritas como desequilibrados... MENTAIS.»

Quanto a sua segunda defesa da letra—b—, trata-se da parte, onde também no nosso primeiro trabalho disse-ramos: «Pela hipnose, como compreender que um indivíduo possa originar conhecimentos da sua mente os quais ali não teriam penetrado pelos métodos da aprendizagem? Poderia êle oferecer mensagens em idiomas que lhe seriam estranhos, contrariando os postulados da Psicologia?» — seguindo-se mais estas palavras de Richet — «a explicação espírita é a mais aceitável.»

Êste «aceitável», pelo qual o autor nos chama atenção em algum tópico de sua carta, de fato, não se interpreta como uma afirmativa. Mas, considerando-se da parte de quem vem a opinião, é algo valioso para nós.

Sobre esta parte o autor argumenta: «E no estudo dêste problema—V. S. que foi tão cuidadoso na pesquisa bibliográfica—cometeu um erro por omissão. Tais temas foram por mim discutidos mais amplamente num outro livro meu que V. S. demonstra não ter lido, —Hipnose e Letargia—, da mesma Livraria Atheneu que editou o primeiro e que já está à venda há mais de um ano.

Procure lê-lo... Veja em que termos eu coloquei a questão. Não resolvi o problema, absolutamente, mas apresentei uma série de argumentos que tornam a minha tese, também aceitável».

Ora, não duvidamos da palavra do autor e reconhecemos sua capacidade. Mas precisamos ressaltar que o nosso rebate é baseado nos fundamentos do seu tema, e não em uma particularidade. Nestas condições, no outro seu livro, ao qual nos envia, pode-se ter tratado o assunto em outros termos, mas os fundamentos básicos não se compreende ter havido modificação, a menos que se mude de opinião nesse curto prazo, cuja atitude não se admira nos investigadores insistentes.

Logo, não há motivo que se nos acuse de—erro de omissão—, quando estamos dentro da ética de se comentar o que se leu, e não sobre o que, pela ausência, não se conheceu.

Contudo, estamos providenciando a aquisição do segundo livro, Hipnose e Letargia que, apesar dos nossos choques de

idéias, certamente nos agradará, como aconteceu com o primeiro.

E para finalizarmos êsse debate convidamos o autor, que talvez hoje já não pensa de nós com o mesmo rigorismo de quando elaborou o original do seu — Manual de Hipnose Médica e Ontológica —, a não se preocupar tanto com o incidente. Não julgue que nós espíritas estejamos lhe devotando estéreis ressentimentos, ao ponto de se colocar entre a nossa generalidade e a sua digna pessoa, na qualidade de estudioso, um abismo de incompatibilidades. Paradoxalmente declaramos: Se fôr para escolhermos entre os indiferentes e os que nos atacam com intenções honestas, preferimos êstes últimos que além de nos manterem em atividade no campo da luta esclarecedora, tais opositores também se mostram que, mesmo para nos contestar, acham-se interessados no assunto.

Hoje, entre os adeptos de Kardec encontram-se elementos de valor que antes terçaram armas, no setor polêmico, em oposição aos que já se achavam dentro do Espiritismo. E muitos foram irônicos. Mas nem por isto, os kardecistas, embora feridos no íntimo, nutriam-lhes rancor.

Tais acontecimentos têm atingido até mesmo os mais altos setores intelectivos. Lembremos apenas um exemplo, em nosso país, quando ilustre homem de letras, dr. Viriato Corrêa, após longo tempo de materialismo, mas sempre interessado na procura da verdade, acabou capitulando nobremente em favor do Espiritualismo. Sua célebre conferência, na Federação Espírita Brasileira, historiando a sua rígida conduta anterior, tornou-se memorável, cujas palavras, reproduzidas em opúsculos, as conservamos com admiração e respeito.

Do exterior, citemos o célebre criminalista italiano, Lombroso. Materialista de fama, mas indagador insistente, acabou cedendo, conforme sua carta, ao

seu amigo professor Ernesto Golfi, publicada na «Tribuna Giudizziaria», de 5-6-1891, em cujo trecho declara: «Sinto-me envergonhado e condoído por ter atacado com tanta pertinácia as possibilidades dos fatos chamados espíritas; e digo os fatos porque sou ainda contrário à teoria. Porém, os fatos existem e jacto-me de ser escravo dêles.

(assinada e datada) Turim, 25 de Junho de 1891 — Cezare Lombroso».

E com apôio nesses exemplos oferecemos nosso incentivo ao autor, dr. Osnard Andrade Faria, para que não se aborreça com o sucedido, compensando-nos com o prosseguimento incansável das suas pesquisas, buscando algo que ainda lhe falta encontrar nos abismos da mente humana.

Se fizemos tal denúncia não a foi por capricho, ou para criar em público longas discussões estéreis. O nosso propósito é apenas para alertar os nossos opositores de que não somos inativos e estamos em condições de defender nossos princípios doutrinários, quando nos atacam.

E também, desde que o autor declara não ter se referido aos espíritas como desequilibrados mentais, somente isto bastaria para encerrar a questão, pois tais dizeres revelam que se ali algo se possa interpretar nesse sentido ofensivo, não teria sido proposital.

Na realidade, se há alguma coisa no nosso trabalho que nos poderia entusiasmar para debates, com proveito sadio para ambos os lados, seria sobre o tema — espírito e matéria —.

E aqui julgamos estar findo êsse desentendimento, no qual esperamos não mais voltar. Mas, contudo, se fomos evocados para outros esclarecimentos, nesse mesmo assunto, a êle voltaremos, mantendo com dignidade a luta que não nos será fácil, considerando-se a qualidade invejável do nosso contendor, que maneja as armas com arte e nobreza.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo enderêço; 3) o novo enderêço, para onde a Revista deve ser enviada.

Serões Bíblicos - I

Redator: LUIZ CARAMASCHI

Encontro com o filósofo

— Eu, Chilon, filho de Calícrates, relato estas coisas, para que Luiz Caramaschi as escreva e mande publicar.

— Estava eu, Chilon, visitando a cidadezinha de Cananéia, que fica ao sul do Estado de São Paulo, quando ouvi falar do filósofo Árago, que tem um telheiro para seu barco na foz do Rio Mandira que é afluente do Rio das Minas. Eu, que gosto imensamente duma discussão amigável, seja pela imprensa, ao longe, seja à viva voz, ao perto, rumei para lá, a fim de conhecer o sábio. O dia já declinava, e o farol da Ilha do Bom Abrigo estava aceso.

— Custou-me muito encontrar a cabana; mas, como diz um brocardo, quem tem bôca vai a Roma. Chegando ao rancho que me diziam ser o do sábio, vi que um pescador retencia sua rêde no terreiro, aproveitando os últimos clarões da tarde, sentado num tamborete de três pernas.

— O senhor me poderá informar onde se encontraria Árago, o sábio? disse-lhe eu.

— Árago — Eu me chamo Árago, e alguns me têm por sábio, conquanto eu não passe de filósofo, isto é, de amigo da sabedoria.

Chilon — Bravo! é a vós mesmo que eu busco, com minhas andanças por estas terras.

Árago — Para que me buscavas?

Chilon — Desejava trocar idéias convosco!

Árago — Está bem. Mas eu te advirto de que tenho trocado idéias com muita gente, e em tais barganhas, tenho sempre levado na cabeça. O sujeito quer barganhar suas idéias pelas minhas; mas no final das contas, leva o que é meu, nada me deixando em troca, pois as idéias que traz, já as desprezei de há muito. Todavia ainda que sejas tu um dêsses, dar-me-ás o prazer, não só da tua visita, como ainda me possibilitarás falar, visto como o falar me faz bem. Fazendo passo revista aos meus conhecimentos, ampliando-os mais com porme-

nores imprevistos. Dêsse modo, embora na troca de idéias eu perca, ainda ganho.

Disse isto Árago com uma ponta de malícia e bom humor a lhe transparecer no sorriso, depois do que continuou: — Eu não moro aqui, e sim em Cananéia. Aqui só tenho êste telheiro para a pesca, com uma dependência de quatro cômodos, onde passo, às vezes, até uma semana. Nêste caso trago minha espôsa para cá, para cuidar de mim, enquanto pesco ou escrevo. Além de ela cozinhar, e arrumar a casa pegada ao telheiro, ainda dátilografa meus escritos. Às vezes Anidra, a empregada, também vem cá, a fim de ajudar Cornélia, minha espôsa, nos quefazeres domésticos. Por isso o telheiro possui dois quartos, além da sala e da cozinha.

— Hoje nenhuma está aqui, pelo que teremos de nos ir para minha casa. A distância, conquanto razoável, será facilmente coberta pela minha canoa motorizada.

Isto dizia Árago no tempo que se ia dirigindo para o interior do barraco, a fim de guardar a rêde e demais petrechos de pesca, depois do que, fechou a porta. Falando ainda, fêz-me sentar, e se acomodou por sua vez, no interior da canoa, puxou a cordinha do motor, pondo tudo em movimento rumo à Cananéia. Chegados à casa foi ainda Árago quem primeiro falou:

— Sê bem-vindo à minha casa modesta. Vamo-nos para minha biblioteca, e aí sentemo-nos tranqüilos, pois de agora em diante, se fizeres o prometido, estaremos fora do tempo o tempo todo...

Acenou-me Árago para que me sentasse numa poltrona, enquanto êle tomava assento noutra próxima. Corria eu os olhos pela biblioteca e demais móveis do aposento amplo, no passo que me ia Árago fazendo a descrição da serventia de cada peça.—Ali está o aparelho de som de alta-fidelidade; aqui, a poltrona reclinável, para os exercícios hipnopédicos; lá, no fôrro, o globo hipnogênico; mais além, o gravador de som, para as auto-sugestões.

— Vós me podieis, disse-lhe eu, explicar por que viestes habitar nesta região, entre pescadores incultos, em vez de em São Paulo ou Rio ?

Árago — Isto ser-me-á fácil fazer, se fores filósofo, senão manifesto, ao menos potencial. Mas se pertenceses aos outros dois tipos humanos, o avarento e o ambicioso, não me poderás entender. Para responder tua pergunta, hei de fazer falar Sócrates, pela pena de Platão. Estejamos na Grécia, de um salto, pois nos situamos fora do tempo, no reino do puro pensamento.

E assim dizendo, tirou da estante o volume «A República» de Platão (Athena Editôra), abrindo-o na página 389.

* * *

«Sócrates — Eis por que dissemos que três são os principais caracteres dos homens: o filósofo, o ambicioso e o avarento.»

«Glauco — Perfeitamente.»

«Sócrates — E três as espécies de prazeres análogos a cada um destes caracteres.»

«Glauco — Com efeito.»

«Sócrates — Se perguntasses a cada um desses homens em particular qual é a vida mais feliz, tens dúvida de que cada um deles exaltaria principalmente a sua? Porque o avarento porá a ganância acima de todos os prazeres e desprezará a ciência e as honras, a menos que lhe sirvam de meios para chegar à posse da riqueza.»

«Glauco — É verdade.»

«Sócrates — Que diria, por sua vez, o ambicioso, senão que é baixo o prazer que deriva das riquezas, e vão o que resulta das ciências, a menos que o seu estudo conduza às honras e glórias.»

«Glauco — Assim é.»

«Sócrates — Pelo que toca ao espírito filosófico, afirmamos com toda convicção que nenhum caso faz de todos os demais prazeres, em comparação com o de procurar a verdade pura; e que, aplicando-se ao seu estudo, os desfruta mais e mais, tendo todos os mais deleites como outras tantas necessidades, às quais ninguém se deve prestar, excepto na medida das exigências da natureza.»

* * *

Árago — (fechando o livro) Eis por que vim eu parar neste lugar, tão lo-

go me vi aposentado na função que exercia no serviço público. Se eu fôsse ganancioso, num esforço de enriquecer-me, iria procurar uma cidade próspera, cheia de aventureiros, de vida caríssima, como Brasília, por exemplo, ou outras, igualmente de vida cara, como Presidente Prudente, Londrina, Piraju e quejandas. Se meu objetivo fôsse o prestígio, a glória, a honra, o renome, iria buscar posição de mando nos grandes centros, nas capitais; iria ser um como esses muitos salvadores da pátria, que andam por aí em evidência, iludindo e enganando as massas, porque ninguém poderá dar o que não tem. Mas sou filósofo, e por isso vivo aqui nos meus vastíssimos domínios de pensamento, tranqüilo e feliz, longe da minha época de loucuras e desmandos, vivendo noutras dimensões fora do espaço e do tempo, e com a morte superada. Conquanto esteja ainda metido neste corpo, tenho, no meu peito, uma gostosa sensação de eternidade...

— Eu vivo em paz com estes pescadores (prosseguiu Árago), com os quais me misturo, copiando-lhes os trajés e a vida simples, despreocupada. Ajudo-os, por todos os modos, pelo que são todos meus amigos. Pesco com eles, em seus barcos, para me distrair, de vez em quando. Peixes e coisas do mar não me faltam nunca. Eu próprio sei pescar de réde, na práia, e me dou conta de que o celeiro do oceano é inesgotável. Filosofar é como pescar, ou seja, tirar um pouco do inesgotável oceano, seja êle de águas, seja de saber.

Chilon — Mas não achais vós que deveríeis dar um pouco das vossas luzes aos outros? ou achais que deveis guardar, para vós, avaramente, tudo?

Árago — Ainda, se me permites, farei que fale Sócrates, visto que percebo na tua pergunta, a velada acusação de que o filósofo é uma pessoa que não presta para nada.

— Sócrates (prossegue Árago) propõe uma alegoria para explicar por que as repúblicas se governam mal; a causa é por que os piores são os que, vencendo por qualquer meio, se impõem; dizendo isto, Sócrates continuou seu pensamento anterior, quando afirmara: «— Realmente, é provável que, se houvesse uma cidade constituída só de bons, haveria competição para fugir ao

poder, precisamente como agora existe para obter;» (Platão, A República, 42 — Atena Editôra). Concluindo Sócrates o que explica sua alegoria da briga dos marujos incompetentes, pela posse do leme, prossegue:

«Sócrates — Acrescenta que amplas razões lhes assistem em dizer que os mais ilustres filósofos são realmente inúteis à sociedade. Mas faze-lhes ver que a razão de tal inutilidade não se deve atribuir a êles, filósofos, senão aos que não se dignam empregá-los. Porque, como não é natural que o piloto suplique aos marinheiros que lhe entreguem o leme da nau, também não é curial que os filósofos andem de porta em porta a fazer súplicas que tais aos ricos. (.) A verdade é que, rico ou pobre, quem está doente é que deve ir bater à porta do médico. Quem tem precisão de ser bem governado vá procurar quem bem o governe. Não há de ser o bom governo quem, capaz de ser útil a outrem, ande a mendigar o favor de se valerem os outros de suas luzes. Não errarás, pois, comparando com os marinheiros da alegoria os políticos que ora se encontram à testa dos negócios públicos e chamando filósofos aos que são tidos por gente inútil, perdida nas estrêlas.» (Platão, A República, 250 — Atena Editôra).

* * *

Árago — De maneira que, tornando ao meu caso, não preciso andar implorando o favor de os outros se servirem das minhas luzes.

Chilon — Conquanto tenhais fundamentado bem vossa recusa em ajudar os homens, desde que, para isso, os tenhais de procurar, eu peço licença para discordar de vós e de Sócrates: Discordando, digo que não se pode querer aquilo que se desconhece; como é que os homens hão de desejar filosofia se nem sabem o que isso seja? Como é que hão de sentir precisão do saber, se isto não é, para a maioria, coisa de primeira necessidade? Dê-se a conhecer o sábio, faça brilhar suas luzes, e todos precisarão delas depois, tomando-as como coisas indispensáveis à vida, senão à do corpo, ao menos à do espírito.

Árago — Quê? Acaso tenho eu de ir falar às gentes nas praças, fazendo-

me preceder de toques de caixas e de cornetas? Ter-me-iam por louco ou fanático, é certo, se isto fizesse!

Chilon — E' certo que sim. Mas já se foi o tempo da escola peripatética. Agora temos a imprensa.

Árago — Ora, a imprensa!... Tu me vens falar dela! Acaso não vês que o jornal, a revista, o livro, tudo está nas mãos dos mercadores? Êles querem dinheiro à farta e não idéias raras, peregrinas, originais, sábias. Quando qualquer escrito lhes cai nas garras, vão êles logo, e às pressas, correndo seus olhetes míopes pelas linhas. Se depois, do alto da sua sapiência econômica, «julgarem» que a coisa é boa, dão-na ao prelo. Dêste modo, quem não é porco morre a fome, como o filho pródigo da parábola, no meio da fartura de landes ou bolotas. O pensamento é o que governa o mundo, com ser espírito, princípio ou lei; contudo sua abundância divina se torna escassa, por causa de o maldito dinheiro subordiná-lo aos seus fins. E' assim que, no meio da universal fartura de Deus, se morre a fome neste chiqueiro. Eu não leio jornais, nem revista, conquanto os receba aos montes, porque nêles, com raras exceções, só acho bugiarias. Muitas das minhas idéias eu as pus em papel, e sabes o que sucedeu?

Chilon — Não.

Árago — Nem abrindo mãos dos proventos resultantes de direitos autorais, achei editor. Minha obra fil-a, decerto, para as traças e para os ratos, pois o fim das minhas páginas será algum sótão ou porão.

Chilon — Mas é que o mestre tem buscado os editores, diretamente, para imprimir seus escritos; ora, como êles são meros ganhadores de dinheiro, por isso não perguntam se em seus escritos há idéias, mas sim, se para êles haverá público grosso. E os que não agem por dinheiro, êsses são até piores, porque são escravos da parcialidade a que pertencem, julgando ser verdade somente aquilo que estiver de suas portas para dentro. Acrescentem-se a isto as amizades, os personalismos, as recomendações, os respeitos humanos, e ter-se-á completado o quadro da mediocridade. E como para os grandes sucessos editoriais qualquer bobagem serve, nada mais é preciso fazer que seguir a inclinação

das massas. O aplauso da multidão, já o disse «Sua Voz», n«A Grande Síntese», está na razão inversa do valor.

Árago — Cáspite! até parece que sou eu quem está falando! Como vê, trancaste ainda mais agora a porta que já me impedia de sair à luz. Como é que hei de sair a público, a não ser, então, beijando as mãos aos editores? Aconselhar-me-ias, acaso, escrever umas pedantonas bugiarias, para começar? Estarias, porventura, me querendo dizer que devo arranjar algum padrinho? Não vê, todavia, que tudo isso é tão difícil, perigoso e humilhante, quanto o forçar fazer, a águia, vôo rasteiro de pardal? Ora, meu caro Chilon, eu estou muito sossegado no meu canto, sem nenhum estímulo que me obrigue a sair à luz, e ainda mais, a tal preço. Desprezo os sonhos de grandeza, e se ainda lhes sinto os pruridos, devo lutar contra êles com tôda a fôrça e tenacidade com que se combate uma paixão malsã. Meus vencimentos de aposentado me dão muito bem para viver. Se pois riquezas, glórias e honrarias não me dominam; que coisas outras me fariam assoalhar? O que só busco é o saber, e para isso não preciso de ninguém e nada, exceto aqui do meu casco (ao dizê-lo, apontou para a cabeça).

Chilon — Já nem sei o que vos diga; defendi vossa tese e vossas razões implacáveis, sem o querer. Façamos todavia um concerto.

Árago — Que queres combinar comigo?

Chilon — Eu tomo notas das nossas palestras, rascunhando-as, como puder. Depois envio meus borrões a um amigo meu que mora em Piraju, a fim de que êle dê forma literária, cortando os vôos do condor que sois, de modo que o público possa entender e interessar-se. Daremos a êle, redator, amplos direitos para cortar, alterar a forma literária, acepillar o estilo, tudo do jeito que êle julgar conveniente fazer. Concordais com o que vos proponho?

Árago — Seja como quiseres. O tal de Piraju fica autorizado a trazer à luz as minhas idéias. Êle que faça como bem entender, visto que me desinteresse de tudo; chego até ter aversão pelos homens de imprensa, vãos de convicções que, às mais das vêzes não passam de estilos em busca de assuntos.

Estão êles sempre prontos a escrever pró ou contra qualquer coisa, porque, como já se disse, cantam a música daquelles de cujo pão vivem. Já andei lendo algo dêsse sujeito de Piraju, parece-me que numas fôlhas que êle copia na gelatina e distribui. Ao que me consta, êle também não tem achado editor para suas arengas. Vejamos se minhas idéias pela sua pena vão achar quem as edite. Duvido muito que isto aconteça. Acho é que vamos fazer o pobre homem perder seu tempo por mais uma vez.

Chilon — Mas suponhamos que êle se saia bem desta vez, e vossas idéias se assoalhem...

Árago — Nêste caso êle será o nexo entre mim e o público. Qualquer pergunta que me queiram fazer, sôbre algum assunto, poder-me-á vir por meio dêle. Todavia me reservo o direito de responder ou não, conforme me der na telha.

Chilon — Aceito a condição.

Árago — Também darei de ômbros aos que me quiserem contrastar em polêmicas, por se sentirem ofendidos de os meus raciocínios colidirem com suas opiniões preconcebidas; se minhas razões ferirem opiniões estabelecidas, mesmo que se doam os crentes delas, não lhes darei quaisquer explicações. E não me causarão mozza êsses tais, com seus protestos e doestos, visto que os não levarei em conta, nem mesmo dêles tomarei conhecimento. Serei igualmente indiferente tanto ao aplauso, como a reprovação, pois só busco a verdade. Para que aquelas coisas não me perturbem a placidez de espírito, pratico, pelo método hipnopédico, o desprendimento da vida, que nisto só consiste o verdadeiro objetivo da filosofia. Tal é o caminho que me tracei, e tu, Chilon, não me desviarás dêle! não o tentes!...

Chilon — Aceito também esta condição.

Árago — Propõe então o que queres estudar comigo.

Chilon — Para começar, eu vos desejaria fazer umas perguntas a respeito da Bíblia, de Adão, de Eva, de que vem a ser «filhos de Deus» e «filhos dos homens», de «filhos das trevas» e «filhos da luz»; desejaria me dissesseis, também, se a evolução e a sabedoria são

finitos ou não, e outras coisas mais que agora não me ocorrem vos perguntar. Tudo isto me tem causado grandes embaraços, pois sempre que faço tais perguntas aos que fazem às vezes de mestres, recebo respostas sêcas, peremptórias, dogmáticas: é assim, ou é assado. Ora, eu quero desenvolvimentos lógicos e raciocínios e não dogmas. Também desejava conhecer melhor como é vossa vida nesta ilha. Todavia por hoje nossa conversa fica só nisto, pois já é tarde e eu preciso tornar ao meu hotel. Voltarei noutra oportunidade, e prometo será breve.

* * *

NOTA DO REDATOR — Seguiremos, nêstes «Serões Bíblicos», dois sistemas de virgulação: o parcimonioso e o exagerado. O parcimonioso como o de Vieira, nos «Sermões», quando o pensamento fôr claro e correntio por si mesmo. Todavia, quando o pensamento fôr mais escuro, porque desusado e original, virgularemos com mais rigor, observando as dez regras da gramática. Assim será, também, quando tratarmos de partes científicas, visto que o rigorismo do pensamento exige maior observância das regras de pontuação.



O Magno Problema - Domério de Oliveira

(Da U. M. E. de Catanduva)

*N*ÃO cremos que ninguém, pelo menos, uma vez, na vida, deixe de pensar no fenômeno da morte, como um ponto de acumulação do magno problema da vida.

Mais dias, menos dias, o Ser humano alevanta as antenas do pensamento e se coloca em sintonia com as maravilhas da natureza, refletindo sôbre a pequenez e fugacidade aterradora da existência.

O homem sente que as energias da sua matéria, com o correr do cronos, se vão arrefecendo; que os órgãos dos sentidos vão perdendo a vivacidade e que, inexoravelmente, vai êle dando as costas para a luza-luza cotidiana e vai se embrenhando pela floresta sombria do ignoto. A morte se lhe apresenta e, com ela, uma série de interrogações. Os antigos pensadores ponderavam que a ceifeira é o castigo que Deus nos dá para a remissão dos nossos pecados. Os Gregos e os Romanos dedicaram-lhe altares e nêles escreviam: «Somno aeternali sacrum». As Parcas da mitologia sustentam a lenda agri-doce da morte: Cloto põe a vida humana, em forma de novelo na roca do tempo; Láquesis vai puxando o estame, a distenção do tempo e Átropos, em época oportuna, corta o fio da vida, ocasionando a morte. Tibulo dizia que ela aparece, pé ante pé, quando menos a esperamos: «Imminet et tacito venit illa pede».

E assim o fenômeno da morte sem-

pre foi encarado com certa reserva, envôlto no manto plúmbeo da incerteza.

Os materialistas ficam apavorados, quando ouvem falar em penas eternas, inferno, purgatório. No entanto, apesar do círculo escuro que comprime a humanidade e limita a sua capacidade de pensar, teorias há que rasgam clareiras na floresta sombria. E para essas teorias a morte é mera transição de um estado para outro. A morte é o prosseguimento da vida, se bem que em plano diferente.

E. Bozzano em seu livro «A Crise da Morte» afirma ser a palavra morte um contrasenso. Camillo Flammarion em o livro «La Muerte y su Misterio» põe por terra a falsa idéia de que tudo se finda com a morte.

Uma invencível convicção acalenta os passos de tôdas as criaturas de bom senso, aquela de que a vida após a morte continua. Vozes das etéreas plagas chegam até nós pela pena do grande médium Chico Xavier e nos falam a linguagem pura dos sêres libertos do cárcere da matéria:

«A alma livre contempla o novo dia,
Longe das dores do passado incerto,
Mergulhada no esplêndido concêrto
De outros mundos, que a luz acaricia!»

E, assim sendo, cumpre-nos o devido preparo moral e espiritual para recebermos a morte, como as andorinhas recebem os primeiros raios solares nas manhãs límpidas e diáfanas.

Em pleno fastígio da Verdade

— PHILEMON —



HAUCO mais de um século transcorrido, vemos surgirem de tóda parte sinais evidentes de que se acha vitoriosa a causa do Espiritismo, pela qual vêm, desde o princípio da Terceira Revelação, batendo-se ardorosamente todos os que compreenderam o alcance desta salutar investida da luz contra as trevas que se acumularam, pela desídia dos seus vexilários, sôbre as Doutrinas Religiosas e Filosóficas trazidas à Humanidade terrena pelos emissários de Jesus e por fim coroadas de completo êxito pelo próprio Cristo, graças ao ingente sacrifício a que se submeteu, de descer a êste mundo ainda tão atrasado no que concerne à espécie de sêres inteligentes que o habitam.

Confiado não mais aos espíritos fráveis e fracos de pensamento, que se encarnam no planêta e que, pelas suas fraquezas, se deixam levar pelas seduções dos gozos carnis, mas aos que merecem a graça de permanecer no plano espiritual por longo tempo, o apostolado do Evangelho, redivivo no Espiritismo, não enfraquece, não tem esmorecimentos subversivos da verdade—e prossegue avante, sejam quais forem os prejuizos suscitados pelas fraquezas humanas contra os seus superiores desígnios.

De tal arte se comportam os emissários da Luz; tão ostensiva é a sua participação nos prélios abençoados em prol da cultura espírita, que não há mais possibilidade para os novos vexilários do Evangelho de se deixarem adormecer à beira do caminho, atordoados que poderiam ser pelos rumores da existência planetária, tão atormentada de interesses grosseiros, de ordem material, que assolam todos os setores da atividade social, sem excluir mesmo aquêles, das profissões liberais, que, pelo seu caráter eminentemente humanitário, deveriam ser encarados antes como sacerdócio do que apenas como fonte de rendas e de

glórias transitórias da vida de relação...

A consciência dos verdadeiros adeptos do Espiritismo, dos que lhe compreenderam a divina essência doutrinária, é sacudida violentamente tóda vez que sôbre êles atuam as fôrças da inexperiência filosófica ou as potências insidiosas das trevas, constituídas de espíritos ainda exclusivamente propensos ao desfrute dos gozos illusórios decorrentes de instintos animais, ligados à conservação e à reprodução da espécie, os quais, admitidos na raça humana sem o contrôle das leis morais, se desregam em abusos de tóda natureza, que vão até à prática de nefandos crimes.

Com êsses periódicos abalos das consciências já trabalhadas pela verdade, vêm as íntimas recriminações, as súplicas de perdão dirigidas ao Pai — e, graças a êsses exercícios salutareos da atividade espiritual, refeitas das quedas a que a matéria pode submetê-las, em rápidos instantes de embotamento moral, as almas se reerguem, os ânimos se reforçam — e a caravana espírita prossegue intemerata na pugna ardente pela conquista de novos rumos para a sofredora humanidade terrena.

Dos campos opostos, constituídos pelas igrejas católica ou protestante, já nos vêm alguns sintomas de reconhecimento público dos nobres intuitos que nos alimentam a coragem moral contra as insídias do descrédito, a que muitos desejariam jungir os nossos esforços. Dando publicidade, com as devidas reservas, a que nos obriga a natureza panfletária do documento que nos veio às mãos, escrito em espanhol, sôbre cuja identidade estamos promovendo diligências de cujo resultado daremos conta aos nossos leitores, a uma pastoral expedida por autoridade eclesiástica, que vai por último inserta nesta coluna, traduzida para o vernáculo, fazemo-la preceder desta opinião valiosa sôbre a nossa Doutrina, expendida pelo arcebispo católico de Canterbury, Inglaterra, Dr. William Temple, em carta pastoral de

julho do ano p. passado do Arcebispa-
do, daquela cidade britânica, conforme
a encontramos no mensário «Mensagei-
ro da Fraternidade», que se edita em
Belo Horizonte, de março-abril do cor-
rente ano: «Referindo-se ao Espiritismo,
disse o Dr. William Temple:—«Não obs-
tante a profunda divisão e diferença de
idéias existentes entre o Catolicismo e
o Espiritismo, considero êsse último co-
mo fonte de progresso moral por sua
prédica de paz, harmonia e fraternida-
de. Minha adesão é incondicional à ver-
dade do credo espírita. Creio que se de-
ve pôr fim à fanática intolerância e ex-
tremados antagonismos, ódios, etc. Che-
gou o tempo de investigar-se a fundo
as Leis inexplicáveis da Natureza e dos
poderes psíquicos latentes no Homem.
O Espiritismo, baseado em manifesta-
ções fundamentais e exemplos do Cris-
tianismo, crente na imortalidade da al-
ma, ao invés de ser por nós combatido,
deve receber melhormente nosso apôio
moral». (Da Revista «Two Worlds»).

Agora a Pastoral em castelhano,
a que acima aludimos, traduzida para o
vernáculo:

«A lei do mundo é a lei do pro-
gresso. Negar a ciência e o seu desen-
volvimento, é negar o próprio progres-
so e impedir que a verdade seja conhe-
cida. A ciência não é a crença de uma
facção ou de um partido: é a verdade
e esta não é exclusiva de ninguém. Ao
mesmo tempo que se deve respeitar a
moral, que é a base do monumento so-
cial, não se deve cortar as asas aos in-
vestigadores conculando a realidade dos
seus descobrimentos. A verdade conse-
gue sempre seus fins. Se é comprimida
de um lado, ela sai por outro. A ciên-
cia avança incessantemente.

Galileu foi considerado louco pri-
meiro e depois hereje — e como tal foi
excomungado; mais tarde reconhece-
riam que havia dito a verdade afirman-
do o movimento da Terra. Esta afirma-
tiva foi causa de sua condenação e de
seu martírio e tiveram que converter a
teoria de Galileu em um ato de fé
mundial.

Isto é o que sucederá com o Es-
piritismo, que se apoia na ciência e que
pode revelar aos homens, com provas
irrecusáveis, a existência da natureza
espírita e de suas relações com os seres
encarnados. Segundo o meu modo de

pensar, afirmo que o Espiritismo não
deve ser condenado como obra exclu-
sivamente diabólica e que os espíritos
não devem ser declarados fora dos ca-
minhos da salvação, nem devem ser
chamados herejes nem predestinados
ao inferno. Se mais tarde haverá que
reconhecer que esta ciência está fun-
damentada cientificamente, porque na
hora atual se permite considerá-la co-
mo sacrilégio? A ciência está acima de
tudo. Que surpresas nos reserva ela no
futuro?... «Deixai, deixai que as águias
voem através do espaço proclamando a
grandeza e a onipotência de Deus, di-
zia o rei David, em seguida novas lu-
zes brilharão nos céus.» Eu não sou es-
pírita e não pretendo tomar a defesa
do Espiritismo, desta evolução nas cren-
ças que dia a dia vai ganhando mais ter-
reno nas almas nos cinco continentes.
Sou, entretanto, como outros muitos
homens de boa fé, um observador de
fatos que não podem ser negados, sou
um estudioso das idéias modernas, in-
teiramente disposto a abraçar uma ver-
dade nova, segundo seja a pessoa que
me faça compreendê-la com argumen-
tos aceitáveis. É absurdo pretender mo-
delar uma verdade de acordo com as
nossas conveniências pessoais. Pelo que
me diz respeito, não encontro no Es-
piritismo nenhum dos males que, se-
gundo dizem, contém. Não, eu não o
vejo. «Por seus frutos conhecereis a ár-
vore.» Sim, por seus frutos os conhe-
cereis, dizia Jesus, a respeito dos fal-
sos profetas. Muito bem, quais são os
frutos do Espiritismo?: Uma fé em
Deus, viva e ardente, um imenso amor
ao próximo e um sentimento de fra-
ternidade universal. Que se encontra
de mau nisto? Eu só acho o bem. O
Espiritismo, fundado sobre tais bases,
não pode de modo algum prejudicar o
mundo: êle se mantém entre Deus e a
Caridade. Pois bem, a Caridade está
em Deus e Deus está nela.

Se o Espiritismo fôsse uma obra
essencialmente satânica, se todos os es-
píritos que aparecem no mundo fôsem
maus espíritos, então seriam também
maus espíritos os que aparecem aos san-
tos, personagens dos quais está povoa-
da a história do Cristianismo. Êste é um
raciocínio lógico. Tôdas as visões dos
santos teriam que ser visões diabólicas.
E isto é algo que não podemos crer!

«Bona mixta malis»—o bem está mesclado com o mal. As sessões espíritas, por obra de espíritos maus, podem eventualmente ser perigosas, mas isso não sucede em tôdas como regra geral; há também espíritos muito bons. Condenar ex-abrupto tôdas as intervenções dos Espíritos nos assuntos humanos é uma verdadeira aberração. Esta ciência nova, da qual se pode afirmar que tem uma origem anterior a Cristo, merece nossa máxima atenção. É verdade que pesa

sobre ela a excomunhão; isso, porém, não quer dizer que os dias do Espiritismo estão contados.

Vamos, abramos os nossos olhos à luz. Volvamos para Aquêles que disse: «Crede e vivereis». (Da Revista «Constância», n.º 2919, de outubro de 1958), da qual se diz no panfleto em questão haver sido extraído para o órgão «Luminar», de Janeiro de 1958).

Seja como fôr, o que aí se diz é a verdade—e isto é o que nos interessa.

Solilóquio



MANUEL CAVACO

É espantoso que haja ainda alguém que não acredite no Espiritismo!

Se, para acreditarmos no Espiritismo, não houvesse tantos testemunhos nos anais da História, das Ciências, das Igrejas e da Bíblia, para nós portugueses como para os católicos em geral bastaria o testemunho daquele milagre de Santo Antonio pelo qual libertou seu pai da pena de morte.

Santo Antonio tendo deixado o seu corpo físico em Itália, desdobrou-se e foi a Lisboa no seu corpo perispiritual, materializando-se manifestou-se de tal modo que foi visto e ouvido pelas pessoas que assistiam à condenação de seu pai.

Santo Antonio inquirindo das razões daquela condenação, e obtendo somente suspeitas sem fundamento, invocou o espírito do assassinado, o qual se materializou e manifestou-se de tal modo que foi visto e ouvido também pela multidão das pessoas que assistiam ao ato, revelando a verdade, isto é, a inocência do pai de Santo Antonio e indicando o verdadeiro assassino.

O desdobramento integral de Santo Antonio agindo à grande distância do seu corpo físico, e a materialização do espírito do assassinado constituem dois fenômenos supranormais que documen-

tam insofismavelmente alguns dos ensinamentos fundamentais do Espiritismo, tais como: a sobrevivência dos espíritos, a comunicação dos espíritos com os humanos, e a poderosa ação dos espíritos sobre a matéria.

Posto que aquêles fenômenos sejam embora raros, não são tão insólitos como pode parecer.

Há anos estive na cidade do Porto uma exposição de produtos coloniais, acompanhada de algumas famílias indígenas da África portuguesa e juntamente um Régulo com a sua família, cujo filho, o príncipe Abdula, me disse que entre as tribus daquelas regiões é crença convicta da sobrevivência dos espíritos, da sua comunicação com os humanos, de tal modo que é uso e costume invocar-se o espírito do falecido quando há dúvidas se a sua morte foi natural ou provocada, a fim de revelar a verdade.

Entre aquêles milagre de Santo Antonio e o uso e costume daquêles indígenas africanos, a identidade do processo é flagrante.

Sem dúvida, o Espiritismo parecendo moderno é de tôda a antiguidade, portanto digno de crédito e do respeito de tôda gente.

Junho de 1960

«Quando praticamos uma ação boa, não sabemos se é para hoje ou para quando. O caso é que os seus frutos podem ser tardios, mas são certos. Uns plantam a semente da couve, para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho, para o abrigo ao futuro.»

— RUI BARBOSA —

Como gregos e romanos falavam sobre o Cristianismo nascente

Da mesma maneira o Espiritismo é tratado em obras atuais de difusão cultural —
Esclarecendo um engano de «A Cultura Brasileira»

Comentando o papel do catolicismo e do protestantismo no desenvolvimento cultural do país, em seu livro «A Cultura Brasileira», agora reeditado pela Melhoramentos num volume único, diz o Prof. Fernando de Azevedo:

«Enquanto o seu poder de irradiação se enriquece e se renova nas fontes de cultura e tende cada vez mais a apoiar-se em centros de atividades culturais, a expansão do espiritismo, em que se embriaga o misticismo devoto, iniciada no seio das classes mais baixas e incultas, tem as suas origens na ingenuidade e ignorância do público e na atração que por tôda parte exercem as iniciações misteriosas, os fenômenos tidos como sobrenaturais e as comunicações, por meio da mediunidade, entre o mundo visível e invisível entre vivos e mortos.»

A seguir, afirma o ilustre mestre: «A própria expansão do espiritismo entre gente de baixa mentalidade—movimento muito maior, aliás, do que pode parecer ao primeiro exame—é a prova evidente de que o espiritismo (Modern Spiritualism, 1842) não passou ainda para a fase propriamente científica e guarda pelo geral o caráter de uma seita religiosa, com seus médiuns e experiências, em sessões à meia luz em que, ao lado de visões e alucinações, poderão produzir-se fatos obscuros e desconhecidos.»

Após afirmações tão peremptórias, sobre a natureza primitivista do movimento espírita brasileiro, faz o mestre algumas digressões sobre a posição da ciência em face dos fenômenos espíritas, e conclui que o espiritismo, apesar de sua grande expansão, não tem «qualquer influência no domínio cultural.» Fato sem dúvida dos mais curiosos, que o mestre deixou sem maior exame, êsse do desenvolvimento de um sistema de idéias, de uma forma de concepção do mundo e da vida, com mais de quatro milhões de adeptos, na época (dados oficiais de 1930) não exercer nenhuma in-

fluência cultural no país. O próprio conceito de cultura, exposto pelo autor em capítulo anterior, torna-se de difícil compreensão, diante dessa afirmativa.

Passemos, porém, a outros aspectos do problema, já que nêsse terreno a discussão teria de ser extensa e minuciosa. «A Cultura Brasileira» é um livro sincero e honesto, que procura oferecer ao público um panorâma verdadeiro do nosso desenvolvimento cultural. No tocante ao Espiritismo, entretanto, apresenta graves falhas e comprometedoras lacunas. As falhas são de interpretação, as lacunas de informação. Umas e outras compreensíveis, num erudito de formação católica. Não queremos corrigir o professor ilustre, mas cumpre-nos o dever de oferecer, aos leitores espíritas, alguns dados que resta-beleçam o quadro da paisagem espírita em seus legítimos contornos, nesse painel da vida cultural brasileira.

Devemos notar, inicialmente, que o prof. Fernando de Azevedo faz a mesma mistura entre espiritismo e fetichismo, que já apontamos nos nossos autores de sociologia. Ao se referir às «classes mais baixas e incultas» e às «iniciações misteriosas», sua confusão de espiritismo com o sincretismo religioso afro-católico é evidente. Embora fazendo uma tímida referência, entre parênteses, ao «modern spiritualism» americano, o autor ignora por completo o fato capital do aparecimento da Doutrina Espírita na França, com bases científicas e estrutura filosófica, em meados do século passado. Conseqüentemente, ignora também que os primeiros núcleos espíritas surgiram no Brasil entre as classes elevadas e cultas, no Rio de Janeiro, graças aos livros doutrinários importados da França.

O movimento espírita se iniciou, pois, no Brasil, de maneira irremissivelmente cultural. Antes de mais nada, decorria do trato de intelectuais com uma língua estrangeira. E não provém de uma fonte estranha, mas da fonte prin-

cial da cultura brasileira, que é a cultura francesa.

O general Ewerton Quadros, por exemplo, foi um dos primeiros tradutores de obras espíritas e o autor da primeira «História dos Povos da Antiguidade, sob o ponto de vista espírita», que se publicou no Brasil, isso em 1882, edição da Tipografia da Escola de Serafim José Alves, do Rio. O general era bacharel em ciências físicas e matemáticas e pertencia ao Estado Maior do Exército. Nas suas águas vêm Bezerra de Menezes, o ilustre médico e político, autor de «A Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica», o prof. Guillon Ribeiro, assessor de Rui Barbosa no Senado, elogiado por êste como revisor de seus discursos, e assim por diante. Sòmente depois de instalada a Federação Espírita Brasileira é que o espiritismo se propaga com maior intensidade, graças ao trabalho altamente cultural dessa casa-mater do movimento brasileiro, que difunde as obras fundamentais da codificação kardecista e as obras paralelas surgidas na Europa.

Hoje, o espiritismo se reafirma, como movimento cultural, através da divulgação de uma bibliografia imensa, de uma vasta rêde de jornais e revistas doutrinários, de instituições de cultura, escolas e hospitais. Basta lembrar a existência, no Rio, além da Federação, do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, da Cruzada dos Militares Espíritas, da Sociedade de Medicina e Espiritismo, e em São Paulo, da Federação Espírita do

Estado, do Club dos Jornalistas Espíritas, da Sociedade de Estudos Espíritas, do Instituto Espírita de Educação. No Interior, poderíamos citar a existência de instituições como o Educandário Bezerra de Menezes, de Marília—cujo prédio próprio permitiu a criação da Faculdade de Filosofia daquela cidade, — do Ginásio Pestalozzi, de Franca,—do Instituto Humberto de Campòs, de Campinas, e por aí afora.

Recentemente, reuniu-se em São Paulo o II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, e no próximo ano se reunirá em Belo Horizonte o III Congresso. Uma concentração de professores espíritas do Estado realizou-se ainda há poucos meses. Tudo isso parece demonstrar que o movimento espírita não merece a classificação que lhe deu o prof. Fernando de Azevedo em sua obra sòbre a cultura brasileira. Sòmente o clima mental de prevenção contra o Espiritismo, o predomínio do preconceito religioso, e também do preconceito cultural, poderia ter levado o ilustre autor de «A Cultura Brasileira» a cometer a injustiça que marca o seu livro. Não era, porém, de maneira menos injusta, que gregos e romanos ilustres se referiam ao Cristianismo nascente, considerado simples religião de escravos. E isso na antevéspera da profunda transformação que o «movimento galileu» imprimiria à História. Consolemo-nos, pois, com êsse luminoso antecedente.

Irmão Saulo

Mais um...

Ajude a Difusão da Doutrina obtendo mais um assinante.
Assinaturas em conjunto de "O CLARIM" e da "REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO"

por apenas **200** cruzeiros anuais

Separadamente: "O Clarim" cr.\$ 80,00
"Revista" cr.\$ 120,00

Ampliemos a divulgação do Espiritismo para felicidade geral.

Ação e Inação

v. lirenedo



AILHOS de Deus que somos, estamos nos planos de vida para permanente ação no bem. Freqüentemente vamos em contrário, em ação no mal, direta ou indiretamente contra outrem — o que em última análise significa contra nós mesmos, porque cedo ou tarde o malfeito reflui sôbre o malfeitor.

O leitor de obras espíritas já se informou, através de relatos de Espíritos, em qual realidade demorada se acham milhões de criaturas nos planos extra-físicos—estações dos espaços próximos da Terra. O bem reserva-nos estágios amenos; o mal leva-nos a conjunturas terríveis no amanhã.

Comunicantes do Além nos informam detalhadamente da situação de vastos núcleos de Espíritos em débitos dos mais diversos, entidades jungidas a seus erros e desvios do passado e do presente, vêzes tantas continuantes nas perversidades ativíssimas entre si mesmas, vêzes tantas em ação agressiva até contra amorosos missionários da luz que procuram levantá-las, desgarrá-las das iniquidades. Os relatos nos cientificam do estado espiritual dos que acionam ou acionaram os deslizos, o erro, o crime.

Impressionantes as páginas do cotidiano daquelas furnas, poços, pântanos, e dos variados comportamentos de seus habitantes obscurecidos, em incursões predatórias, em combates pelo prevalecer da astúcia, da arrogância, das paixões. Notável a abnegação dos socorristas em reiteradas visitas, em paciente ação de despertamento evangélico, incansável no afã de levar luzes àquelas trevas.

Fundamente impressiva a descrição do Vale dos Suicidas com as cria-

turas ensangüentadas, aos gritos e gemidos pela dor dos ferimentos e fraturas, e mutilações e impactos imprimidos em si mesmas no desvarjo do ato suicida. Tais páginas, retratando sem fantasia os planos etéreos, focalizam marcadamente a AÇÃO no mal de réprobos de todo tipo, e a AÇÃO no bem dos assessores do Alto.

Ora, através de um operoso e sempre interessante André Luiz, em OS MENSAGEIROS, capítulo Os que Dormem, vemos registrada a posição extrafísica de criaturas culpadas de INAÇÃO. Caros confrades, é preciso ler-se e reler-se com meditação essa passagem breve mas incisiva. Também lamentável amanhã espera aos tantos que se fazem réus pela indiferença, pelo comodismo, pela pusilanimidade e omissão, pelo deliberar de não raciocinarem respeito às coisas espirituais, pelo alheamento obstinado quanto às coisas do Alto, pelo repúdio ao ponderar *vertical* que busca a eternalidade de Deus Criador. A êsses da inação aguarda um estágio lastimoso. Salteando períodos, repitamos o guia Aniceto falando dos dois mil adormecidos de certo recolhimento: — «Dormem, porque estão magnetizados pelas próprias concepções negativistas... Mas dia virá em que deverão levantar-se e pagar os débitos contraídos... A fé sincera é ginástica do Espírito, quem não a exerce de algum modo, na Terra, preferindo a negação injustificável, encontrar-se-á mais tarde sem movimento... Estes necessitam de profundo repouso até que despertem para o exame das responsabilidades que a vida traduz...»

Pois é, felizes os que acionam o bem; felizes os que repelem a inação adormentadora, que esconde aos olhos da alma as luminuras do Reino Excelso.



«Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias e cheguem os anos, dos quais venhas a dizer: não tenho nêles contentamento.» -- ECL., 12:1.

Dois Centenários

MAC MAYNARD

O presbiterianismo no Brasil está festejando o seu centenário; muita coleta especial, muitos festejos, lindos sermões, belas demonstrações públicas têm assinalado o Centenário. E até livro foi publicado no Centenário, um «*facsimilado*» de «O Espiritismo Analisado» do Rev. Prof. Jerônimo Gueiros saiu a público com novo título, (variação) de «O Espiritismo — uma avaliação», de autoria do Rev. Julio Andrade Ferreira que, sem o querer, (?) prestou, também, uma homenagem ao Centenário Espírita, pois a capa do livro (a única originalidade da obra) traz o selo comemorativo de Kardec.

Agradecemos ao Rev. Julio Andrade Ferreira a originalidade, não da obra, mas da capa. Parabens, Rev. Julio, de fato, o selo é mesmo muito sugestivo.

Lastimamos que o Rev. Julio tenha prestado uma homenagem a Kardec, na capa, e no conteúdo da obra tenha tratado de assunto repisado, soado, moído, triturado, pulverizado pelo Dr. Carlos Imbassahy, o assunto de tão cedo que é, torna-se anacrônico para um Centenário, é velho demais...

Quando o Rev. Otoniel Motta escreveu seus opúsculos sobre as celeberrimas *penas eternas* (que aliás dividiu a igreja independente), a *taba* presbiteriana alvoroçou-se tôda, foi dado, pelo cacique, o grito de guerra, os tupiniquins de penacho, de arco e flexa, avançaram contra o homem branco que trazia idéias novas das «*europas*»; o homem branco que vinha perturbar a paz tribal da brasílica gente, que vinha dizer que Tupan (Jesus) era tolerante; não era possível, Tupan não era tolerante, ao contrário, Tupan era intolerante, era a intolerância em pessoa, e por isso davam o grito de guerra para defender Tupan — o intolerante.

O homem branco riu da fúria dos tupiniquins, quis explicar-lhes, quis demonstrar que nas «*europas*» havia civilização, que por «lá» havia pensadores, havia avião, submarino, rádio, radar, que os homens não se vestiam de tanga mas de roupas confeccionadas por «mestres»

da alta costura; os aborígenes não puderam entender aquelas «falas», não acreditaram:—o homem branco não encontrou meios para fazer-se entendido, riu-se apenas...

Os tupiniquins ficaram espumando de raiva contra o homem branco!

— Desejavamos que no Centenário Presbiteriano saísse uma obra crítica, uma obra genuinamente protestante, analisando, avaliando (não no título), dissecando, esmiuçando, escalpelando, descarnando, esvurmendo a A GRANDE SÍNTESE de Pietro Ubaldi, mas obra assim não sai...

O Espiritismo no seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso tem recebido críticas somente no seu aspecto religioso; ora, o aspecto religioso do Espiritismo é consequência, é decorrência, é ilação, é dedução, é inferência, é resultado, como atacar o fenômeno deixando a CAUSA?

O fenômeno espírita tem sido atacado, o «*odium teologicum*», não tem dado «tregua», investe furibundo contra a Doutrina Espírita, mas, infelizmente, tem deixado intacta a parte científica. Que pena!

O Irmão Vitricio anda dando «show» por aí, qualquer dia vêm os tupiniquins citar o Irmão Vitricio como grande técnico de «*espiritismo*», que com os seus «shows» «*provou*» que o Espiritismo é uma balela.

Para atacar o Espiritismo qualquer «*autoridade*» serve, mesmo que seja jesuítica.

Temos tantas obras de folego, temos tantos autores insuspeitos, porque os nossos irmãos protestantes não fazem uma crítica sobre eles? Será que a parte religiosa do Espiritismo é a única que lhes interessa?

Que os nossos irmãos protestantes (êles não gostam que o chamemos de irmãos) não se esqueçam que Espiritismo é Ciência, Filosofia, Religião.

Não seria mau uma crítica das obras de Pietro Ubaldi, Ernesto Bozzano, seria possível? Para o segundo Centenário?

Crônica Estrangeira

Os dois viram os pais «mortos» em presença do filho

«Two Worlds»

Um homem num hospital foi visitado pelos seus pais «mortos». O enfermo pensou tratar-se de um sonho, mas o homem no leito oposto também os viu!

Marjorie Preston Logan narra a história em «Nursing Mirror». Ela disse que para o enfermo nada mais podia ser tentado, apenas algumas semanas de vida, mas trataram de ocultar-lhe a verdade. Ela acrescenta:

«Certa tarde, sua família pediu permissão para transportá-lo à sua casa, pois tinham tomado as providências para assistí-lo até o fim.

«Foi marcado o dia de sua saída do hospital. Na noite anterior, fui designada para banhá-lo. Enquanto eu o lavava, conversamos sobre coisas triviais. Estava eu enxugando seus pés, quando de subito êle me disse: Enfermeira, desejo contar-lhe um maravilhoso sonho que tive na noite de terça-feira.

Admirável conversa

«O meu tempo era escasso, mas tão sincero parecia êle que me mostrei interessada. Respondi que com prazer ouviria o relato do sonho.

«Bem», disse êle: *na noite passada estava eu deitado nesta cama, quando entraram no quarto, meu pai e minha mãe.*

«Êles se aproximaram de meu leito e ficaram de pé, um ao lado direito, outro à esquerda. Ambos se apoderaram de minhas mãos.

«Êles estavam mortos há muitos anos, enfermeira, e todavia parecia-me que nunca êles estiveram longe de mim. Tivemos uma conversa admirável. Então, parecia-me ter despertado, e ambos saíram. Eu sei que tudo não passou de sonho, mas tão real era que os senti junto a mim. Desde então tenho a sensação de não estarem êles longe.»

Senti-me abalada com o relato, pois eu sabia que pouco depois, êle es-

taria junto dos pais; mas não dei maior importância à nossa conversa. Não passava de outro sonho...

«No dia imediato fui incumbida de arrumar sua cama e assim fazendo, o paciente do lado oposto, chamou-me para junto de si.

Perguntou êle: o homem que saiu do hospital era alguma pessoa importante?

«Não era, respondi. Aqui ninguém tem mais regalias do que qualquer outro. Porque pergunta o senhor?

«Pois bem, respondeu êle. Na noite passada acordei, já bem tarde. Duas pessoas, um homem e uma mulher, estavam de pé ao lado da cama dêle. Ambos lhe estavam falando e aí ficaram durante certo tempo. De novo eu adormeci e assim não percebi a retirada de ambos, mas fiquei pensando porque lhe permitiram ter visitas em hora tão avançada?»

«Em que noite foi isso?» perguntei, procurando não manifestar surpresa.

«Oh, foi terça-feira à noite — bem me lembro.»

Voz de Espírito fala pelo telefone

O meu telefone vibrou. Quando atendi, disse uma voz trêmula: «É Ada?» Respondi: «Sim» e a voz disse, «É o George...»

Eu só me lembrava de dois do mesmo nome, um meu sobrinho que dizia «Tia Ada» e outro um cunhado, que nunca pediria ligação durante o dia, pois morava distante da cidade e sempre ligava no período da noite. Eu gaguejei um pouco, «qual George é que fala?» Outra vez a voz trêmula: «É o George, eu estava certo que me reconheceria!» E nada mais... nenhum ruído do receptor ser recolocado no gancho... silêncio...

Procurei descobrir quem tocara, mas o telefonista não descobriu a pessoa que pedira ligação para o meu número.

Depois de agitar meu cérebro lem-

brei-me que o marido de minha amiga Aileen, chamava-se George. Aileen era negociante. O marido, um inválido, era seu secretário, e eficiente.

Tanto ela me falava do marido, que senti conhecê-lo pessoalmente. Sempre que dela eu recebia uma carta, no fim havia uma breve nota, a mim dirigida. Êles se mudaram para outra cidade e quase perdi contacto com Aileen.

Então veio a chamada misteriosa — tive forte impressão de ser George Brown, mas ainda o julgava vivo.

Diversos meses depois da chamada, fui informada de sua morte e que Aileen contrairia novas núpcias.

Em fevereiro último, estava eu de visita ao casal Johnson, em St. Petersburg, Flórida. Ela é notável médium de voz direta. Numa sessão com ela, perguntei a Mandy Lou, seu eficiente guia, se possível seria descobrir George Brown que comigo falara.

Poucos dias depois Mandy Lou o levou à sessão. Êle confirmou minha impressão, fôra êle mesmo quem me telefonara!

Êle disse que Aileen lhe falara de meu interêsse pelos assuntos psíquicos e êle sentiu bem me conhecer para me telefonar.

Contudo, sua fôrça lhe faltara e não pôde completar a comunicação. Êle disse que ela tornou a casar, estava bem e feliz, que era o que êle desejava. Êle prometeu tentar nova comunicação pelo telefone.

Continuo a esperar pela segunda chamada.

Êste relato, por Ada A. Rogers, apareceu em «Chimes», o mensário psíquico americano.

Uma prova impressionante

De «Estudos Psíquicos»

Em *Survie*, Georges Gonzalez narra um caso passado num grupo que frequentava, em Suresnes, em 1924. A médium psicográfica era uma jovem de 19 anos.

O relato do interessante fato foi dirigido em carta ao conhecido escritor, pela dona da casa onde o grupo se reunia.

Mme. Contant, a signatária da car-

ta, tinha uma amiga, Mme. Dest... a quem falecera uma filha muito querida, com 19 anos de idade. E a êsse respeito diz a carta:

«Nem a médium, nem eu, nem qualquer dos presentes, tinham conhecido a filha de Mme. Dest... (ambas de origem italiana); ela morrera havia oito anos, e o nome gravado no seu túmulo é Hyacantha. Era o único nome que a médium e eu própria conhecíamos.

«Ora no fim de Junho (1924) Mme. Dest... muito incrédula, mesmo desdenhosa para com as nossas crenças e práticas, devido a circunstâncias imprevistas assistiu a uma das nossas sessões, no momento em que fazíamos a nossa invocação.

«Através da escrita automática manifestou-se um Espírito, declarando ser a filha de Mme. Dest... e que dizia chamar-se Catarina.

«Confesso que ao ouvir êsse nome pensei logo que a mãe iria protestar e manifestar novamente o seu desdém; na realidade, eu estava mortificada.

«Entretanto, a entidade comunicante obrigava a dócil mão a escrever com a maior facilidade e declarou-se feliz por dar notícias aos seus entes queridos, que ela teve de deixar, reconfortando-os ternamente e aconselhando-os a realizarem a viagem que projetavam fazer a Espanha; em seguida pediu-lhes que continuassem a frequentar estas sessões.

«Ela chamava à mãe «ma mamã», acompanhando estas ternas palavras com frases italianas (língua que a médium ignora). Depois, assinou Kathleen.

«Terminada a comunicação, eu disse à Mme. Dest... que sua filha tinha comunicado, mas que se apresentara com o nome de Catarina, que não era o dela.

«Deu-se então uma cena patética, que comoveu todos.

Mme. Dest..., em grande pranto, dizia:

«— Catarina era o seu nome; era assim que lhe chamava a nossa família italiana.

«— Mas, observei-lhe, ela assinou Kathleen.

«E a mãe respondeu com a voz embargada pelos soluços:

«—Sim, minha senhora; era o nome que eu lhe dava na intimidade: Minha Katleenzinha.»

Georges Gonzales comenta o fato, observando quanto é frágil a tese do

subconsciente, ao qual muitas vezes se atribuem trabalhos mediúnicos. Neste caso prova claramente que não houve intervenção do subconsciente, o que reforça mais uma vez a teoria espírita.

Espiritismo no Brasil

Écos da vida espírita em Duque de Caxias

Numerosa caravana do Centro Espírita «Cultivadores do Evangelho», da Vila Inhomirim — município de Magé, R. J. —, esteve em visita de confraternização ao Centro Espírita «Bezerra de Menezes», de Duque de Caxias, sendo ali fidalgamente recepcionada com as mais efusivas manifestações de carinho dos anfitriões, dos quais sobressaía o presidente Manoel Duarte.

Representantes de outras entidades irmãs também compareceram, sendo a palavra franqueada ao sr. Antonio Fortuna, presidente da agremiação visitante, que salientou a importância da aproximação e do estreitamento de relações de entidades espíritas das comunidades fluminenses e brasileiras.

No dia 9 de julho p. f., a Mansão «Divino Pastor», por iniciativa do seu infatigável e esclarecido secretário geral, sr. Manoel Max das Dôres, exibiu o filme «Três Almas Solitárias», brindando o grande público que lotou a ampla sede da Cruzada Espírita «Allan Kardec» com a magnífica película de caráter espírita.

Cópia em perfeito estado, apesar de datar de 1951, estava relegada aos arquivos da empresa distribuidora, que não lhe deu curso por imposição de certas forças cuja prepotência está chegando ao fim. Os espíritas e não espíritas que assistiram a exibição, saíram bem edificadas com o que viram. Compreenderam porque filmes como este são ocultados ao público.

A renda da exibição converteu-se em benefício da sede própria da entidade acima mencionada.

No dia 26 de junho p.p., o Centro

Espírita «Caminheiros de Jesus», prestigiosa entidade do Bairro do Centenário, em Duque de Caxias, comemorou com vibrante festa, seu 28.º aniversário de fundação. Representantes de todas as casas espíritas da cidade compareceram ao ato, sendo muito apreciada a oração do jovem Helio Gonçalves Neto, representante da Associação Espírita «Cairbar Schutel».

Aos nossos queridos irmãos do «Caminheiros de Jesus», nossas sinceras felicitações e votos de contínuo progresso.

Finalmente, no dia 31 de julho p. f., a Associação Espírita «Cairbar Schutel» promoverá a exibição do film «Massagista de Madame», comédia de Zé Trindade, no mais importante cinema de Caxias, casa exibidora que tem o mesmo nome da localidade. Anunciado e programado há dois meses, terá a renda em benefício da sede própria da Associação, sendo a exibição uma colaboração inestimável do sr. Salvador Verte, sócio do Cine Caxias.

É a terceira grande promoção em que se lança a casa de «Cairbar» na terra fluminense, que tem por lema pedir a colaboração do público, dando-lhe, em troca, alguma coisa.

Do Correspondente—30/6/60.

Em Marília

Na cidade de Marília foi realizada entre 17 a 24 de julho, a VI Semana Regional Espírita da 13.ª Região da USE, que compreende as cidades de Gália, Garça, Lucélia, Vera Cruz, Alvaro de Carvalho, Oriente, Pompéia, Quintana, Herculândia e Tupã.

Tomaram parte nessa festa grandes oradores espíritas proferindo conferências evangélicas e doutrinárias.

Em Cataguazes

De Cataguazes, Minas, recebemos delicado convite para assistirmos a 2.^a Semana de Confraternização Espírita Cristã levada a efeito naquela cidade de 10 a 17 de julho p. p., com vasto programa e patrocinada pelos seguintes núcleos da cidade:

Centro Esp. «Paz, Luz e Amor», Centro Esp. «Bezerra de Menezes», Centro Esp. «Jota Lacerda», Grupo da Fraternidade «Irmão Rochester», Mocidade Esp. «Julita Lacerda», Mocidade Esp. «André Luiz» e Mocidade Esp. «Joana d'Arc».

Vale a pena a Pena de Morte?

A União Espírita Mineira enviou-nos um exemplar de «Alterosas», importante revista que se publica em Belo Horizonte, na qual se encontra uma reportagem, sobre a pena de morte, saída sob o título acima.

Na qualidade de presidente da Casa Mater do Espiritismo no Estado de Minas Gerais, foi nosso irmão Bady Elias Curi, um dos entrevistados pela revista em aprêço. A direção de ALTEROSA, publicou os principais tópicos das declarações do presidente da UME, contrárias à pena máxima, de acôrdo com os ensinamentos Cristãos, a qual vem sendo aplicada a nossos semelhantes que não tiveram ainda a suprema felicidade dos esclarecimentos Evangélicos.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira
Súmula da ATA da sessão ordinária mensal, realizada em 2 de Julho de 1960.

À hora regimental, profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos. É lida e aprovada a ATA da reunião anterior. Comunica o Presidente ter a F E B recebido carta noticiando a fundação da Federação Espírita da Venezuela e um cartão da Checoslovaquia solicitando a remessa do último catálogo de livros espíritas. Informa que o artigo sobre Allan Kardec, publicado nos Estados Unidos e de autoria do Dr. Herminio de Miranda (ve-

ja-se «Reformador» de 1960, página 61), mereceu ser igualmente estampado em três periódicos do JAPÃO, respectivamente nas línguas inglêsa, esperanto e japonêsa. Informa, ainda, que pela Livraria Freitas Bastos foi publicado o livro mediúnico «Voltei», do Irmão Jacob, em tradução para a língua espanhola.

Santa Catarina — O conselheiro Manoel Bernardino lê carta da Federação Catarinense comunicando a filiação de mais dois Centros, em Lajese Joinville, e a atividade da Federação na propaganda da Doutrina por todo o Estado.

Alagoas — O conselheiro Geraldo de Aquino comunica a continuação, pela Federação Alagoana, da propaganda escrita e irradiada da Doutrina, pela Revista «A Luz» e pela Rádio Difusora de Alagoas, e informando, ainda, a fundação do Ginásio Espírita PORANGABA.

Minas Gerais — O conselheiro Dr. Miranda Ludolf comunica a realização, com satisfatório êxito, da II Concentração Espírita Regional do Alto Paraíba.

Após comentários sobre assuntos de interesse, informa o Presidente que a Federação Paranaense resolveu adiar, para a primeira quinzena de 1961, a reunião da Confraternização Espírita de Orientadores da Infância e da Juventude, naquele Estado.

Às catorze horas, é feita pelo representante da Bahia a prece final e encerrada a reunião pelo Presidente.

III Semana da Fraternidade

Em Belo Horizonte — Capital do Estado de Minas Gerais, teve lugar nos dias 5 a 9 de julho, próximo findo, a III Semana da Fraternidade promovida pelos Grupos da Fraternidade, movimento espírita extraordinário, que atraiu, para aquela grande cidade, mais de 600 pessoas, de várias partes do Brasil.

O programa das solenidades, consistiu de parte prática com organização de diversas comissões para apreciação em conjunto das materias estudadas, e de outra parte teórica, na qual foram ouvidos conhecidos oradores.

Assim, dia 5, na sede da União

Espírita Mineira, falou o dr. R. A. Raniéri, de São Paulo; dia 6, na mesma sede, usou da palavra o jornalista Henrique Rodrigues; dia 7, no Instituto de Educação, houve conferência do prof. Rubens Romanelli; dia 8, conferência do prof. Newton Gonçalves de Barros, na Secretaria de Assistência e Saúde; e no dia 9, encerramento com a palavra breve de vários oradores e posse da nova Diretoria da Oscal, atos êsses realizados na sede da União Espírita Mineira.

Em Santa Fé do Sul

Em 12 de julho p. f., na sede do Centro Espírita «Allan Kardec», às 14 horas, foi iniciada a 1.^a Concentração de Mocidades Espíritas da Alta Araraquarense.

Participaram dela os seguintes representantes de Mocidades: Devair Gigante, de Tanabí; Miguel Parras Gomes, de Votuporanga; Olivio Fernandes Martins, de Fernandópolis; Antonio M. Carrilho, de Guaraní D'Oeste; Matias Martins, de Meridiano; Maraíse Balesteiro, de Populina; Francisco José Martins,

de Jales; Dirceu Ferreira, de Três Fronteiras; além dos representantes da Mocidade Espírita «Amor à Verdade», de Santa Fé do Sul, tendo como presidente a srta. Prof.^a Yvone Margarida Panazzolo.

Para abertura da reunião foi feita uma prece, pelo sr. Francisco José Martins e, logo em seguida, cantado um hino por todos os presentes.

Prosseguindo, Neuzi Dall'Occo declamou a poesia «Deus». Após a declamação o sr. Paulo de Castro, de Guaraní D'Oeste, que presidiu a reunião, dirigiu algumas palavras ao público sobre a Concentração.

Logo em seguida foi eleito o presidente diretor para as próximas reuniões desta Concentração de Mocidades da Alta Araraquarense, para tal foi eleito o sr. Miguel Parras, de Votuporanga, sendo que a cidade sede também será Votuporanga, onde dar-se-á a próxima reunião no mês de outubro vindouro.

Tendo a palavra o sr. Paulo de Castro fêz êle uma explanação sobre o tema «Pena de Morte.»

Para encerramento desta reunião foi feita uma prece pelo sr. Jucelino Pereira Tangerina, de Tanabí.

Notícias de São Paulo

Semana Espírita — Encerra-se hoje a II Semana Espírita da Cidade de São Paulo, promovida pelo Conselho Metropolitano da USE. Às 20 horas, no ginásio do Pacaembu, o sr. Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira, vindo do Rio especialmente para êsse fim, pronunciará uma conferência doutrinária. Entrada franca.

Defesa da Escola Pública — Instala-se amanhã, às 19 horas, no auditório da Federação Espírita do Estado, rua Maria Paula, 158, a I Convenção Espírita de Defesa da Escola Pública, convocada pelo Clube dos Jornalistas Espíritas. Às 20 ho-

ras, no mesmo local, o prof. Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, pronunciará uma conferência sobre o Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Entrada franca. A convenção durará uma semana. Nos dias seguintes, haverá reuniões plenárias e de comissões, e as seguintes palestras: terça-feira, no Clube dos Jornalistas, rua S. Bento, 21, sobrado, prof. Apolo Oliva Filho, «Os Espíritas perante a Educação»; quarta-feira, prof. Dante Moreira Leite, Biblioteca Municipal, sobre «A Escola Pública»; quinta-feira, prof. Tomaz Novelino, Clube, sobre «Problemas da Educação»; sexta-feira, prof.^a Luiza Peçanha Camargo Branco, Clube, sobre «Religião e Edu-

cação»; sábado, dia 16, na Federação, leitura da Declaração de Princípios da Convenção, leitura e assinatura de memorial a ser enviado ao Senado, palavras dos representantes de delegações do interior e desta Capital.

Instituto de Cultura Espírita — Encontra-se nesta Capital, desde sábado, tendo pronunciado uma conferência durante a Semana Espírita, o prof. Deolindo Amorim, presidente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, com sede no Rio. O conhecido autor de «O Espiritismo e os Problemas Humanos», de «Espiritismo e Africanismo», «Espiritismo e Criminologia» e outros estudos de ordem doutrinária, participará da I Convenção Espírita de De-

fesa da Escola Pública, representando a instituição que preside.

«*Hora Espiritual*» — Hoje, das 14,30 às 15 hs., e todos os domingos, pela Rádio América, o programa doutrinário da Liga Espírita do Estado, «*Hora Espiritual*», sob a direção do confrade Euripedes de Castro.

Correspondência de 10-7-60.

Circular Oportuna

Belo Horizonte, 22 de Julho de 1960.

Amados Irmãos:

Desejando-lhes muita paz, rogamos a Jesus nos abençoe a todos.

Sendo necessidade da época atual definir-se, fazemos os espíritos superiores um apêlo — especialmente a entidade que se conhece com o nome de Emmanuel — grande autoridade nos meios espíritas — por intermédio do irmão Francisco Cândido Xavier, através da mensagem que a esta acompanha e se intitula «*DOCTRINA ESPÍRITA*».

Pede-nos aquela luminar entidade fazermos inserir a palavra «espírita» no nome de tôdas as instituições fundadas pelos seguidores desta tão consoladora Doutrina.

Não é esse apêlo uma crítica ou desejo de corrigir a quem quer que seja, mas tão somente um pedido, que ora transmitimos a essa respeitável instituição.

Sendo um pedido de nosso Irmão Maior, solicitamos sua cooperação no sentido de divulgar a mensagem que juntamos a esta por tôda parte, principalmente nos meios onde

exista tais problemas, incentivando, mesmo, aos dirigentes de semelhantes instituições a ratificarem seus estatutos e placas, se as tiverem, acrescentando o nome «espírita».

Perdõem-nos a insistência, mas sabem V.V. SS^a a responsabilidade que nos traz o nome «espírita».

Dizem uns: — o nome nada vale. A isso responderemos: — foi mudando o nome que o Cristianismo tomou rumo diferente. Por isso, tenhamos cuidado com o qualificativo que reconhecemos precioso e também verdadeiro.

Com um fraternal abraço dos irmãos em Jesus.

Sociedade Espírita «*Maria Nunes*»

João Nunes — Presidente

N. R. — Em a próxima edição publicaremos a Mensagem «*Doutrina Espírita*», de Emmanuel.

Em Jales

Segundo carta que recebemos de Raymundo de Souza Medrado, de Jales, realizou-se, nessa cidade, no dia 29 de julho último, a inauguração da nova sede do Centro Espírita «*Fé, Amor e Caridade*», e do Albergue Noturno do mesmo nome, o qual funciona anexo ao Centro.

Nesse dia, às 11 horas, foi oferecido um almoço a mais de 300 pessoas e em seguida procedeu-se ao ato inaugural em que tomaram parte vários oradores de núcleos espíritas da Região, entre os quais o representante do prefeito local Euphli Jales.

Fizeram-se representar os Centros Espíritas seguintes:

de Marinópolis, Três Fronteiras, Santa Fé do Sul, Guarani D'Oeste, Palmeira D'Oeste, Santa Rita D'Oeste, Córrego do Pavão, Meridiano, Turmalina, Rosalinda, Fernandópolis, Córrego do Feijão, Santana do Sul e Santa Albertina.

Terminada a solenidade, às cinco horas da tarde, foi servida farta mesa de doces, bolos e café a todos os presentes.

Numerosas pessoas assistiram a festa de inauguração, que dotou a cidade de mais um edifício e do serviço social do Albergue Noturno, com o que os espíritas de Jales cresceram a obra de benemerência que o Espiritismo espalha pelo país.

ÚLTIMA HORA!

Modificado, à última hora, o Boletim do Censo para 1.º de Setembro de 1960, vimos informar aos espíritas que o quesito Religião abrange agora os retângulos numerados de 15 a 23.

As pessoas que forem espíritas deverão traçar um X no retângulo 17.

Espírita

X

 17

Se alguém preencher o seu Boletim, exija que o retângulo n.º 17 seja assinalado a tinta ou lápis-tinta.

Solicitamos às Federações, aos Centros, aos periódicos e aos radialistas espíritas que façam chegar aos confrades estes novos esclarecimentos.

